

BERESFORD EM PORTUGAL

(FRAGMENTO POSTHUMO
DA BIOGRAFIA DO PINTOR SEQUEIRA)

A DOMINAÇÃO ingleza, aceite ou não, consentanea ou não com a nos-
sa indole, chegara ao seu auge pe-
los annos de 1815. O paiz nas con-
dições especialissimas, em que esta-
va, não podia reagir. Sofria aquelle despotismo da
espada estrangeira e esperava paciente que a Provi-
dencia lhe deparasse occasião para o sacudir.

A posição de Beresford lembrava a daquelles
tirannos gregos que, despojando o povo de toda a
liberdade, nivelavam as resistencias com o ferro, e
julgavam o seu poder seguro, porque haviam cer-
rado todas as valvulas, pelas quaes se poderiam ex-
halar as manifestações do descontentamento popu-
lar. O marechal era de facto o rei. Sobram exem-
plos que o provam. Para elle a lei deixava de ser
cumprida quando assim convinha aos seus interes-
ses. Já noutro lugar (1) referi o curioso episodio da
recusa do marechal em aceitar um pagamento na
fórma da lei, isto é metade em papel. Havia elle
ido queixar-se ao Rio de Janeiro da falta de com-
placencia dos governadores do reino para com as
suas vontades. Voltára marechal general e investido
de plenos e independentes poderes. Para acudir aos
gastos desta viagem baixou do erario do Rio de Ja-
neiro ao de Lisboa a provisão de 23 de janeiro de
1816, (2) ordenando que se dessem ao marechal
4:800\$000 reis. Chegado o marechal a Lisboa em
setembro de 1816 mandou o seu procurador ao er-
ario em 23 deste mez receber o dinheiro, que lhe foi
prontamente satisfeito na fórma da lei. Era então
o desconto do papel moeda 14 p. c., (3) perdia pois
o marechal 360\$000 reis. Com o fim de se furtar a
perda tão grande para quem tinha os seus enormes
vencimentos, não hesitou em ordenar ao procurador
que voltasse ao erario restituir o papel e reclamar
metal. O administrador daquelle tribunal, que então
era o marquez de Borba, um dos governadores
do reino, reconheceu a inconveniencia de reagir e
mandou dar o metal. Referindo, porém, o occorrido
para o Rio em seu officio de 25 do mesmo mez de
setembro (4) justifica-se de haver mandado dar o
papel, não só porque não tinha recebido ordem de
neste caso dispensar a lei: mas tambem porque era

certo que o marechal haveria feito na fórma da lei
as despezas, de que este pagamento ia indemnisa-lo.

Pouco tempo antes desejava Beresford uma casa
nas praias para fazer uso dos banhos de mar. Es-
colhera a casa do Monteiro em S. José de Riba-
mar. Immediatamente foi ordem do erario para que
nesta habitação se fizessem os reparos necessa-
rios. (1) Sobram nos nossos archivos provas que de-
monstram até á evidencia que o verdadeiro sobe-
rano de Portugal era Beresford. Citando as duas
que deixo apontadas quiz eu patentear que até nos
assumptos, que poderão parecer insignificantes, se
manifesta palpavel a immensa preponderancia do
proconsul inglez.

Não podendo o paiz cercar-lhe o poder, esme-
rava-se em lhe testemunhar apparentemente a ma-
xima deferencia. Em 1814 voltava elle de Inglater-
ra. Não perdeu o Juiz do povo este ensejo para mais
uma vez lhe afirmar a muita consideração, em que
eram tidos os seus serviços. Estão vivos nos archi-
vos da antiga casa dos Vinte e quatro (2) os discurs-
os tanto do magistrado popular como do general
inglez. Naquelle lê-se que «este povo reconhecido
conservará perpetuamente o nome glorioso (de Be-
resford) que será transmitido com saudade e res-
peito de paes a filhos». A resposta de Beresford é
curiosa. Fala muito na independencia e liberdade
de Portugal, na occasião mesmo em que elle vinha
a este paiz encetar um dos mais despoticos e op-
pressivos governos de que os seus annaes konser-
vam memoria.

É licito duvidar que dois annos depois fossem os
mesmos os sentimentos do muito honrado magis-
trado popular, mas não é menos licito crêr que se
elle tivesse de os expressar em publico não o faria
por outro modo.

O exercito não podia, por seu lado, conformar-se
com a politica de Beresford. Os officiaes portugue-
zes viam-se preteridos pelos inglezes, que em tão
grande numero se haviam deixado aqui ficar; viam-
se além disso systematicamente excluidos dos postos
superiores, exclusivamente reservados aos inglezes,
sendo que de capitão para cima poucos officiaes ar-
regimentados havia que fossem portuguezes. Esta
medida que podia explicar-se e justificar-se quando
se tratava de reorganisar o exercito e de combater,
em estreita alliança com os inglezes, o inimigo com-
mum, era agora vexatoria, injusta e iniqua. É fóra
de duvida que este sentimento dos nossos officiaes
foi explorado não só pela revolução abortada de

(1) *O Cenaculo*. Julho, 1875, pag. 162.(2) *Archivo do Trib. de contas. Arch. de R. Erario. Cont. G. da Cid. Ord. recebida*, do Rio de Janeiro, l. 1, fl. 77.(3) *Gay. de Lisb.* n.º 228 de 25 de setembro de 1816.(4) *Arch. cit. off. remet. ao erario do Rio*, l. 1, fl. 91.(1) *Arch. cit., thesouraria-mór. Thes. real*, l. 20, fl. 59. E note-se que a despeza era pouco mais de 90\$000 reis e por tanto muito accessivel aos recursos do general inglez.(2) *Arch. da cam. mun. de Lisboa. Reg. da casa dos vinte e quatro*. 1792-1825, pag. 80, v.

1817 mas tambem pela de 1820, e contribuiu sem duvida alguma para tornar aquelles movimentos simpaticos ao exercito.

Marquez de Sousa-Holstein.

LA ALONDRA

(A BENIGNO JOAQUIN MARTINEZ)

No bien el gallo anuncia
Que va á nacer el dia,
Comienza de los séres
La vaga sinfonía.

La sombra ha recogido
Sus misteriosos velos;
Despierta lo creado,
Sonrosanse los cielos.

Mas antes que resuenen
Montañas y llanuras,
La alondra vuela e canta
Del aire en las alturas.

Las aves que de noche
Quejido triste elevan,
Huyendo á las ruínas
Su horror á la luz llevan.

¡Como su voz discorde
Y solitaria advierte
Que enamoradas viven
Del sueño y de la muerte!

¡Oh alondra, mensajera
Del sol, y del trabajo
Que al hombre redimiendo
Su bienestar le trajo!

Animen tus canciones
Alegres y sonoras
Sus fuerzas abatidas,
Lo negro de sus horas.

Y el porvenir le traiga,
Sin noche y sin invierno,
Um himno perdurable,
Un sol que luzca eterno.

Madrid.

Ventura Ruiç Aguilera.

EMENDIGO

Já trabalhei quanto pude,
Regando do meu suor
Campos que não eram meus.
Velho e com pouca saude
Faltam-me as forças, senhor...
Peço por amor de Deus.

1878.

João de Deus.

ACÇÃO DA IMPRENSA

LNICIA-SE a provincia na vida publica, ingere-se no estudo dos seus interesses, como lhe incumbe, constituindo centros e publicando jornaes. Discute e critica os altos programmas da administração local, mandando para a publicidade, órgão de um milhão de vozes, factor principal da civilização europêa e norte americana, as questões vitaes do districto, do municipio e da paroquia.

É um progresso logico que se determina, conseguindo ou caminhando para o ideal da reacção communal dos seculos XIII e XIV. A capital hade perder assim da sua absorpção esmagadora, deixando de impôr a vontade absoluta de um ser superior. E notaremos aqui, sem longas explanações, a utopia declamadora de Victor Hugo com relação a Paris. Esta acção dos grandes centros só pôde ser defendida como elemento de *directão*, a força hegemonica.

Descentralizada a publicidade, ella conseguirá a completa independencia das esféras, no regimen que lhes deve ser proprio, que unicamente lhes pertence, harmonisando-as na concentração das forças communs, na unidade de soberania, que por si se desmembrará no momento dado, produzindo os efeitos *dinamicos* na acção pratica dos diversos poderes, que vivendo independentes, se impulsionam para um mesmo fim — a *estatica* do sistema.

A theoria é verdadeira, e todas as escólas filosoficas, por diversos caminhos, mirando a ideaes diversos, lhe votam aceitação, reconhecendo-lhe a utilidade, mas pretendendo harmonisal-a por um methodo mais proprio ao seu egoismo. E um facto tão positivo que, pela sua simplicidade, e pelo seu natural, só se devia dirigir ao interesse geral, anda ligado a questões do ceu e da terra, e tem servido, desde todo o sempre, na successão de muitas gerações, como base de preponderancias e dictaduras odientas e despoticas.

A concentração atrofiante constituiu o espolio do mundo romano para o feudalismo, e passou daqui para a civilização geral da nossa época. Esféras imperiaes subordinadas; desmembrações religiosas hierarquizadas; graduações individuaes mais ou menos disciplinadas: — tal é o quadro.

Na passagem de uma para outra conquista, até se chegar á independencia individual, dão-se grandes cataclismos, que não representam a sublevação de elementos num dia, mas a revolução permanente de muitos seculos, que apparecem dominados por

factos maiores, que são por si o ponto central de uma ideia, a característica de um immenso periodo politico ou social, como a descoberta do novo mundo dá nome ao seculo xv e o grito de consciencia livre de Luthero absorve o seculo xvi.

É a passagem da *unidade* theocratica do Egypto e da India para a *diversidade* europeia, de que fala Guizot, producto do caminhar incessante e paralelo do individuo e da sociedade.

Aquella *unidade* não merece as afrontas jacobinas, que marcam, ainda hoje, em homens, que se dizem rectamente educados em democracia, um periodo metafisico e rhetorico — a rhetorica scientifica, pretenciosa, que é a negação da propria sciencia e a inutilisação de espiritos muitas vezes inteligentes, eruditos, mas falsamente dirigidos.

Olham uma civilisação passada com modo desprezador, e numa extravagancia de bohemia litteraria, entusiasta, põem-se a contemplar os homens e as instituições segundo um criterio em que falam muito, mas que não conhecem, applicando-o abstracta e despreocupadamente.

Outros ha que se julgam inspirados. São os ignorantes intelligentes, que estão abusando em demasia.

Avistando ao longe a ideia, julgam desde logo possuil-a, e gastam della, extravagantemente, com audacia, com superioridade suberba. Desconhecedores dos factos, que não viram, que não compararam, induzem logo uma lei, e atiram-se á generalisação cegamente e atrevidamente; mas como nos dominios da sciencia se não ganham imperios, da audacia só resultam principios falsos e consequencias erroneas.

E este defeito avulta notadamente entre nós, muito salientemente. As instituições do passado, politicas, sociaes e religiosas, são consideradas isoladamente, sem que se lhes reconheça o valor de evolução.

Se não permitiam o ideal dos governos de hoje, a *estabilidade*, davam grandes civilisações, mais ou menos limitadas numa esféra, mas esplendidas nesse campo. É assim a Grecia. Não se procure ali a harmonia dos differentes elementos, mas o predomínio dum só. Neste, porém, admire-se a opulencia do seu esplendor. Talhava-se ao natural a epopêa, e é por isso que o genio romano copia o grego; Virgilio imita Homero, Camões imita Virgilio...

A resultante é clara. A civilisação antiga não deixava larga existencia ao esplendor de cada um dos elementos sociaes; nós, unindo-os, e dando-lhes liberdade, conseguimos a ingerencia de todos, sem a preponderancia de nenhum.

A verdade, descoberta por Guizot, no exame da evolução historica, tem base nas leis naturaes. Não lhe encontrou elle o fundamento pela falta da lei po-

sitiva, que pretendeu amesquinhar, e a qual, hierarquisando as sciencias, determinou a theoria. Não a encontrou pelo egoismo do seu criterio, que tinha em Royer-Collard um ideal fanatico e absorvente das suas altas facultades de generalisação.

A transição do velho para o novo mundo, encontrada pela historia da civilisação da Europa, na passagem da *unidade* para a *diversidade*, no campo social, politico, literario e artistico, é a fórmula de progresso dada por Bier e H. Spencer, e assente em exemplificações de astronomia, fisica, chimica, biologia e sociologia. É a lei caracterisada pelos tres periodos constituitivos: a *these*, concentração; a *luta*, separação de elementos; e a *synthese*, a harmonia da *diversidade* na *unidade*, sem preponderancias absolutas. O mesmo se encontra em Goëthe, em Carey e em Comte. Muitos antagonismos de escóla desapareceriam, se os lutadores da sciencia não tivessem o egoismo dos seus methodos.

Descuberta a lei na natureza, examinada a sua realisación na historia, pertence ao principio politico practical-a na vida real, sem conflictos de absorpção. Como poder estranho, e motor principal para conseguir este fim, está a *imprensa*, e é ella que marca a superioridade dos ultimos cinco seculos sobre todas as outras civilisações do mundo antigo.

Sujeita á mesma lei, está hoje descentralisada, e é nestas condições que pôde bem servir a politica dos povos, que foi e será sempre a questão que mais diz respeito aos seus interesses.

Sergio de Castro.

HISTORIA VERDADEIRA

Se eu lhe fizesse a côrte, ou se eu agora
Lhe quizesse dizer, minha senhora!

Um dito, um galanteio;
Não lhe chamava perola mimosa,
Nem lhe fazia versos côr de rosa,
Em namorado enleio.

Nem tão pouco, senhora! a comparava
Ao branco lirio, aos jasmíns de Java,
Aos raios do luar,
Ou á flôr virginal da laranjeira,
Que nas manhans de primavera esteira
As ruas do pomar.

Não lhe exaltava os olhos orientaes,
As delicadas mãos esculturaes,
O malicioso pé;
Não iria roubar quentes bellezas,
Ás sensuaes, romanticas marquezas
Dos versos de Musset.

Repetia-lhe apenas nesse instante
O lisonjeiro dicto, archi-galante
Do velho alabardeiro,

Que uma vez... O melhor é começar;
E, se me ouvir atenta, vou contar
A historia por inteiro.

É num museu. Avultam as brancuras
De formosas antigas esculturas
Nos altos pedestaes,
Chove do tecto a luz suave e morna,
Que num banho macio lhes contorna
As formas geniaes.

Deslumbram nas extensas galerias
As plasticas, reaes, anatomias
Da Grecia creadora.
Aqui, vê-se num extase adoravel
A belleza dogmatica, immutavel,
Da Venus vencedora.

Despe-lhe as formas tumidas, redondas,
Cahindo-lhe revoltado em largas ondas,
O manto desprendido;
E nesse corpo musical, severo,
Brilha um poema hellenico de Homero,
Eternamente lido.

Além, uma Diana caçadora
A tunica arregaça encantadora
Num infantil meneio.
Adiante, Baccho ao peito de Sileno,
E de Pallas um vulto alvo e sereno,
Com a egide no seio.

Olhando em volta a multidão divina,
Olimpica, marmorea, alabastrina,
A multidão pagan,
Parece-nos que assim eternamente,
Aquelles deuses ouvem docemente
Um cantico de Pan.

Deixando a galeria. Na sahida,
Onde se une a escada bipartida
Num vasto patamar,
Destaca-se aprumado um velho guarda,
Empunhando tranquillo uma alabarda,
Grande, semi-lunar.

Tem o suberbo aspecto das figuras
Da meia idade. As velhas armaduras
Deviam-lhe servir;
A barba enovelada, a pelle rugosa,
Uma indifferença altiva e desdenhosa
Nostalgico o sorrir.

Pois, um dia, contaram-me que vendo
Uma linda mulher, que ia descendo,
O velho estremeceu,
E prendendo-a no largo peristillo:
«Não vos deixo fugir, Venus de Milo!
Fugir deste museu.»

Acaba aqui a historia. Se eu agora
Lhe quizer dirijir, minha senhora!
Um dicto lisonjeiro,
Repetirei apenas neste instante
Que lhe diria o mesmo que o galante
E velho alabardeiro.

A. Vasco de Mello.

THEOPHILO BRAGA



Theophilo Braga.

Elle passa na multidão inteiramente confundido no todo, como se fosse uma molecula da grande colectividade, que se chama o vulgo.

Magro, encolhido, vestido de escuro, com o passo apressado e miudo, mal despegado do chão, as abas da sua longa sobrecasaca ao vento, o chapéu alto ao meio da cabeça, o guarda-sol pendente de um braço pelo gancho de bambú, uns poucos de livros debaixo do outro braço, surratero, esquivo, estugado em linha recta da sua ideia para o seu fito, elle parece caminhar sempre no escuro, do lado da sombra, como quem se evade, em bicos de pés, sobre um tapete espesso.

Esse debil, de aspecto um pouco valetudinario, dorso curvo, ventre chato, estomago escavado, deixando descahir as calças em préguas sobre os sapatos, é o mais forte, o mais rijo, o mais energico temperamento que eu tenho conhecido.

Tem ouvido falar, muito por certo, no escalracho: é natural que o conheçam pouco, como de ordinario nos succede com as coisas de que se fala muito. O escalracho é a mais modesta e a mais insignificante das gramineas. No mez d'agosto, nos valles, á beira dos ribeiros, o escalracho é um pequenino ponto verde, como a cabeça de um alfinete, tremeluzindo ao lume d'agua na ponta de um fio tão subtil como um cabello. Em presença de uma fragilidade tão exigua, tão debil, tão mesquinha, a robusta solidez de um lavrador armado do seu machado, habituado a rachar o carvalho, a furar o granito, a mátar o lobo, descóra de susto. O escalracho póde mais do que o Hercules. Porque o escalracho tem por si a raiz: uma raiz immensa, interminavel, que não cessa de lavrar por todos os lados, alastrando-se como os tentaculos de um enorme polvo vegetal escondido sob a crusta da terra, revolvendo medonhamente o sólo, destroçando as searas, tombando as arvores, derribando os muros, desconjuntando as eiras.

Theophilo Braga é subcutaneamente da natureza do escalracho. Á periferia apparece apenas o gancho do seu chapéu de sol; dentro está uma raiz perfurante, dominativa, implacavel e tremenda: — a tenacidade.

Falando, como professor no seu curso, como conferente nas assembleias populares, elle descobre a poderosa contextura da sua personalidade e mostra que são do aço mais rijo e mais extraordinariamente temperado os tenuous fios que o prendem á vida. A força da vontade, a consciencia do poder, a alegria do triumpho, illuminam então a sua fisionomia asctica. Os seus olhos fulgem com uma expressão penetrante e inquisitiva sob a ruga pesada da testa; nas azas do nariz palpita-lhe o folego energico e impaciente de um gladiador, e, em quanto o seu busto immovel como o de um juiz e as suas mãos sobrepostas como as de um inutil, affectam o desprezo de todo o movimento teatral, a palavra cae-lhe do beijo grosso e sarcastico, com uma fluencia monotona mas inexaurivel, dominando, vergando, batendo o assumpto, como bate um malho sobre uma verga de ferro em brasa.



THEOPHILO BRAGA

(De uma photographia do sr. Fritz)

O desartificio da sua dicção tem a propriedade de encaminhar o espirito de quem o ouve na direcção da ideia que elle expõe muito mais eficientemente do que o poderia conseguir a exanime correcção oratoria; as suas emendas, as suas repetições, o repeguihar do seu estilo dão um relevo enorme ás suas frases, fazem penetrar o espirito do ouvinte na elaboração psicologica delle orador, armam rede, arrastam, obrigam a pensar dentro da mesma esfera em que elle se collocou, determinam correntes de colaboração entre elle e o seu auditorio; convencem finalmente; e, sem que ninguem se lembre de o applaudir, quando elle termina com o seu estribillo familiar, que bate no chão como um bordão caturra — *Esta é que é a cousa!* — o espirito colectivo e compacto do seu auditorio, repete convictamente: que a cousa é efectivamente aquillo.

Quando na sua qualidade de dissidente, de democrata, de

filosofo, de revolucionario, elle fulmina as instituições do velho mundo, que todos aquelles que pensam veem esboroar-se a pouco e pouco em torno da aspiração moderna, Theophilo Braga conserva sempre a friesa didactica, de uma imperturbabilidade tragica. Sem invectivas, sem exaltações sentimentaes, sem exclamações tribunicias, a sua palavra cae sobre a analyse dos factos condemnados com uma simplicidade de inflexão intraduzivel, semelhante ao som basso e lugubre de pregos martelados no caixão de um morto.

Como escritor, a sua obra contém dia a dia a historia do seu espirito. Trabalhador incansavel, não tendo largado a penna desde os quinze annos de idade, Theophilo Braga tem toda a sua vida intelectual posta ao sol, em plena rua, como a vida de Diogenes, o cinico.

Em 1864, impregnado ainda do metafisismo universitario,

o qual mais tarde elle devia raspar de si, como os antigos leprosos raspavam a lepra, esfregando a pelle com uma telha, Theophilo emprehende os desenvolvimentos da poesia e escreve com a mais extraordinaria frescura de originalidade e de inspiração tres livros que constituiram uma epoca na historia da poesia portugueza: *A visão dos tempos*, *As tempestades sonoras*, *A ondina do lago*.

O culto da poesia leva naturalmente o seu espirito analitico e investigador á curiosidade e ao estudo das origens tradicionais, e é desse periodo da sua evolução intellectual que data a publicação do *Cancioneiro*, do *Romanceiro Geral Portuguez*, da *Historia do Direito Portuguez*.

O exame das tradições fal-o penetrar ascensionalmente nos estudos historicos, e em 1869 principia a sahir á luz a *Historia da Litteratura Portugueza*. Theophilo Braga inaugura na colecção preciosa destes livros, de uma leitura ás vezes tumultuosa, mas sempre trasbordante, de materia observada e de factos trabalhosamente recolhidos, a critica comparativa, anteriormente desconhecida em Portugal. Paralelamente com a *Historia da Litteratura* publicou os resultados do seu exame dos textos classicos nas edições de Camões, de João Vaz, de Bocage, da *Chronica dos Vicentes*, e do *Cancioneiro da Vaticana*. Esta ultima obra bastaria, com as devidas condições de uma *réclame* bem lançada, para fazer em Portugal a reputação de seis ou oito eruditos.

O cancionero portuguez, publicado pelo romancista Ernesto Monacci, em Halle, é a reprodução diplomatica do texto manuscrito da biblioteca Vaticana, o qual se supõe ter pertencido ao erudito Angelo Colloci, falecido no meiado do seculo xvi. O referido texto era copia de um manuscrito do seculo xiv, mas o copista estrangeiro não conhecia a letra portugueza e trasladou de um texto muito deturpado; de sorte que a reprodução diplomatica de Monacci tem, como verdadeiro *fac-simile* que é, todas as dificuldades de leitura que se encontram no manuscrito da Vaticana. O intelligente editor italiano adoptou este processo com o fim de salvar o texto do manuscrito que se pulverisava, convidando os filologos portuguezes a emprehenderem o trabalho de uma lição critica. Foi esse trabalho o que Theophilo Braga levou a cabo como pagamento de uma divida nacional, que a litteratura portugueza contraíra com Ernesto Monacci. As mil duzentas e cinco canções foram integralmente restituídas á sua fôrma autentica pelos severos processos da hermeneutica, attendendo a metreficção, a fôrma stilica, a rima, a ritornella e o estudo comparativo da poetica provençal. Algumas canções que se achavam deturpadissimas apparecem hoje plenamente restituídas por meio de um processo, que o romanista Stork qualifica de *maravilhoso*. A nova edição do cancionero é precedida de um largo estudo sobre a poesia provençal portugueza (cento e doze paginas) em que se relata pela explicação critica do cancionero a vida litteraria das côrtes de D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV. A parte em que estabelece a filiação dos nossos cancioneros traz importantes revelações historicas, que resultam da critica comparativa de dados algumas vezes extremamente accidentaes. Neste prologo estuda-se ainda pela primeira vez o problema da unidade do lirismo europeu e expõe-se a uma nova luz o facto importantissimo das relações dos trovadores portuguezes com as tradições populares que elles imitaram. O cancionero da Vaticana é a fonte primordial da nossa litteratura. Sem elle seria impossivel escrever sobre bases positivas a historia litteraria de Portugal. Como auxiliar dessa ordem de estudos esta obra de Theophilo Braga não tem menos importancia do que as creações mais originaes.

De 1872 a 1877 data o periodo da renovação mental de Theophilo Braga, o seu advento na filosofia. Com um ardor

de que rarissimas capacidades poderão dar um testemunho tão eloquente, elle, humanista, literato, doutor em leis, poeta lirico, passa destemidamente uma esponja por cima de todo o seu passado e recomeça em novas bases a educação do seu espirito. Revê a mathematica para compreender de um modo positivo os fenomenos da quantidade, da extensão e do movimento. Revê a astronomia para compreender a lei mais geral de todos os factos do universo, — a gravitação da materia. Revê a fisica para compreender as correlações do calor, da luz, da electricidade, do magnetismo, da acustica. Revê a chimica para se apoderar do principio das proporções definidas e das leis da composição e decomposição dos corpos. Revê finalmente a biologia e todas as sciencias em que ella se desdobra para o fim de conhecer os seres vivos em todos os seus aspectos e em todas as suas relações organicas: a botanica, a zoologia, a anthropologia. É o trabalho de uma geração inteira emprehendido no cerebro de um só homem. É a tarefa de uma universidade ou de uma academia provida de todos os instrumentos de trabalho, — os gabinetes de física, os laboratorios chimicos, os observatorios astronomicos, os gabinetes de fisiologia experimental, os teatros anatomicos, as colecções mineralogicas e zoologicas, os museus archeologicos e ethnologicos e os archivos historicos, — tarefa extremamente complexa, feita por um só trabalhador isolado, sobre os seus livros, no fundo do seu gabinete.

É desse trabalho portentoso da revisão sistemática de todas as sciencias que procedem as actuaes convicções sociologicas de Theophilo Braga e os seus recentes livros *Traços geraes de filosofia positiva* e *Historia Universal*.

No ultimo destes livros, o mais importante de todos, a a historia apparece-nos pela primeira vez em Portugal com carater scientifico, considerada como um desdobramento da mecanica, da cosmografia e da biologia. A evolução da actividade humana acha-se rigorosamente submetida nessa obra ás modificações que lhe imprimem os grandes agentes assim divididos:

Agentes astronomicos. — A periodicidade do dia e noite, as estações, os climas, a luação;

Agentes fisicos. — A temperatura, a situação geografica, as materias transformadas em instrumentos;

Agentes chimicos. — A atmosphera, os alimentos, a luz e o calor;

Agentes biologicos. — A idade, o temperamento, a hereditariedade, a sexualidade;

Agentes sociologicos. — A linguagem, as religiões, as profissões industriaes, a politica, a moral do costume, a educação.

Eis, rapidamente esboçado, o modo como esses diversos modificadores actuam no ser humano:

O ritmo do dia e noite servindo de periodo á intermitencias das funções organicas.

As estações adaptando os organismos á variação do meio e actuando sobre a variedade das culturas.

Os climas actuando sobre a variedade das raças e suas distribuições no globo.

A luação, por meio da sua acção magnetica sobre a terra, determinando os ventos, as marés, as seivas e os fluxos animaes.

A temperatura influido na distribuição das especies, na estrutura organica por alteração de funções ou atrofia de órgãos em consequencia da inação.

A situação geografica motivando as migrações das raças, seus crusamentos, fôrmas da actividade industrial, e formas da agregação nacional.

As materias transformadas em instrumentos, como a pedra, o bronze, o ferro e a applicação das forças naturaes, como

o fogo, a agua, o vento, intervindo como recursos mecanicos, multiplicando as forças do homem, assegurando-lhe a sua acção sobre a natureza e mantendo-lhe a perpetuidade na especie.

A atmosphéa influindo na salubridade e na longevidade.

Os alimentos modificando os órgãos digestivos e determinando o desenvolvimento do systema nervoso.

A luz e o calor influindo na hematose, na carnação epidérmica e auxiliando o trabalho como o mais poderoso dos agentes mecanicos.

A idade influindo nas capacidades sexuaes, mentaes e moraes.

O temperamento influindo na estrutura organica pela selecção, no cruzamento das raças e por consequencia na sua vida historica.

A hereditariedade exercendo-se nos habitos, nos vícios congenitos, na transmissão dos progressos ou qualidades adquiridas e na constituição ethnica.

A sexualidade produzindo a organização da paz e a constituição da familia.

A linguagem promovendo o exercicio intelectual e conduzindo ás creações míticas e aos seus desenvolvimentos subsequentes até a formação das literaturas.

As religiões estabelecendo pelo sentimento a unificação da sociedade, a tradição nacional e as superstições populares.

As profissões industriaes estabelecendo as castas e as classes e diferenciando-as pelas aptidões e pelas riquezas.

A politica fazendo coexistir a livre acção do individuo e da colectividade perante o direito.

A moral do costume creando a norma ideal e a regra consuetudinaria.

A educação transmitindo aos novos o legado dos progressos adquiridos, e fundando a grande nação da Humanidade.

Mostrar como a acção convergente de todas essas forças impelliu o homem na sua grande marcha no tempo, desde a sua aparição no globo, através das diferentes idades prehistoricas até a civilização moderna, eis o objecto deste bello livro, destinado não só a marcar a mais noble tentativa de elevação no ensino da historia, mas tambem a dirigir a mentalidade social para a mais alta esféra da sistematização filosofica e da critica scientifica.

Como corpo de doutrina concreta este livro é inteiramente novo. Hade constituir epoca na historia das idéas portuguezas, e hade dar o padrão a todos os trabalhos do mesmo genero que houverem de se lhe seguir com intuitos verdadeiramente progressivos e civilisadores.

Simples, sobrio, duro, com habitos de uma austeridade espartana, sabendo reduzir as suas necessidades a toda a restrição a que lhe redusam os seus meios, vivendo no seu isolamento como Robinson na sua ilha, Theophilo Braga tem uma unica paixão, a paixão proselitica da sciencia. Não publica um volume por semana pela rasão unica de que não ha prélos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua penna. Escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu prazer supremo, o prazer de espalhar idéas. Esta enorme força é ao mesmo tempo a sua unica fraqueza; nunca se lhe conheceu outra.

Tem no estado mais acerbo a paixão da sua ideia. É um fanatico. No seculo xv ou no seculo xvi teria sido João Huss, Savanarola ou Calvino; em 1789 teria sido Marat ou Robspierre; no seculo xix, com a sua actividade sistematizada e com a sua impaciencia dirigida pela filosofia profundamente pacificadora de Augusto Comte, Theophilo Braga é o tipo mais perfeito do obreiro benemerito e do cidadão util. No meio

da sociedade portugueza, tão indifferente, tão despegada, tão apatica, entre a multidão dos caracteres dobradiços e moleza a que o egoismo dá em cada dia uma nova forma, assoprando-os, ou espipando-os, revirando-os, torcendo-os, espalmado-os, em todas as direções e em todos os sentidos, consolamos o poder contemplar, em uma figura como a de Theophilo Braga, a curiosidade rara que se chama — um homem.

Ramalho Ortigão.

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN



marquez de Souza Holstein nasceu em Paris aos 20 de abril de 1838. De seu pae, o illustre duque de Palmella, recebeu tão apurada educação, como se podia esperar de um homem, cujo delicado gosto se formára em França no convívio literario de espiritos superiores.

Em 1852, contando apenas quatorze annos de idade, matriculou-se no primeiro anno da faculdade de direito da universidade de Coimbra. Em 1858 recebeu o grau de doutor, como se quizesse com este diploma honroso realçar os braços da sua antiga nobreza, que dizem ascender aos Souzas de Arronches do tempo de D. Affonso III.

Quem falasse por algum tempo com o marquez, conheceria logo nas palavras, nos gestos, na fisionomia, inequivocos signaes de uma fina educação aristocratica e literaria. O seu espirito vivo e irrequieto não podia demorar-se muito no mesmo assumpto. Mas a variedade de conhecimentos, que possuia, permitiam-lhe, na sua conversação animada, o passar naturalmente e sem transições forçadas, de um a outro ponto, sem que, muitas vezes, aquelles que o escutavam se apercebessem da mudança.

O marquez falava e escrevia expeditamente as linguas franceza, italiana e ingleza. Viajando pelas nações respectivas, radicara-se-lhe no coração, principalmente na Italia, o amor da arte, feição carateristica do seu espirito cultivado. Na Academia de Bellas-Artes serviu por muitos annos, sem remuneração nenhuma, o cargo de vice-inspetor, empregando os maiores esforços para elevar o ensino quanto era possivel com a deficiente e acanhada organização daquella escola, e com os escassos recursos que o Estado lhe proporcionava. Sem o zelo infatigavel e ardente, que animava o marquez de Souza, a Academia não possuiria hoje tão ricas e numerosas colleções, como são as de pinturas, de metaes esculpidos, de louças, etc., etc.

Aquelles que não ignoram a insuficiencia da dotação da Academia e a repugnancia dos governos em dispender com as Bellas-Artes, as aquisições realisadas pelo marquez chegaram a parecer prodigiosas. As suas vistas, augmentando assim as colleções da Academia, eram formar pouco e pouco um nucleo para a fundação de um muzeu nacional. Era esta a sua grande aspiração, que os governos lhe iludiram com enganosas esperanças, até que a morte lhe cerrou os olhos, sem vér cumprido o seu desejo.

Merecia-lhe sobre tudo particular cuidado a historia da arte nacional. As colleções da Academia contém objetos importantissimos, que, sem a diligencia do marquez, se teriam perdido, levados pela maior parte para fora do reino. Todos se lembram ainda da notavel exposição retrospectiva da arte

portuguesa em Paris, no anno de 1867. A escolha e colleccionação de objetos que de todas as partes do reino foram áquella exposição universal, fiseram-se sob a illustrada direcção do marquez.

Em 1875 promoveu pelo ministerio do reino a nomeação de uma comissão para a reforma do ensino das Bellas-Artes e fundação de muzeus em Portugal. Nos trabalhos desta comissão, que duraram desde 29 de novembro daquelle anno até 14 de fevereiro de 1876, desenvolveu uma atividade febril. É para notar-se que em tão breve espaço de tempo fossem elaborados e discutidos todos os vastos e importantes projectos que correm impressos.

Em tudo o que respeita ás Bellas-Artes, Portugal ficara-se muito atraz dos outros povos cultos. O ensino deficiente e acanhado. Nenhum muzeu que mereça este nome. Os monumentos abandonados á mercê da ignorancia ou má vontade dos cabidos, municipios e paróquias. A comissão apresentou projectos para suprir todas estas faltas. Mas tudo isto era forçoso que augmentasse a despesa do Estado em algumas dezenas de contos em cada anno. (1) E um paiz, habituado a vêr dispendir, não dezenas, porém milhares, em caminhos de ferro, estradas e pontes, taxaria de imperdoavel desperdicio o que se dispendesse com a pobre, com a miserriima arte nacional.

O governo chegará a autorisar a comissão para arrendar um edificio, onde se dêse principio ao *muzeu*. Algumas difficuldades a impediram de aceitar tão importante concessão.

Conhecidos os seus projectos, desde logo se tornou impossivel realizar está ou qualquer outra reforma. A comissão cometera uma falta gravissima. Quisera nem mais nem menos que organisar os serviços concernentes ás Bellas-Artes pela forma que ha muitos annos o estão na Belgica, na Hollanda e até na propria Hespanha. (2)

O governo que se tornasse cúmplice de tamanho atentado poderia provocar alguma revolta. Os projectos foram para o limbo, donde provavelmente jámais sairão.

O marquez de Souza Holstein colaborou na *Revista Contemporanea*, nas *Artes e Letras*, na *Academia* de Madrid, no *Atheneum* de Londres e em outros jornaes.

Desejando chamar a atenção do publico para a necessidade urgente das reformas encarregadas á comissão a que presidia, escreveu as *Observações sobre o actual estado das*

(1) Em 1836 foram dotadas as Academias de Lisboa e Porto com a verba annual de 32.400.000 réis. Hoje dispende-se com as duas escolas meos de metade desta quantia. A comissão a que presidiu o marquez de Souza calculava que o aumento de despesa que importariam todos os projectos de reforma que apresentou, não excederia 8.000.000 réis, além da soma com que em 1836 se dotára o ensino artistico em Portugal. Ainda assim não faltou quem taxasse de *ruinosas* as pretensões da comissão.

(2) Na Belgica, desde 1835 (ha 43 anos!) funciona junto do ministerio do reino uma comissão, denominada de monumentos, porque em principio tinha apenas por encargo o ser consultada pelo governo sobre a reparação dos monumentos e sobre a reparação dos edificios publicos. Depois alargaram-se as suas attribuições. Em 1860 nomearam-se-lhe em cada provincia membros correspondentes, para, de tres em tres mezes, se reunirem os de cada provincia na sua respectiva capital, a fim de discutirem em commum os objectos da sua competencia.

Os muzeus de Bellas-Artes são administrados por comissões naturalmente relacionadas com a primeira.

Na Hespanha ha tambem deputações provinciaes relacionadas com a Academia de Bellas-Artes, de S. Fernando. Esta organização tem por fim promover os estudos archeologicos, a conservação e reparação dos monumentos. Mas por onde melhor se avalia a importancia que os nossos visinhos dão ás Artes é pelos muzeus.

Em Madrid ha o Muzeu Real ou do Prado, o Muzeu Nacional, a Galeria da Academia de S. Fernando e o Muzeu Archeologico. Um rico e distinto cirurgião fundou recentemente o Muzeu Anthropologico.

Além dos muzeus de pinturas de Madrid, ha outros importantes para o estudo da Arte nas respéttivas provincias, em Sevilha, Toledo, Valhadolid, Valencia, Barcelona, Saragoça e Escorial.

artes em Portugal, a organização dos muzeus e o serviço dos monumentos historicos e de archeologia.

Foi tambem seu o projecto da fundação de uma Academia de Bellas-Artes e de Archeologia, o primeiro dos quatro apresentados pela comissão.

Quando, em 1877, a Academia Real das Sciencias resolveu celebrar algumas conferencias ácerca dos descobrimentos e colonisações dos portuguezes na Africa, o marquez de Souza inaugurou esses trabalhos, lendo um discurso notavel ácerca da Escola de Sagres e das tradições do infante D. Henrique.

Foi este o seu ultimo trabalho literario. Logo depois começou a padecer a longa e dolorosa doença, da qual faleceu em Lisboa aos 30 de setembro de 1878.

A. Filippe Simões.

ENLEVO

Quando eu contemplo os olhos teus, ó pura
Obra de Deus num dia abençoado!
Sinto que vóo ao ceu arrebatado,
Preso aos raios da tua formosura.

E uma gostosa e lirial ternura,
Bem como um véu de beijos estrelado,
Cobre o meu coração electrizado,
Cego de amor e cego de ventura.

És como a lua placida e erradia:
Ao teu olhar meu coração ancioso,
Igual aos bosques quando expira o dia,

Repousa envolto num profundo gozo,
E a ti se eleva a minha poesia,
Bem como a voz dum rouxinol medroso.

Roma.

Luíz Guimarães Junior.

TRANSCENDENTALISMO

Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descança em paz o coração.
Cahi na conta, emfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e á Sorte se disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrario do templo da Illusão,
Só encontrei, com dôr e confusão,
Trevas e pó, uma materia bruta...

Não é no vasto mundo — por immenso
Que elle pafeça á nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esféra do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, soledade,
Vôa e paira o espirito impassivel!

Anthero de Quental.

LORD BYRON EM PORTUGAL

(EXCERPTO DE UM ESTUDO INÉDITO)

Partida de Falmouth—Successos e publicações anteriores—Versos escritos a bordo do paquete de Lisboa—Situação, retrato, família e vocação de Lord Byron.



NOI no dia 11 de junho de 1809 que lord Byron deixou Londres para ir viajar, levando em sua companhia Mr. Hobhouse e tres criados, Fletcher, Murray e Bob. Partindo com destino ao Levante, veio antes a Portugal e á Hespanha. Era a primeira vez que saía de Inglaterra.

A 3o desse mez, já em Falmouth, fez uns versos que estão publicados nas suas *Occasional Pieces* (*Poesias Diversas*), e têm por titulo: «Lines to Mr. Hodgson on board the Lisbon packet» (*Linhas escritas ao sr. Hodgson a bordo do paquete de Lisboa*). (1) A 2 de julho o navio fez-se ao mar demandando o nosso porto.

Nesse dia começou a incessante peregrinação da sua vida errante e agitada. Viajava continuamente, e quando não andava em viagem, não se esquecia do mar... nadava! Entre outras proezas deste genero ficou memoravel a sua passagem do Hellesponto. Pode dizer-se que era a sua esposa a onda. Entregava-se-lhe com ardor e voluptuosidade. Ambos, monarcas das tempestades, uniam-se então ao suspirar do vento, estreitavam-se em delirio, e pareciam firmar cada vez mais nesse misterioso hime-neu a sua missão dolorosa de amargura e desespero. Ha, parece haver, imprescrutaveis relações entre o seu genio e tão singular disposição da natureza. Batido por ventos contrarios, misantropo e só, Byron ia, como a onda, de praia em praia, soluçando um gemido permanente... sempre dominado por essa luta cruel entre a realidade e o ideal, que vem a acabar no desprezo dos homens ou numa infinita piedade, e que nos explica o sarcasmo pungente de Me-fistófelles e o sorriso evangelico do bispo Myriel!

A esse tempo, o joven Byron tinha já tomado assento na camara dos lords, e era um poeta distincto e conhecido na Gran-Bretanha.

As *Horas Vagas*, primeira collecção de seus versos, que saiu a lume no fim do anno de 1807, e á qual pertencem as bonitas quadras em que foi celebrado o genio de Camões, não era, como todos sa-

(1) Lord Byron chamava a este paquete de Lisboa assim como se lhe chamava cá paquete inglez, ou paquete de Inglaterra, como se vê dos jornaes do tempo, e da—Relação do que vem de mais notavel nas *Gazetas de Londres*, até á data do primeiro do corrente mez de setembro, recebidas pelo paquete de Inglaterra, que chegou ao porto de Lisboa a 13 deste mez. (Setembro de 1809). Lisboa. Na Impressão Regia. Anno MDCCLXIX. Com licença.

bem, para passar despercebidos. E, se em verdade o não foram das pessoas de bom gosto, menos o poderiam ser da inveja, que immediatamente entreviu nessas mimosas primicias da inspiração de Byron o poeta que, mais tarde, encheu o mundo da fama do seu nome.

É fóra de duvida que, para lhes sairem os golpes mais certos, a maledicencia e a perfidia romperam o fogo na *Revista de Edimburgo* (janeiro de 1808). *Jornal acreditado*—observa a este respeito o autor da *Notre-Dame*. (1) Com razão. Porque a immensa publicidade da *Revista* sobrepujava de certo a que poderia ter a estreia de um poeta, ainda ignorado e desconhecido. Porque, uma vez emitido o juizo critico dessa importante publicação, que todos acolheriam com o costumado respeito, seria preciso tentar um esforço prodigioso para desfazer logo o efeito produzido no espirito publico. Finalmente, a grande autoridade dos redactores e colaboradores da *Revista* devia toda ella reverter em descredito da lira de Byron, confundil-o, esmagal-o. E depois, quem poderia imaginar, lendo no futuro, que elle jámais se ergueria de tamanha queda?... Confiou-se nisto, mas confiou-se mal.

A réplica não se fez esperar por muito tempo. Como a invectiva fóra injusta, violenta, mordaz, assim a represalia foi cruel, desapiedada e ferina. A sua publicação, quero dizer, a publicação dos *Bardos Inglezes e os Criticos Escossezes*, á qual se oppunham todos os amigos de lord Byron, conforme elle proprio confessa no prefacio do poema, causou uma sensação extraordinaria. O faro do escandalo atrahiu muitos compradores ao livro, cuja edição se consumiu em pouco tempo. Similhante desforço ia muito além da provocação,—ninguem o desconhece. Era, todavia, um desforço. E se esta consideração não bastava para resgatar plenamente todos os excessos que se tem notado a essa satyra viperina, o certo é que os fez esquecer e perdoar facilmente. Mais que tudo, porém, foi a brilhante revelação de um engenho grande, de um verdadeiro poeta!

Sinto não poder trascrever aqui, por muito extensa, a celebre diatribe da *Revista*. Comtudo citei alguns periodos mais notaveis:

«A poesia do nosso joven lord pertence a um genero que nem os deuses, nem os homens toleram. É tão trivial a sua inspiração que bem se póde comparar á agua estagnada. O nome autor, como quem pretende desculpar-se, não cessa de nos recordar que é menor...» (2) Quer talvez dizer: «Aqui está como escreve um menor!...» Mas, infelizmente, todos nós nos lembramos dos versos de Cowley aos dez annos, e dos que fazia Pope aos doze! Em nenhuma maneira nos surprehende

(1) *Litterature et Philosophie Melées*—«Sur lord Byron, à propos sa mort.»

(2) Na 1.ª edição das *Horas Vagas*, o nome do autor era seguido da palavra menor. By George Gordon, lord Byron, a Minor.

ver que um alumno faz maus versos ao sair do collegio. Não ha cousa mais vulgar. De cada dez nove podem fazer o mesmo e melhor que lord Byron.

«Com effeito, e só esta consideração (*a da posição social do autor*) que nos move a dar na nossa folha um logar a lord Byron, além do desejo que temos de lhe aconselhar que se deixe de poesia para fazer melhor uso dos seus talentos.

«Com este intento dir-lhe-hemos que a rima e o numero dos pés, dado que este fosse sempre o mesmo, não constituem de per si toda a poesia. Muito folgariamos que elle se persuadisse que são tambem indispensaveis os dotes do espirito e da imaginação, e que um poema para ser lido hoje carece de algum pensamento novo, ou que o pareça pela fórma.

«Deveria, tambem, lord Byron ter reflectido no perigo a que se expunha em se abalançar ao que outros poetas tentaram antes d'elle, porque as comparações são sempre desagradaveis (como teria occasião de aprender com o seu mestre de primeiras lettras).

«Pelo que respeita ás suas imitações da poesia ossianica, confessamos a nossa incompetencia para as julgar. Querendo expor a nossa opinião sobre as rapsodias deste novo imitador, recebemos deveras cair na apreciação do verdadeiro Machfer-son... Tudo o que podemos dizer sobre este ponto é que sabem muito a Machfer-son e são tão inspidas e estupidas como as do nosso compatriota.»

Voltemos aos versos escritos a bordo do paquete de Inglaterra, nos quaes porventura o famoso poeta escreveu pela vez primeira o nome da nossa famosa capital.

Fórma essa ligeira e graciosa composição um pequeno quadro marítimo, animado, expressivo, cheio de graça verdadeiramente espontanea e tambem de ironia e de desprezo das cousas humanas, cujo lado ridiculo se deixa perceber, mais ou menos, em todos os lances da vida, e até nos mais notaveis acontecimentos não consegue occultar-se totalmente ás vistas sagazes de um espirito observador.

A hora do embarque foi desta vez o thema prosaico que a musa festiva de lord Byron se deleitou a variar em cinco estancias. A fórma de todas ellas, caprichosamente rendilhada, não é de nenhum modo extranha ao encanto, que a leitura produz. Pelo contrario, é grande parte, parte principal. E por isso talvez impossivel, de certo difficilimo, trasladar satisfactoriamente esses versos aos do nosso, aos de qualquer idioma. Entretanto darei uma leve ideia desse espirituoso *adeus*.

Byron canta primeiro o vento que principia de enfunar as vélas, o signal e o tiro da partida, o caes, os malsins da policia do porto, os volumes da bagagem, os cuidados de um burguês, a impaciencia de largar a terra, os prantos feminis, o praguejar dos catraeiros, e até o enjôo de uma dama!

Menciona depois em tom de maliciosa jovialidade o gentil capitão do barco, *Gallant Kidd commands the crew*, a estreiteza dos beliches, o seu amigo

Hobhouse, os tres criados, os balanços da embarcação, e um marujo a quem pede auxilio para se sustener em pé:

Bear a hand, you jolly tar, you!

«Emfim cá vamos para a Turquia» — diz a ultima estancia, memorando ao mesmo tempo a incerteza da volta, a inconstancia dos ventos, os perigos do mar, a farça desta vida! E a proposito faz a seguinte profissão de ironia: «Em terra e no mar, quer doente, quer de saude, é rir de quanto ha, é rir de tudo! Rir e beber! O mais... que importa o mais?»

*Laugh at all things,
Great and small things,
Sick or well, at sea or shore;
While we're quaffing,
Let's hare laughing —
Who the devil cares for more? —*

E termina, como um verdadeiro inglez, pedindo uma gota de bom vinho que, diz elle, «não falta, de certo... nem mesmo a bordo do paquete de Lisboa!»

*Some good wine! and who would lack it
Ev'n on board the Lisbon Packet*

Mais direi, como remate destas breves noticias, que lord Byron ainda não possuia os avultados bens de fortuna, cuja memoria anda ligada á do elegante morador do palacio Mocenigo, em Veneza, e á da sua gloriosa expedição á Grecia. Só mais tarde os veio a adquirir pelo seu casamento com miss Milbanke, herdeira da opulencia dos Wenworth, pelo producto das suas obras, e pela rigorosa administração de sua casa nos ultimos annos que viveu. Mas estava na flôr da juventude, contava apenas vinte e um annos de idade, e era *um bello moço*, como d'elle escreveu Goethe no *Segundo Fausto*.

Os cabellos negros, finos e mais compridos do que se usavam então, alteavam-se em graciosos anneis.

A fronte vasta, as faces mimosas, se bem que extremamente palidas, e a barba e os labios modelados á feição da beleza antiga pela pureza das linhas e graça do contorno, recebiam da luz de uns olhos pardos, muito limpidos e tão brilhantes que fascinavam, o seu maior relevo e a sua expressão mais bella.

Uma nuvem de tristeza, que não convinha com o seu estado, e menos com a verdura de seus annos, toldava-lhe habitualmente o semblante, cujas feições dotadas de uma mobilidade extrema e rara podiam

dizer com a mesma clareza e facilidade todos os sentimentos e todas as paixões.

Um bigode, quasi imperceptivel, completava essa fisionomia de tal modo perfeita que chegou a ser comparada á escultura dum bello vaso de alabastro, alumiado por dentro!

Por ultimo, a estatura regular, proporcionado de membros, e sem defeito apparente, a não ser num pé que era torcido (V. Walter Scott, Medwin, etc.).

Por demasia de ventura, Jorge-Noël Gordon, lord Byron, tinha um nome illustre pelo nascimento. Os seus appellidos de familia figuram com muita distincção nos annais da cavalaria da idade-media e nas subsequentes paginas da historia. Seu pae, o capitão Byron, contava por maiores os Byron da Normandia, que acompanharam a Inglaterra Guilherme o Conquistador. E por sua mãe, Catherina Gordon, de Gight, descendente de uma princeza de Escossia, lord Byron prendia a sua geração no tronco real dos Stuarts.

A esse nome, pois, estavam francos e patentes todos os caminhos do mundo. Para vir a ser celebrado em qualquer delles sobejavam a lord Byron os dotes peregrinos. Foi-o nas letras. Era o seu destino, melhor direi, a sua vocação. Que as prendas naturaes do espirito de si mui pouco valem, se não as afeiçoa e aperfeiçoa o trabalho, que é o lapidario dessas joias. A inspiração que elle tanto amou, e cujas produções tão cuidadosamente polia e acabava, foi ella que, tornando immortaes os seus poemas, lhe fez mandar ao mesmo tempo um rio inexaurível de dinheiro das arcas poderosas dos editores de Londres.

Tal era o viajante que embarcou em Falmouth no estio de 1809. O que veiu a ser depois, os seus erros e os seus triunfos, a soberania literaria que exerceu dentro e fóra da Inglaterra, e emfim a sua morte sublime, não me cumpre dizel-o aqui.

Alberto Telles.

CELESTE

Ha certas creaturas que só vél-as
Basta para a nossa alma ajoelhar.
Parece que derramam num olhar
Uma chuva de bençãos e de estrellas.

Tu, meu celeste amor! és uma dellas.
Vêr-te é sentir de subito innundar
A nossa alma num banho de luar,
Numa chuva de bençãos e de estrellas!

18...

Christovam Ayres.

O SIGNAL DA CRUZ

I



O congresso internacional das sciencias anthropologicas, no palacio do Trocadero, Mortillet, que em 1866 havia publicado um livro (1), cheio de curiosas revelações sobre a antiguidade do signal da cruz, voltou a tratar este assumpto, accrescentando ao seu notavel opusculo um capitulo sobre a alta antiguidade daquelle signal na America. Foram as sepulturas que na Europa lhe revelaram a cruz, perdida no fundo dos cemiterios pagãos, agora descubertos. Na America foi tambem na necropole d'Ancon, que ultimamente se achou aquelle velho simbolo. O sabio paleontologo Hamy, negando terem havido quaesquer relações entre os homens da idade do bronze, ou mesmo da primeira idade do ferro, com os Americanos, foi de parecer que os objectos encontrados em Ancon são posteriores á invasão hespanhola. As observações porém de Legnay dão mais razão a Mortillet do que a Hamy. O desenho da cruz d'Ancon encontra-se em todas as moedas locaes dos seculos decimo-quarto e decimo-quinto, isto é, dois seculos antes da descoberta do Perú. O simbolo é portanto indigena, ou duma importação pre-historica, visto que, durante todos os seculos historicos, tinha aquelle paiz transatlantico estado sempre escondido nas brumas escuras do desconhecido, e incommunicavel com a christandade.

As duvidas, porém, justificadas talvez na America, onde a exploração archeologica mal começa a sua obra, não são possiveis perante a velha Europa e a velha Asia resuscitadas. Estes grandes continentes não trazem, como Jesus Christo depois do terceiro dia, as chagas que o deram a conhecer, mas tem os seus grandes corpos velhos cubertos com os emblemas sagrados, de que a sciencia nova sacode agora o pó dos seculos. Veremos o cosmopolitismo antigo deste simbolo sagrado numa viagem feita a correr pelo velho mundo.

II

Não é um trabalho de polemica religiosa que emprehendemos. Fazemos apenas a archeologia da cruz. Vamos buscar nas suas fórmulas primitivas um signal, que os christãos adoptaram, mas que era velho já, muitos seculos antes do natal do christianismo. O Golgotha é o berço visível das crenças do

(1) *Le signe de la croix avant le christianisme.*

occidente, mas não é o berço da cruz. A sua genealogia vae radicar-se mais longe.

Na exegese archeologica considerava-se christão tudo o que tinha o signal da cruz. Nada tão inexacto. A cruz cobre a antiguidade como emblema religioso, antes de ser ensanguentada na montanha mais alta do martirologio christão.

O solo italiano, explorado todos os dias por sabios archeologos, abriu as suas entranhas para mostrar a cruz do fundo duma antiguidade de muitos seculos antes da éra vulgar. As explorações nas proximidades de Modena e de Parma revelaram a existencia dum velho povo morto, conhecendo já a cruz antes da vinda do Christo. Os instrumentos encontrados pertencem á idade do bronze. Os poucos que ha de ferro estão nas camadas superiores, e denotam já um certo progresso. Lartet encontrou mesmo num lugar visinho uma estação da idade da pedra. Aqui, porém, não ha vestigios da cruz. O signal, que havia de formar o centro do maior culto futuro, apparece pela primeira vez em vasos contemporaneos já do bronze, mas do bronze antigo. (1) A hypothese, que attribuia ao acaso a apparição do emblema, de que tratamos, cae diante da sua persistencia em todos os fragmentos encontrados.

Neste assumpto os cemiterios falam mais alto e mais claro do que outros quaesquer monumentos. Escutemos por isso nós logares do silencio e da paz as revelações da antiga fé morta.

Perto de Bolonha o cemiterio de Villanova offerece-nos grande numero de exemplares da cruz dentro de cento e noventa e tres sepulturas, ultimamente abertas. Existiam em todas ellas urnas com cinzas e ossos calcinados. No meio das ossadas, objectos de bronze denunciavam tambem vestigios de fogo. O bronze, porém, não é o unico signal da antiguidade daquellas sepulturas. As raras ruinas das antigas construcções são todas indicativas da fórma das habitações lacustres da Suissa, e as urnas são modeladas segundo a fórma que apresentam todos os vasos da estação do lago de Varese, dos primeiros tempos da idade do bronze, senão dos ultimos da idade da pedra. Nalgumas estações lacustres tambem, como nas do lago de Bouget, perto d'Aix-le-Bains, encontra-se o emblema religioso da cruz, (2) denunciando todos os objectos provenientes daquellas habitações da idade do bronze. (3) Tanto o cemiterio de Villanova, onde se descobriu este grande filão da archeologia da cruz, como o de Gollaseca, de que vamos já falar tambem, foram considera-

dos pelo erudito conferente de paleoethnologia, (1) perante a ultima exposição de Paris, coevos das habitações lacustres ou palafites, (2)

Nas velhas sepulturas, comprehendidas entre Sasona, Sesto-Calenda e Gollaseca abundam tambem os signaes da cruz. O lugar, em que mais tumulos se encontram, é a Codneliana. Biondelli deduz deste nome a sua origem celtica. (3) No velho idioma celtico Comelia significava cemiterio, e ainda hoje se designam os lugares dos mortos pela palavra gaelica *camell*. Os Celtas, que habitaram a Gallia cisalpina antes da conquista dos romanos, poderiam ter deixado ahi com os seus mortos aquelle emblema religioso. A ausencia completa de quaesquer objectos etruscos ou romanos dentro destas sepulturas, favorece Biondelli.

Continuando a interrogar os mortos nos lugares do seu descanço, encontramos tambem no cemiterio de Margabotto a cruz ornando as suas numerosas urnas cinerarias. A antiguidade aqui fixa-se com toda a segurança. O *aes rude* apparece dentro das sepulturas como uma data. A moeda do tempo de Numa accusa uma antiguidade de setecentos annos antes da éra vulgar.

Nas estações antigas do Tirol e da ilha de Chipre encontram-se tumulos com a mesma disposição, a mesma incineração, objectos identicos com vestigios tambem do fogo, não faltando a cruz. No Tirol, porém, apparecem já inscrições, o que denota uma época mais moderna. Uma das inscrições, illegivel como todas, está escrita em caracteres etruscos, e deve-se sem duvida aos tempos denominados proto-etruscos.

Nestas investigações da cruz é poderoso auxiliar a numismatica gauleza. Na margem direita do Sena, em Choisy-le-Roy, perto de Paris, encontrou-se uma moeda gauleza com o signal da cruz, e logo depois outra igual no Loiret. (4) Appareceram em seguida muitas outras de cunhos diversos, tendo a cruz nos dois lados da moeda. Uma sepultura só continha cerca de duzentas, misturadas com ossos, cinzas e carvão. A antiguidade aqui determina-se tambem. Tem de ser limitada pela conquista romana do lado dos tempos modernos e pelo seculo terceiro antes da nossa éra do lado dos tempos antigos, visto que os gaulezes não começaram a usar effigies nas suas moedas, senão depois das suas excursões á Macedonia e ao Epiro, donde trouxeram os filippes de oiro, que lhes serviram de modelos. Estas moedas importadas do Oriente foram imitadas primeiro servilmente, depois com modificações.

(1) Do bronze antigo composto especialmente de cobre e estanho, anterior aos Etruscos, que lhe juntavam chumbo, e por mais forte razão aos Romanos, que lhe juntavam zinco.

(2) Rabut — *Habitations lacustres de la Savoie*, pag. 15.

(3) Le Uon — *L'homme fossile en Europe*, pag. 230.

(1) O sr. Chantre, director do Museu de Lyon.

(2) *Révue d'anthropologie*, septième année, pag. 737.

(3) *Antichi monumenti celtici in Lombardia* — artigo dum jornal de Milão, citado por Mortillet.

(4) Saussaye — *Révue de numismatique*, 1837, pl. 3.

A primeira modificação foi o cunho da cruz. Os filippes de ouro falsificados na Gallia e as moedas de Marselha tiveram como accessorio aquelle signal. (1) Quando os tipos monetarios gaulezes começaram a mudar, o constante, o invariavel, foi a cruz. Depois começaram as moedas a sobrecarregar-se d'ornatos, como na meia-edade, mas a cruz permaneceu sempre atravez as alterações de todos os accessorios. Assim aconteceu com as moedas dos tectofagos, que occuparam a maior parte do Languedoc.

Nesses portos das romagens gaulezas existia o signal da cruz como emblema religioso, e os atrevidos aventureiros poderiam talvez, no regresso daquella sua grande expedição, havel-o importado. Já em muitas medalhas antigas d'Athenas e do tempo de Alexandre e dos Seleucidas se imprimiam os cunhos da cruz. (2) Não cabem, porém, dentro do imperio de Alexandre os dominios da cruz antiga. Quasi todo o Oriente nol-a mostra mais velha do que Jerusalem. Na Assiria a cruz figura nos peitos das estatuas ou nas mãos dos seus deuses, como nas dos nossos santos.

Os vasos sagrados da Lycia, com que os etruscos tanto se parecem, são ornados tambem com aquelle emblema. Os fenicios não só tinham a cruz, mas deram mesmo a sua fórma a alguns dos seus templos metropolitanos e coloniaes.

Na Irlanda, ultimo porto das viagens fenicias, as pedras dum monumento em Newgranje formam uma cruz. O *tan* egipcio era a cruz, e talvez mesmo o prototipo da cruz christan. Collocavam-no nas mãos de todos os seus deuses. Os primeiros christãos do Egipto estabeleceram mesmo a doutrina de que os deuses da antiga mythologia egipcia, trazendo na mão aquelle simbolo, eram os profetas pagãos da vinda de Jesus.

Na India era o signal da cruz, que se fazia na frente dos neofitos de Budha. Chamavam-lhe *swastika*, o que quer dizer salvação. Com este nome foi conhecida e venerada a cruz no Hindostão, no Kabbell, na Tasia e em muitos logares da Asia menor, onde Ludovig Muller seguiu a sua historia até ao seculo décimo-sexto antes da nossa éra. (3) Budha, que no Ceylão havia deixado a sua lendaria pégada, e que foi o peregrino de quasi todo o mundo, deixou tambem nas mais remotas regiões o signal da cruz. Na Escandinavia, onde são evidentes os vestigios do buddhismo antes de Christo, (4) en-

contra-se a cruz com a fórma indiana do swastika, tal qual apparece nos objectos ceramicos da edade do bronze, que figuram na exposição anthropologica. (1)

Antes de se esconder nas catacumbas de Roma, a cruz era pois venerada no Oriente e no Occidente. As suas fórmas é que variam com os tempos e com os lugares. Esta variedade, porém, é ainda a prova de que o desenho deste simbolo é significativo e intencional. Resta-nos conhecer o seu sentido primitivo e as suas transformações successivas até se hastear sobre os altares dos templos christãos. O que levamos dito, demonstra apenas, que a cruz era antes de Jesus Christo um emblema religioso cosmopolita.

Continuaremos.

Anselmo d'Andrade.

NO BOM JESUS DO MONTE

(VERSOS ESCRITOS NA PAREDE DO TERRAÇO DO CEDRO)

Vastidão! quando contemplo
O teu ambito infinito,
Sinto o respeito que um templo
Póde inspirar a um maldito.

A brisa, que traz da escarpa
Ondas de aromas vitaes,
Como nas cordas duma harpa
Suspira nos ciprestaes.

Nos orgãos dos arvoredos
Vibram musicas estranhas,
E esses monges — os rochedos
Prégam do alto das montanhas.

Pelas esplendidas naves,
Sob as abobadas santas,
Ouvem-se os salmos das aves,
Ondula o incenso das plantas.

E esse magnifico cedro,
Que ha tres seculos surgiu,
Tem a tristeza de Pedro,
Chorando porque mentiu.

Agosto, 1878.

Jayme de Seguiet.

MODESTA

Quando tu passas, flôr! e a lucida harmonia
Do teu andar cadente, augusto, virginal,
Faz no espaço esquecer a vaga symphonia,
Que solta pelo azul a osquestra matinal,

Eu que sinto no peito o regelado hynverno,
Que me annuncia a Morte, a noiva que me espera,
Julgo ainda encontrar — ó Sofrimento eterno! —
Os aromas, os sons, e a luz da Primavera.

1879 — janeiro.

Joaquim d'Araujo.

(1) Lenormant — *Révue de numismatique*, vol. III, pag. 239.

(2) Letronne — *Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, vol. XVI, pag. 272.

(3) *L'emploi dans l'antiquité du signe dit la croix gammée* — resumo francez do original dinamarquez de Ludovig Muller.

(4) Holmboe — *Traces du bouddhisme en Norwège avant l'introduction du christianisme*.

(1) *Révue d'Anthropologie*, vol. VII, pag. 734.

SCIENCIAS HISTORICAS

EM PORTUGAL

PUBLICAÇÕES DE 1878

I

Introdução á archeologia da Peninsula iberica, pelo doutor Augusto Filipe Simões, lente de medicina da Universidade de Coimbra. Parte primeira — Antiguidades prehistoricas. Com oitenta gravuras. Lisboa, Livraria Ferreira, 1878. 1 vol. 4.º VI— 177 pp.



O LIVRO do sr. A. Filipe Simões tem por fim condensar os dados colhidos pela archeologia prehistorica da nossa peninsula, pô-los em relação, esclarecendo-os, com os trabalhos feitos nos outros paizes, a fim de chegar a conclusões sobre a primitiva ethnologia hispanica.

A execução typographica do livro é cuidadosa, sem luxo. O texto tem intercaladas 80 gravuras d'objectos apenas em parte ineditas, que o esclarecem e augmentam o interesse do livro; uma tabella a p. 165-6 indica utilmente os livros de que ellas foram tomadas ou as collecções onde se acham os objectos.

Com relação á obra total de que este volume é a primeira parte diz elle:

«A superioridade relativa da Hespanha em comprehender e apreciar os estudos archeologicos claramente se nos patentêa em publicações de tal interesse e magnitude, quaes são os *Monumentos architectonicos* e o *Museo español de antigüedades*; e em monographias como aquellas que das suas respectivas provincias escreveram os srs. Villa-amil, Gongora, Sivelo, etc. Todas estas obras e alguns jornaes scientificos e literarios contêm grande copia de subsidios para o estudo da archeologia hespanhola. Mas até hoje ninguem a tratára ainda comparativa e syntheticamente. Para isto seria mister considerar tambem as antiguidades portuguezas, e Portugal não poderia offerecer a qualquer escritor hespanhol senão alguma rara memoria ou um ou outro artigo nos jornaes literarios. Entre nós até certo ponto facilita-se a empreza porque, se, por uma parte, a Hespanha nos subministra em tantas publicações, noticias e estampas dos seus monumentos, por outra parte, temos os nossos tão proximos de nós, que as distancias serão o menor dos obstaculos para quem pretender estudal-os ou descrevel-os.»

No estado actual dos estudos d'archeologia prehistorica peninsular um catalogo completo, tanto quanto possivel, das cavernas, megalithos, objectos d'arte e industria, ossos humanos, descobertos em Hespanha e Portugal e considerados como prehistoricos, catalogo critico, com todas as indicações bibliographicas convenientes, descripção das estações, onde foram feitos os descobrimentos, dos logares onde se conservam os objectos, comparação com objectos similhantes descobertos noutros paizes, carta ou cartas mostrando a distribuição geographica dos mesmos, um tal catalogo seria a nosso vêr o trabalho mais urgente e mais util para os progressos ulteriores duma disciplina importante, já rica de resultados, mas cheia de problemas, cujas soluções actuaes são em grande parte provisórias. Mas como se vê das palavras do sr. A. F. Simões não nos quiz elle dar um simples catalogo critico e comparativo,

mas sim um verdadeiro livro de factos e theorias. Nessa posição o autor teve necessariamente que fallar muitas vezes de modo dogmatico, de propor hypotheses de pura imaginação, de tractar até de cousas de que elle sabe muito pouco ou de que mesmo não se sabe ainda nada. Apesar de defeitos, ás vezes graves, o livro recommenda-se por valiosas qualidades e podemos estar certos de que contribuirá notavelmente para crear interesse pelos estudos prehistoricos entre nós. O autor estudou cuidadosamente quasi tudo o que na Peninsula se tem escrito com relação ao seu assumpto; vê-se que é versado em muitos dos principaes trabalhos do mesmo genero publicados em francez (originaes ou traduzidos) conhecendo menos o que dos italianos, inglezes e allemães, etc., não se acha ainda trasladado para aquella lingua, o que não implica a ignorancia das outras linguas modernas (o autor sabe, pelo menos, italiano e inglez), mas se explica pelo facto de que são os livros francezes os que se obtêm mais facilmente pela nossa livraria. Quem conhece a pobreza da bibliotheca da Universidade de Coimbra em publicações modernas, quem sabe que não ha faculdade de sciencias historicas, nem curso de anthropologia, nem archeologia em Coimbra e portanto nenhuma collecção particular de livros desses ramos de estudos nas bibliothecas particulares das faculdades, avaliará que esforços e sacrificios representa já o conhecimento que da litteratura da archeologia prehistorica nos revela o sr. A. F. Simões.

Entre os livros que temos á mão e que teriam sido uteis ao autor citaremos (as noticias bibliographicas são indispensaveis a quem deseja estudar):—1) *Flint chips, a Guide to prehistoric Archaeology*, as illustrated by the collection in the Blackmore Museum, Salisbury; by Edward F. Stevens. London. 8.º, 1870, que é um modelo de catalogo scientifico, acompanhado de muitas noticias uteis; 2) a obra classica de Boyd Dawkins sobre as cavernas, *Die Höhler und die Ureinwohner Europa's*. Aus dem Englischen übertragen von Dr. W. Spengel. Leipzig, 1876, que offerece um estudo desenvolvido sobre os esqueletos achados na Grã-Bretanha e Irlanda e comparações entre craneos ibericos e craneos daquellas duas ilhas; 3) *The ancient Stone Implements, Weapons and Ornaments of Great Britain*. London, 1872 (trad. franç. par E. Barbier: *Les âges de la pierre*. Paris, 1878); 4) *Congrès international d'antropologie et d'archéologie préhistoriques. Compte-rendu de la huitième session à Budapest, 1877*, Premier volume. Budapest, 1877, em que se acham algumas observações com respeito ás relações da idade do bronze e da idade do ferro, que o autor devia ter em consideração no seu capitulo sobre a idade dos metaes.

O livro está escrito com clareza; nos tres ultimos capitulos, a exposição é, porém, um tanto embrulhada. O estilo é agradável, sem abuso de phrases, didactico, o que é uma excepção muito apreciavel no meio da rhetorica que quotidianamente nos querem vender por sciencia.

Os puristas terão que fazer reparo a algumas expressões empregadas pelo auctor, mas esses *lapsus calami* provam que elle liga mais importancia ás cousas do que ás palavras. A divisão da obra merece a aprovação; dispensariamos porém o auctor dos capitulos finaes que excedem muito os limites da archeologia e porque, não só emquanto á exposição, mas ainda emquanto á materia se nos afiguram como muito inferiores aos precedentes.

O primeiro capitulo dá-nos uma historia succinta dos estudos prehistoricos. Se exceptuarmos algumas noticias interessantes com relação a Portugal, nada ali se apura mais do que já sabiamos por Hamy, Tubino, etc.

O segundo capitulo tracta da antiguidade do homem. Não sendo geologo, o autor não podia fazer aqui mais nada do que apresentar calculos e opiniões alheias, em parte já colli-

gidas nas obras de Lubbock, Lyell, etc.; mas podia e devia referir essas opiniões com todas as restricções que a critica apresentou contra ellas; por exemplo, vemos referida simplesmente a opinião de Horner (*Philosophical Transactions*, 1859, volume CXLVIII) com relação á antiguidade do homem no Egypto, sem indicação das objecções que reduziram assaz consideravelmente os calculos daquelle investigador. Vid. Oscar Peschel, *Völkerkunde*, 4.^a ed. (1876), p. 46-47, Lyell, *Antiquity of Man*, p. 38, trad. fr., 1.^a ed., p. 40.

O terceiro capitulo, *Antiquiora monumenta*, occupa-se das subdivisões da idade de pedra, da questão do homem terciario, em que o auctor é d'opinião negativa. Da epocha da pedra lascada parece serem rarissimos os monumentos industriaes na península e reduzirem-se por emquanto quasi aos descobertos na estação de San Isidro del Campo (arredores de Madrid). O isolamento desta estação pôde ser simplesmente apparente, pois as investigações prehistoricas na península estão apenas no começo; se esse isolamento se provasse, se nenhuns outros vestigios da industria humana correspondentes á epocha paleolítica dos outros paizes se encontrasse na região d'aquem Pyreneus, a estação de San Isidro seria inexplicavel ou não poderia ser considerada como representando realmente a idade da pedra lascada.

Dar-se-hia na nossa península o mesmo que na Scandinavia, onde não houve periodo paleolítico?

Emquanto aos instrumentos ou pretendidos instrumentos de pedra lascada descobertos pelo sr. Carlos Ribeiro em camadas terciarias e quaternarias de diversos pontos de Portugal, o sr. A. F. Simões não manifesta opinião propria, apesar de os ter visto na collecção da commissão geologica. Como se sabe, no Congresso de Bruxellas, de 1872, a questão dessas pedras e dos silices de Thenay ficou sem solução.

Franks, director do Museu britannico, numa nota lida pelo sr. Dupont, reconheceu em muitas das pedras apresentadas pelo sr. Ribeiro o trabalho do homem, mas fez reservas emquanto ao jazigo, que não visitou. É de lastimar que não tenhamos homens competentes entre nós para darem opinião segura sobre estas cousas.

O sr. F. A. Simões adopta a divisão da idade de pedra peninsular proposta por Tubino, fundada na não existencia aqui dum periodo mesolithico, caracterisado na fauna pela renna.

Esse periodo não é acceito por numerosos autores para outros paizes.

Reboux propoz em 1873, ante a Sociedade d'anthropologia de Paris, a divisão da idade da pedra em epocha paleolítica ou da pedra lascada, contemporanea do *elephas primigenius* e do mammoth, epocha mesolithica ou da pedra talhada, correspondendo á idade da renna; epocha neolithica ou da pedra polida. Mortillet objectou a essa divisão que ella tem o mesmo inconveniente que todas as classificações similhantes baseadas sobre a paleontologia; assim, por exemplo, em Baoussé-Roussé encontra-se toda a industria da epocha chamada da renna, sem vestigio algum da renna.

O sr. F. A. Simões modifica a divisão do sr. Tubino que fazia entrar um periodo do cobre na epocha neolithica, pela razão obvia de que o periodo do cobre pertence á idade dos metaes.

O capitulo iv, *Primicias da Arte*, descreve diversos objectos de arte e industria, considerados como remontando á epocha neolithica. Este capitulo contém muitas particularidades interessantes. O autor não hesita em attribuir á epocha neolithica os objectos e esqueletos da Cueva de los murcielagos (Gongora, *Antig. prehistoricas de Andalucía*, p. 25, ss.) refulando algumas objecções que poderiam levantar-se contra essa opinião; cremos que é mister proceder a um exame mais

detido da questão e determinar se aquella caverna, estação prehistorica, ou não, serviu no periodo historico da península de sepultura a mineiros, cujos esqueletos foram ali descobertos em nosso tempo.

A questão devia ser considerada sob este ponto de vista. Sabemos por uma passagem de Possidonio citada por Strabão (liv. iii, p. 122, ed. Müller-Didot), que a areia aurifera era lavada pelas mulheres ibericas, empregadas nesses trabalhos, numa especie de peneiras ou coadores entrançados á maneira dos cestos, o que é quasi uma descripção das bolsas de esparto que tinham os esqueletos, munidos tambem das alparcas ibericas. O collar com um dente de javali, dum dos esqueletos era sem duvida um amuletto da mesma classe dos amulettos, gallos e gallo-romanos, descriptos por Mortillet, *Revue d'anthropologie*, 1876, p. 577 e ss.

Recommendamos estes factos á attenção dos archeologos, que sob o ponto de vista da questão deviam estudar o que se refere ás minas de Hespanha nos escriptores antigos, fazer investigações nas antigas minas do periodo phenicio e romano, etc. Infelizmente não chegou até nós o livro em que Polybio tractou da metallurgia iberica, do qual só temos as interessantes particularidades extrahidas, por Strabão.

Além do que sabemos pelo grande geographo grego e por Plinio, *Hist. nat.*, lib. xxxiii e xxxiv pouco mais em verdade se pôde apurar nos escriptores antigos com relação áquelle ponto. Não será talvez inutil a seguinte nota do que conhecemos, com relação ás minas na antiguidade, escripto por eruditos modernos:

Pauly, *Realencyclopädie der classischen Alterthumswissenschaft*, art. Montes; Schmidt, *Dictionnaire of Greek and Roman antiquities*, art. *Metalla*; *Handbuch der römischen Alterthümer nach den Quellen bearbeitet*, begonnen von W. Adolph Becker, fortgesetzt von Joachim Marquardt. III^{ter} Theil II^{te}. Abtheil. p. 143 ss.;

Dureau de la Malle, *Economie politique des Romains*. 2 vols. Paris, 1840. T. II, 439-444;

Memoria sobre as minas de prata do Laurion na Attica por Augustus Boeck nas *Abhandlungen der kön. Akad. der Wissenschaften*, de Berlim, 1814-1815. p. 85-140, trad. ingleza em seguimento á obra do mesmo *The public economy of Athens*, translated by George Cornwall Lewis. 2.nd ed. London. 1842, 8.^o, p. 615 ss.

La table de bronze d'Aljustrel, rapport adressé à Monsieur le Ministre de l'Intérieur, par Augusto Soromenho, professeur d'histoire à l'école supérieure de lettres à Lisbonne, 1878. Folheto, 8.^o.

E. Hübner, *Römische Bergwerksverwaltung*. Folheto 8.^o extrahido da *Deutsche Rundschau*, 1877.

Aem. Hübner, *Lex metalli Vipacensis. Additamentum ad Corporis*, vol. II. Folheto 8.^o, extrahido da *Ephemeris epigraphica*, com annotações de Th. Mommsen.

Hübner indica nesse estudo sobre a taboa de Aljustrel outros trabalhos sobre a metallurgia dos antigos que não conhecemos. O seguinte que temos á mão é considerado como de valor muito inferior ao que se devia esperar dum engenheiro:

A. Leger, *Les travaux publics, les mines et la metallurgie des Romains, la tradition romaine jusqu'à nos jours*. Paris, 1875, 8.^o.

Leger diz a p. 690 o seguinte que não é sem interesse para a questão da Cueva dos murcielagos:

«On a retrouvé dans les anciennes mines de cuivre des Astures des haches en bronze (*dolabra*), des MARTEAUX EN PIERRE ou en fer (*mallej*), des coins en fer (*cunei*), des tenailles (*forçipes*), des lampes en terre cuite et des chaudières en bronze, qui faisaient partie de l'outillage des anciens mineurs.»

Os capitulos v e vi occupam-se das cavernas, megalithos e castros ou croas. As questões da origem ethnica, epocha da construcção e fim dos dolmens são discutidas no capitulo vii. Como se sabe a questão da origem ethnica dos dolmens tem dado logar ás mais encontradas opiniões. As observações do sr. F. A. Simões não me parecem proprias para esclarecer a questão; carecem da base dum exame completo dos factos conhecidos, de coherencia, e em grande parte de novidade. A p. 98 diz elle: «Não tem sido notada na distribuição geographica dos dolmens uma circumstancia que se nos affigura importantissima; e vem a ser o encontrarem-se quasi sempre nas regiões proximas do mar.» Ora esta circumstancia já tinha sido notada e mais de uma vez; por exemplo, Alexandre Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise* (8.º, Paris, 1876), diz expressamente a p. 25: «En Suède, comme en Gaule, les monuments mégalithiques sépulchraux se rencontrent généralement sur les côtes ou à proximité des cours d'eau,» e com relação á Suecia a p. 26: «Les dolmens se rencontrent surtout sur le bord de la mer.» Com relação á distribuição dos dolmens na Gallia, Bertrand fôra muito mais preciso ainda num escripto reproduzido no mesmo volume: «*Les dolmens se trouvent dans les îles, sur les côtes septentrionales et occidentales de la France, à partir de l'embouchure de l'Orne jusqu'à l'embouchure de la Gironde. Ils se groupent sur les pointes et caps s'avancant dans la mer. Dans l'intérieur, on les rencontre en majorité à proximité des cours d'eau navigables. Il est à noter que la rive droite de la Loire supérieure tout entière, le cours inférieur de la Seine, le cours entier du Rhône et de la Saône sont privés de dolmens* (p. 134).»

Na planche V da mesma obra offerece-se-nos uma carta da distribuição dos dolmens na França, e nos paizes ao noroeste até á Scandinavia, incluindo as ilhas Britannicas, onde se acha notada claramente a circumstancia que o sr. F. A. Simões julgou ter descoberto. A opinião da existencia dum povo navegador constructor dos dolmens, fôra tambem enunciada já por Bertrand; o sr. F. A. Simões repetiu-a simplesmente com variantes, com relação á marcha das problemáticas navegações desse povo, navegações que supporiam nelle uma organização commercial, muito anterior á dos phenicios, e imaginando, em logar dum, dous povos que teriam seguido, não como o povo hypothetico de Bertrand, do norte da Europa para o sul pelo occidente, mas sim em direcção inversa do sul para o norte. O autor menciona a hypothese de Bertrand (p. 97), que combate (sendo a delle repetimos uma simples variante da do archeologo francez), mas parece ignorar que Bertrand abandonou completamente a sua antiga opinião e não crê mais, rendido á evidencia dos factos, na existencia duma raça dos dolmens.

Não sabemos bem donde o sr. F. A. Simões conhece a antiga opinião daquelle autor; a p. 97 do livro que analysamos vemos citado Bertrand, *Les monuments primitifs de la Gaule*; é esse o titulo da memoria que Bertrand apresentou no concurso da Academia das Inscriptões e Bellas-lettras de França, em 1862, e que, crêmos, não foi publicada, entrando a substancia della em diversos artigos do *Dictionnaire d'archéologie*, publicado pela commissão topographica das Gallias; Bertrand publicou as conclusões da sua memoria na *Revue archéologique*, 1863, avril; esse artigo foi reproduzido no volume citado acima; ficamos pois sem saber se o sr. F. A. Simões se refere á memoria, se ao artigo; ao volume não é, pois aliás elle conheceria as novas opiniões do seu autor. Não é este o unico caso em que as citações do sr. F. A. Simões são por tal modo indefinidas que os que o leem e teem o habito, lendo, de se rodearem tanto quanto possivel da literatura de que se serviu o autor que leem, se veem embaraçados seriamente para conferir as suas referencias.

Não nos deteremos no exame das hypotheses mencionadas; limitar-nos-hemos a algumas observações com relação a este ponto. Onde vemos phenomenos sociologicos semelhantes ou identicos estamos bem longe de pretender achar sempre uma connexão ethnica ou historica. A opinião de muitos archeologos de que os dolmens correspondem não a uma civilização ou a uma origem ethnica unica, mas a um momento identico na evolução de diversos povos, parece-nos em grande parte accéptavel, sobre tudo se a restringirmos com a ideia de que diversos povos podiam ter communicado pela sua vizinhança ou por outro meio (invasões parciaes, traslações de povoações, de individuos mesmo, etc.) esse modo de construcção. Querer attribuir a um unico modo de propagação, a um unico vehiculo civilizador o phenomeno das construcções dolmenicas ou qualquer outro phenomeno sociologico que se repete em diversos tempos, num vasto campo geographico, é querer forjar um systema em opposição com a complexidade dos phenomenos dessa natureza.

Não explicamos por um mesmo povo ou por umã corrente unica de civilização a existencia dos sambaquis do Brazil, dos *kjökkenmöddinger* da Dinamarca e dos monumentos semelhantes que se teem descoberto na America do Norte, na Terra-do-fogo, na Australia, na Escocia, etc., como não attribuiremos a um mesmo povo as palafittas da Suissa e as dos papuanos da Nova Guiné e as construcções semelhantes de Birna, Sião, Cambodja, Africa central e America. Tem-se dito que no Egypto não ha vestigios de construcções dolmenicas, mas o templo de Gizeh é considerado como representando a passagem dum monumento megalithico para um monumento propriamente architectonico. (V. *Das Ausland*, 1875, nr. 51.)

Com relação á Scandinavia os factos permittiram asseverar no congresso de Stockholm que o povo que construiu os dolmens naquella região não era um povo navegante. Worsaae exprimiu-se a este respeito da seguinte fórma:

«A civilização dos monumentos megalithicos, do silex polido e dos animaes domesticos proprios á agricultura veiu effectivamente do sul. Ella teve entre nós por ponto de partida a peninsula do Jutland. Dahi passou á Fionia, depois a Seeland, depois á Scania. É a marcha natural das emigrações que querem tanto quanto possivel evitar o mar.» V. o *Rapport* de Bertrand sobre aquelle congresso, ob. cit. p. 19. *Revue d'anthropologie*, publ. p. P. Broca. 1875, p. 131-2. As actas não estão ao nosso alcance.

Outros reparos haveria ainda que fazer aos capitulos v-vii, que são aliás muito interessantes.

Por exemplo, referindo-se á opinião do sr. Delgado, segundo a qual os habitantes da cova da Moura (Cesareda), seriam antropophagos, diz o sr. F. Simões:

«Esta questão da antropophagia dos habitantes das cavernas, durante os tempos prehistoricos, tem sido muito debatida. É obvia a sua importancia. A existencia de tal costume importaria necessariamente a ideia de degradação e inferioridade moral.» P. 71.

Não discutiremos a questão com relação aos habitantes das cavernas, mas observaremos que se o sr. F. Simões estivesse ao corrente dos estudos ethnologicos não consideraria a antropophagia no homem como um indicio de degradação e inferioridade moral, pois ella ao contrario se encontra em regra em raças bem dotadas, em povos até que attingiram um grão consideravel de civilização e nunca nos que se acham no grão mais infimo. Não é entre os veddas de Ceylão, entre os hottentotes e buschmen, entre os habitantes da terra de fogo, mas sim entre os tupis, os fan (costa occidental da Africa equatorial), que se elevam muito acima dos seus vizinhos pela sua industria de ferreiros e notavel grão de intelligencia, en-

tre os monbuttus, cuja semi-cultura em contraste com o profundo atrazo dos povos niloticos circumvizinhos nos foi revelada por Schwenifürth, entre os antigos atgeques, o povo que fundou a notavel civilização mexicana, etc. A raça menos elevada em que se tem encontrado a antropophagia é a dos australianos, mas estes estão bem longe de ser tão inferiores como se poderia concluir da descripção dalguns autores. A antropophagia não é talvez senão excepcionalmente um resultado da necessidade da alimentação ou da depravação de instintos; tem em muitos casos cousas moraes; taes são a vingança levada ao extremo, a ideia de que comendo a carne dum inimigo se ganham certas qualidades que elle tinha. A antropophagia pôde ser até uma fôrma cultural como no antigo Mexico. Os factos provam que as causas dessa natureza, muito mais do que um impulso puramente physiologico levam o homem, em contraste com os animaes inferiores, a devorar os individuos da propria especie, não por uma rara casualidade, mas por um costume constituido. Não pôde, porém, considerar-se a antropophagia como correspondendo necessariamente a um gráo determinado de civilização, nem tão pouco como commum a todas as raças (em diferentes periodos, sub-entende-se). Só entre os papuanos e polynesios é que ella nos apparece como característico ethnico commum; nos outros casos encontramol-a isoladamente em diversos povos (Cf. O. Peschel, *Völkerkunde*, p. 165, ss.)

Não ha pois argumento nenhum de caracter geral nem contra nem a favor da antropophagia dos habitantes das cavernas, que só pôde ser admittida ou regeitada por argumentos de caracter perfeitamente particular. Demoremo-nos um pouco mais nesta questão de antropophagia ácerca da qual são correntes ainda muitas ideias falsas, do que temos prova no livro que analysamos. Ha um capitulo muito interessante, um verdadeiro esboço ethnographico ácerca dos cannibaeos nos *Essais* de Montaigne (liv. 1, cap. 30). Diz elle:

«J'ay eu longtemps avecques moy un homme qui avoit demeuré dix ou douze ans en cet aultre monde qui a esté decouvert en nostre siecle, en l'endroit où Villegaignon print terre, qu'il surnomma la France antartique.»

Esse paiz é o Brazil, onde Villegaignon (ou Villegagnons, como se acha tambem escripto), fez o primeiro dos muitos infelizes tentamens de colonização franceza. (Vid. Paul Gaffarel. *La Découverte du Brésil par les Français, em Congrès internationale des Américanistes*. Compte-rendu de la seconde session. Luxembourg — 1877. 2 vols. Luxembourg et Paris, 1878, 1, 534). Guiado pelas narrações d'esse «homme simples et grossier», qui est une condition propre à rendre veritable tesmoignages; car les fines gens regardent bien plus curieusement et plus de choses, mais ils les glosent; et, pour faire valoir leur interpretation, et la persuader, ils ne se peuvent garder d'alterer un peu l'histoire», escreve Montaigne: «ie treuve, pour revenir à mon propos qu'il n'y a rien de barbare et de sauvage en cette nation, à ce qu'on m'en a rapporté, sinon que chascun appelle *barbarie*, ce qui n'est pas de son usage», e refere e explica o costume d'antropophagia naquella raça dum modo que está accordo com o que acabamos de dizer: «Chascun rapporte (du combat) pour son trophée la teste de l'ennemy qu'il a tué, et l'attache à l'entrée de son logis. Aprez avoir longtemps bien traicté leurs prisonniers, et de toutes les commoditez dont ils se peuvent adviser, celluy qui en est le maître fait une grande assemblée de ses cognoissants. Il attache une chorde à l'un des bras du prisonnier, par le bout de laquelle il le tient esloigné de quelques pas, de peur d'en estre offensé, et donne au plus cher de ses amis l'autre bras à tenir de même; et eulx deux, en présence de toute assemblée, l'assoment à coups d'espée. Cela fait, ils le rostissent, et en mangent en commum, et en envoient des loppins à ceulx de

leurs amis qui sont absents. Ce n'est pas, comme on pense, pour s'en nourrir, ainsi qui faisoient anciennement les Scythes; c'est pour représenter une extreme vengeance.»

Montaigne dá, traduzido em francez, parte dum canto que diz ser dum desses prisioneiros condemnado a ser comido pelos seus similhantes: «Qu'ils viennent hardiment trestouts, et s'assemblent pour disner de luy; car ils mangeront quant et quant leurs peres et leurs ayeulx qui ont servy d'aliment et de nourriture à son corps: ces muscles, dict il, cette chair et ces veines, ce sont les vostres, pauvres fols que vous estes; vous ne reconnoissez pas que la substance des membres de vos ancestres s'y tient encores; savourez les bien, vous y trouverez le goust de vostre propre chair.»

Goethe achou digna de ser transformada em *gedicht* esta invectiva, dum caracter verdadeiramente antropophagico, de que só ha alguns reflexos enfraquecidos nos contos populares. Eis os versos de Goethe ou que pelo menos com fundamento lhe foram attribuidos:

Kommt nur kühnlich, kommt nur alle
Und versammelt euch zum Schmause,
Denn ihr werdet mich mit Dräuen,
Mich mit Hoffnung nimmer beugen
Seht, hier bin ich, bin gefangenen,
Aber noch nicht überwanden.
Kommt, verzehret meine Glieder
Und verzehret zugleich mit ihnen
Eure Ahnherrn, eure Vater,
Die zur Speise mir geworden!
Dieses Fleisch, das ich euche reiche,
Ist, ihr Thoren, euer eignes,
Und in meinen innern Knochen
Stickt das Mark von eured Ahnherrn!
Kommt nur, kommt, mit jedem Bisse
Kann Sie euer Gaumen schmecken.

Este *lied* com outro tambem de Goethe e igualmente fundado sobre uma versão dada por Montaigne dum canto dos selvagens brasileiros, foram reproduzidos por R. Köhler do *Tiefurter Journal* n.º 38, na *Zeitschrift für deutsche Philologie* Bd. III. 475-480, onde se acha pela primeira vez indicada como fonte a obra do humanista francez. Goethe occultava sempre cuidadosamente as suas fontes.

Não é por simples curiosidade que indicamos a versão de Goethe. Ella prova-nos que o sentimento que inspira o canto conservado parcialmente por Montaigne tem uma base geral humana, pois elle pôde ser *sentido* como relação artistica e expresso de novo por um poeta como Goethe. A base sentimental humana que inspira a antropophagia, como leva a beber pelo craneo do inimigo (Victor Hugo tambem *sentiu* este momento numa das composições da sua adolescencia, no *Han d'Islande*), a beber o proprio sangue do inimigo, a lamber a espada tinta com sangue delle (reflexos disto nos contos populares), entra na categoria dos exageros da personalidade.

Stuart Mill observou que o instincto da crueldade não se devia confundir com a dureza do coração, falta de compaixão ou de remorso, mas que era um phenomeno positivo, uma especie de movimento voluptuoso.

Um outro escriptor inglez desenvolvendo a ideia de Mill mostrou que a crueldade é um instincto fundamental da nossa natureza. Este ponto de vista não deve ser esquecido na questão da antropophagia. Se exceptuarmos os macacos que, a julgar por diversas observações, martyrisam outros animaes pelo prazer de os vêr padecer (o brincar do gato com o rato é um phenomeno muito differente), a crueldade é um especifico do homem. Das observações que precedem e que poderiamos corroborar melhor, não rezeamos concluir que o habito de comer a carne de individuos da mesma especie, vencendo a repugnancia instinctiva animal contra essa comida, só se pôde

encontrar regularmente constituído na especie humana (pondo de parte os casos excepcionaes em que a antropophagia tem uma explicação puramente physiologica), por que só no homem ha desenvolvida em alto gráo a base sentimental que nos explica esse habito. Mas voltemos ao livro do sr. F. Simões.

O capitulo VIII tem por objecto a idade dos metaes na peninsula e discute se deve estabelecer-se para aqui uma epocha do cobre anterior á do bronze; segue depois hypotheses ácerca dum povo que traria á peninsula o uso do bronze e aponta-se, a titulo de conjectura, o povo que Johann Gottfr. Hasse, Vivien de Saint-Martin e Paul Bataillard identificam com os modernos ciganos, os *Sigynnoi* de Herodoto. Não discutiremos essa opinião da antiguidade dos ciganos na Europa e do papel civilizador destes, tanto menos quanto o sr. F. Simões se limita a expol-a, sem a defender, nem a atacar: pela nossa parte não a admittimos, no que temos bons companheiros, cujos argumentos corroborados com alguns novos exporemos noutra parte. Mencionaremos um erro de facto em que incorreu o sr. F. Simões nesta parte para exemplificar o perigo que ha em citar de segunda mão. «Segundo Herodoto, diz o autor, os *sigynnos* seriam os mais antigos dos habitantes da Peninsula» (hispanica, entende-se), p. 128, e a p. 156: «suppõem (alguns autores) que os actuaes ciganos descendem dos *sigynnos*, que Herodoto diz terem sido os primeiros habitantes da Hespanha, e que teriam vindo do Danubio.» Como o sr. F. Simões a p. 128 cita Herodoto atravez de Burnouf, é provavel que tambem com relação a esta questão não se desse ao trabalho de olhar para o texto do velho historiador, de cujas palavras (liv. v, 9), se conclue que os *sigynnos* habitavam ao norte da Thracia, estendendo-se até aos Henetas (Venetas), em frente do Adriatico. nenhuns dos eruditos que se teem occupado da antiga ethnologia da Europa ou particularmente dos *sigynnos* e cujas obras temos á mão deu outra interpretação á passagem alludida de Herodoto; taes são Zeus, *Die Deutsche und ihre Nachbarstämme*, p. 279, L. Diefenbach, *Origines Europææ*, p. 86, H. d'Arbois de Jubainville (que o sr. Simões cita a outros propositos), *Les premiers habitans de l'Europe*, p. 144, P. Bataillard, *Revue critique*, 1875, 2.º sem. p. 213 ss., e *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques. Compte-rendu de la huitième session à Budapest*, 1876. Vol. 1, p. 361; Alexandre Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, p. 245-5; nenhum desses eruditos autores pensou em *sigynnos* hispanicos. A primeira cousa a fazer para um estudo serio da antiga ethnologia peninsular é um exame directo das fontes classicas; de citação em citação teem-se propagado erros estupendos. O sr. F. Simões entendeu que lhe bastava em regra trabalhar nesta parte com o que achava nos autores modernos que consultou. A quem escreve ex-professo sobre estas materias e occupa uma posição no ensino superior como o sr. Simões, não fica bem dar uma lista de povos antigos da peninsula por intermedio do superficial Lafuente e ainda menos servir-se dum livro como o de Steur, *Ethnographie des peuples de l'Europe avant Jesus-Christ*, que não devia ser citado numa obra séria, a não ser algum tractado das aberrações do espirito humano.

O livro de Steur foi classificado já entre nós como um monumento grandioso, tão profundo é em Portugal o atrazo nos estudos ethnographicos. Esse atrazo revela-se nos dous ultimos capitulos do livro do sr. F. Simões, que podiam deixar de ser escriptos, pois não fazem parte integrante duma obra sobre a archeologia prehistorica peninsular. O autor fica indeciso entre as encontradas e complicadas opiniões que conhece e accumula, não tendo os elementos necessarios de critica para regeitar sem hesitação todas as hypotheses que tem os factos contra si ou não se baseam razoavelmente sobre factos. Uma questão de primeira importancia nos problemas da

ethnologia antiga da peninsula, como em todas as questões similhantes, é a das linguas; o sr. F. A. Simões reconhece-o, mas não faz ideia nenhuma do estado actual da linguistica, do methodo desta sciencia. A p. 132 escreve elle:

«O atrazo da philologia comparada e a imperfeição dos methodos de demonstração fazem possivel a defesa de todas as opiniões.»

Julgavamos nós que nenhum ramo das sciencias historicas tinha chegado a possuir um methodo tão rigoroso como a linguistica; julgavamos que as demonstrações da linguistica egualavam em rigor as demonstrações da physica e da chymica e da biologia; não faziamos accusação aos methodos dos erros daquelles que os não applicam com rigor. Esta convicção era corroborada pela opinião que da linguistica exprimiam homens eminentes noutros ramos de sciencias, por exemplo P. Broca, Quatrefages, Häckel. O primeiro escreve:

«La linguistique, en constituant les familles de langues, nous révèle les anciennes communications des peuples, et jusqu'à un certain point, leur filiation; elle le fait quelquefois avec une certitude et une précision étonnantes. Elle démontre que les langues d'une même famille ont eu une origine commune. Cela ne prouve pas la filiation par le sang, car on voit souvent un peuple maintenir sa race tout en subissant une influence étrangère assez forte pour lui imposer une nouvelle langue; mais cela prouve du moins la filiation par les idées, par les mœurs, par la civilisation. La linguistique nous donne quelque chose de plus: en mesurant, d'après les procédés d'analyse qu'elle a constitués, d'après les lois qu'elle a découvertes, l'étendue des divergences qui se sont produites entre les diverses langues d'une même famille, elle apprécie le degré d'ancienneté relative de leur separation. Enfin, et ce n'est pas son moindre mérite, elle nous donne des notions très-importantes sur l'état des connaissances déjà acquises à l'époque où deux ou plusieurs langues se sont séparées.» *Ouverture des Cours d'anthropologie*, fol. 8.º, Paris, 1876, p. 8, e na *Revue d'anthropologie*, tome vi, p. 176-7.

«Il serait d'un haut intérêt, diz Häckel, d'étudier plus en détail cet arbre généalogique indo-germain; la linguistique comparée, qui l'a dressé, a ainsi montré qu'elle est une véritable science, une science naturelle. En effet, cet méthode phylogénétique, dont nous usons avec tant de succès en zoologie et en botanique, servait déjà depuis longtemps à la linguistique. De quelle utilité ne serait-il pas pour notre instruction publique d'enseigner dans nos écoles la linguistique, c'est-à-dire l'un des plus puissants moyens de culture, et de mettre, au lieu et place de notre philologie morte aride, la linguistique comparée, si variée et si vivante? Entre la linguistique et la philologie, il y a la même différence qu'entre l'histoire vivante de l'évolution des organismes et la taxinomie morte des espèces.» *Antropogenie*, trad. fr., p. 317.

Estas passagens, a que poderiam juntar outras egualmente significativas, de diversos naturalistas, provam como homens eminentes habituados aos solidos methodos das sciencias naturaes, acham o rigor destes nas demonstrações linguisticas. Como todas as sciencias, a da linguagem tem ainda muito que fazer para se livrar das influencias do subjectivismo; tem grande numero de questões que resolver, mas o methodo creado por Bopp e sua eschola é uma obra definitiva, acima de todos os erros pessoasos. Infelizmente se os resultados geraes da linguistica são em parte conhecidos, esse methodo é apenas dominado por um numero relativamente pequeno de investigadores; a historia das linguas vista á luz desse methodo é quasi um segredo d'iniciados, e nas proprias passagens citadas de Häckel e Broca ha erros que não podemos calar.

A opinião de que a sciencia da linguagem seja uma sciencia natural, defendida por Schleicher e Max Müller (que depois asseverou nunca ter tido tal opinião), está hoje abandonada por todos os linguistas de primeira ordem.

Emquanto ás observações de Broca, diremos que as transformações das linguas não estão em razão directa do tempo; a antiguidade da separação das linguas duma familia não se pôde medir pelo grão de divergencia que ellas apresentam numa determinada época.

Louvamos o sr. F. A. Simões por confessar a sua ignorancia em materia de linguistica; mas desejaríamos que fosse coherente e não desse juizos sobre cousas que não conhecesse e não desfeasse as paginas de suas publicações com conjecturas etymologicas, como a que se acha a p. 160, repetida não sei de que autor. Num artigo do Instituto (vol. xxiii. p. 280, junho de 1877), o sr. F. A. Simões imagina que na palavra *Citania* possa haver um celtico *hana* ou *hanouth*, habitar acampar; essa maravilhosa palavra celtica seria tambem a origem da palavra *anta*, segundo a conjectura a que alludimos. Mas o que entende o sr. F. A. Simões por — o celtico? Não ha lingua nenhuma conhecida por documentos ou viva a que se possa applicar essa denominação; por *celtico*, empregado como substantivo só pôde entender-se, o proto-celtico, isto é, o typo unitario ideal para que apontam os dialectos celticos antigos e modernos. Ora no proto-celtico, como nas antigas phases das linguas celticas conhecidas por documentos, como no ramo hibernico ainda hoje, não existia um *h* inicial (nos nomes celticos da Gallia ou da Hispania em que os escriptores latinos o poseram não tem elle justificação etymologica); o *h* inicial do ramo kymrico representa um *s* antigo, que não poderia perder-se de modo algum no dominio da lingua portugueza. Isto está demonstrado com tanto rigor como o movimento da terra.

A extensão desta critica provará o interesse que nos inspirou o livro que é objecto della. O autor tem talento e saber; se restringisse as suas investigações, diluidas em materias muito diversas, ao dominio da archeologia e anthropologia prehistoricas, teríamos nelle sem duvida uma autoridade verdadeiramente competente, que falta ainda na peninsula.

Fevereiro, 1879.

F. Adolpho Coelho.

MADRUGADA NA ROÇA

(A GONÇALVES CRESPO)

Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se á fresca luz da madrugada;
Sobre a planicie nua e socegada
Paira o bando dos tardos pirilampos.

O arriero tonto de preguiça
Desperta apenas; — ao bulir das matas
Vem misturar-se o eco das cascatas
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o capuz cinzento os olhos della
Brilham melhor que sempre: ao divisal-os
Cuido que o ceu perdeu mais de uma estrella.

Rincham pulando os nossos dois cavallos,
E atravez da manhan cheirosa e bella
Ouve-se o canto festival dos gallos.

Roma.

Luíz Guimarães Junior.

NO CÉRCO DO PORTO



HAVIA tres dias que o Marechal Solognac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas, e com elles entrou tambem para dentro do cêrco um terrivel inimigo—a Cholera-morbus. Aos tifos, que já devastavam a cidade veiu ajuntar-se mais essa desolação para tornar mais completo o triumvirato da morte. De cem pessoas atacadas diariamente succumbia o terço. A fome ia chegando ao desespero, porque além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra. Á falta de carne os doentes eram sustentados a sôpa de bacalhau, os caldos temperavam-se com assucar e aguardente; as camas eram desfeitas para sustentarem a cavalleria, e além dos preços dos generos mais urgentes os mercieiros vendiam falsificações doentias taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e cebo. Era preciso lutar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sôpa economica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia accudiram trezentas pessoas, ao segundo dia subiram já a setecentas as rações. Emfim, desde a perda do reducto do Monte de Crato, que Solognac apenas conservou oito horas, as condições de resistencia da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado tambem na sua tentativa de assalto ao Castello do Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir: o inimigo comprehendeu que fechando a barra do Porto venceria o cêrco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa e levantou a terrivel bateria de Serralves, que cortava toda a comunicação com a Foz. Pelo seu lado os liberaes reforçaram o reducto da Senhora da Luz e occuparam immediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia ia-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva de granadas que cahiam dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia do Cholera, para a qual já não bastava o hospital da quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel apparecer véla alguma no horisonte! Foram quarenta dias sem esperanza, quarenta dias em que esteve todo perdido, menos a força moral.

A historia official, subordinada á exacção dos boletins de campanha, não allude a este periodo dos quarenta dias do principio do anno de 1833, e comtudo nesse periodo de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de validez moral: todos foram heroes, as mulheres e os velhos. É

pena, que homens do talento de Garrett e de Herculano, e mesmo generaes que sabiam trocar a espada pela pena, e que foram heroes nesses grandes dias de sacrificio, nunca se lembrassem de colligir as sublimes tradições epicas que ainda casualmente se repetem do cêrco do Porto. Essas tradições vão-se perdendo como toda a poesia de um povo que, se esquece do seu passado. Contaremos um desses esplendidos episodios desconhecido dos historiadores, mas conservado ainda na vida burgueza do Porto; pinta-nos o espirito de resistencia com que a cidade se achava nesses quarenta dias decisivos.

A 4 de março as tropas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberaes na Foz, seguros de que era já impossivel sustental-as mais tempo; no meio da sua hallucinação os atacados tomaram a offensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generaes despeitados, apparecia sempre em todos os momentos de conflicto. Era junto dos soldados, ao pé dos voluntarios burguezes que elle readquiria confiança, e se mostrava alegre, presentindo o triunfo da causa da liberdade. D. Pedro appareceu na bateria da Luz; foi aí que se lhe tornou reparavel um velho que elle encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram mais renhidos os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente; não pôde deixar de dirigir-se ao velho com um interesse e familiaridade em parte provocada pelo aspecto venerando e cheio de aucto-ridade:

— Amigo! que faz você por aqui?

— Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

— Bem; então ande por ahi á vontade se não tem medo das balas.

— Medo das balas? Isso são confeitos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro gallo cantaria.

— O seu filho, vê-o dahi?

— Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perdê-lo, é para ir socegar as mulheres, as irmans, que sempre estão com algum cuidado. Querem saber alguma cousa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga á baioneta; pôde-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triunfo. Chegou o terrivel dia 24 de maio; estava acabado de construir o reducto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5. Nisto as tropas inimigas, em numero de dois mil homens, tomaram o reducto das Antas! Era preciso desapossal-os, a todo o transe, e de facto não poderam conservar o reducto além das tres horas da tarde desse dia. Infantaria trez, nove e dez, quarenta lanceiros, e um ba-

talhão inglez cumpriram o seu dever; foi uma refrega atroz. O Monte das Antas ficou juncado de cadaveres; mais adiante na Casa Negra era ainda maior a carnificina.

Foi no combate da retomada das Antas que D. Pedro tornou a encontrar o velho burguez; já lhe haviam dito como se chamava. Era o contraste do ouro, o tipo do antigo homem bom, chão e abonado, como o caracteriza a Ordenação do reino; chamava-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por elle no tropel, destacou-se dos officiaes e veio fallar-lhe:

— Outra vez por aqui, com este fogo?

— Tenho cá um outro filho.

— Um outro filho? Como se chamam os rapazes?

— Na bateria da Luz é o meu Eduardo; tem dezenove annos feitos.

— Póde com a espingarda. E o outro?

— Está aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa D. Pedro foi interrompido por uma destas circumstancias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achara uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o major dos Realengos de Trancoso. Não se tornaram mais a vêr.

A sete de abril descubriu-se a longa estacada feita pelos migueis desde as primeiras casas de Paranhos até á Eira do Covêlo. Queriam fortificar-se ali; não havia tempo a perder; era preciso desalojal-os. A artilheria dos liberaes começou a responder desde as nove horas da manhan, e durou o fogo até ás seis horas da tarde. Cruzaram-se as baterias da Gloria, do Pico das Medalhas, do Serio, da Aguardente e de S. Braz. Uma força de mil homens saú fóra das linhas para tomar de assalto o monte do Covêlo, que os inimigos abandonaram. Porém no dia 10 os migueis voltaram com o intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberaes tinham levantado um reducto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia. No meio do fogo quasi á queima-roupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; perguntavam-lhes se traziam os saccos para fazerem a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos; duzentos homens livres poderam esmagar dois mil janizaros.

No meio desse implacavel desbarato, andava D. Pedro, e quando tornou a avistar o velho, que estava envolvido em um antigo capote de camelão, surriu-se para elle como quem o tomava já como um presagio de felicidade. E emquanto se tocava a reunir, D. Pedro foi para elle, esfregando as mãos:

— Olá, bom homem.

— Senhor D. Pedro. Elles hoje é que pagaram o vinho.

— E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de sorrir-se com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma convicta serenidade:

— Tenho aqui mais outro filho.

— Outro filho, homem! De dous sei eu.

— Este é o que me ajuda no officio; ficou de hontem para hoje no reducto do Covêlo, e já sei que está são como um pêro...

— Parabens, amigo, parabens. Com que então, na bateria da Luz, um; no reducto do Monte das Antas, outro; no Covêlo...

— É o meu filho Cosme.

— Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, como quem buscara atenuar uma frase que pôde ser tomada como expressão de vaidade:

— Não queria fallar do outro filho que tenho na bateria do Pico das Medalhas, antes de me encontrar ali com vossa majestade.

— Oh homem! Outro filho?

— E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não está no fogo da bateria fica de semana em serviço medico no Hospital dos Cholericos de S. Pedro de Alcantara.

D. Pedro emmudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrificio. Abraçou o velho, porque não pôde articular palavras, e os olhos marejaram-se-lhe de lagrymas. Aquella natureza egoista, como a de todos os principes, insensivel á dedicação como o revela a demissão do grande Mousinho da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das cousas. As palavras desinteressadas daquelle velho revelaram-lhe que se elle sabia sacrificar-se por uma filha, ninguem, em uma cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguem poupava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade em um direito. O sacrificio de um pae ficava supplantado pelo sacrificio a uma geração inteira. Que bella gente essa, bem digna de fundar para si uma republica, sem os soffismas de uma carta outorgada.

Theophilo Braga.



CONTOS DISFORMES

PROLOGO

I



CONTO é uma das fórmias mais bellas da literatura. É depois do poema a mais literaria, a mais tradicional.

Porque a Historia, elevando-se aos cimos gloriosos e talhados a pique da Filosofia, tem um fim unico a *utilidade*, o ensinamento do Homem pelas grandezas e calamidades do Homem.

O Romance atirando para o meio da rua, á luz do sol ou do gaz, toda a roupa suja da vida privada, ao rictus semibarbaro e banal desse cruel selvagem, a quem não tilintam as argolas no nariz, e que se chama o *Vulgo*, fazendo coegas para a risada alvar, ou ladainhas tenebrosas para atrahir o humor lacrymal, aspirando ao reedificação da alma pelas miserias da vida, e pelo espectaculo servil do *trivial*, — faz mesuras ao thuribulo da popularidade.

O Conto não. Sendo uma velha fórmula popular não tem ambições: e, sendo comprehendido na mais alta accepção artistica, como foi por Poë e Nathaniel Hawthorne, foge á longa orelha asinina do Vulgo, e ama a impopularidade, como um archeólogo um papyrus sacerdotal.

Foge ás exclamações canalhas, e ao juizo prudhiano do sr. Respeitavel Publico, que usa lunetas d'oiro como um conselheiro.

É pela sua independencia, como o poema, que é mais artistico. É especialmente, pela sua despretenção d'utilidade, que é mais superior, menos humano. — É como uma agulheta de neve que reflecte todas as glorias, todas as cambiantes do sol. Todas as paixões e todas as côres. O soluço e a facada do escarneo: o panno negro duma eça, e as côres vermelhas e altivas, como a amethysta dum annel dum bispo.

O seu mérito é que pôde ser filosofico como a Historia, tão dramatico como o drama, fisiologico como o romance, heroico como o poema, musical como uma opera, moral como um *fabliau*. Todas as cambiantes lhe são permitidas. Todos os tons, todas as fluctuações da Alma. Todas as agonias, todos os rithmos musicaes. Todas as glorias, todas as decadencias. Todas as bellas nudezes, todos os monstros. Todos os seios lacteos de ninfas, todas as caudas de dragões, e escamas de peixe. Todos os risos, todas as facadas. Todas as tentações, todas as pom-

pas da carne. Todas as halucinações, todas as nevroses. Todos os charcos, todos os escarros luminosos. Todos os diamantes, todas as chagas.

Póde empregar, impunemente, as insolentes metáforas e as extravagantes antitheses; o vermelho dos cactus e as brancuras impeccaveis das camelias: todos os efeitos de luz, e todos os prestígios de sombras. Não tem já a mesma liberdade o Romance e a Historia.

A Historia, é certo, essa severa deusa, tem nos seus recursos, arsenaes, subterraneos, alçapões e desvios, onde grunhem, rugem, uivam e latem todas as paixões e todas as feras, os parricidas e os Neros, todas as mulheres sem coração e todos os *allociphalos*, que ella mostra, implacavel dissecadora, eternamente, no seu museu, cheios de sangue, mas empalhados. Para os apresentar, convenientemente, emprega os grandes efeitos misteriosos, as excellentes combinações de focos occultos e d'espelhos magicos, que os fazem surgir lutulentos, ensanguentados, tresuados das febres e ferozes como gatos-tigres ou as faces disformes de mongoes.

A estas sanguinarias aparições, a Historia tem então gritos, indignações, clamores, e punhos cerrados. Mas só lhe são permitidas duas gammas na sua diminuta escála: a indignação ou a impessoalidade. Estas duas gammas são as duas extremidades do raio que fecha o circulo magico, além do qual não póde transpôr.

Dentro delle está mais bem claustrado do que dentro das muralhas de bronze onde fecharam Kain. Como uma deusa tem a percorrer magestosamente aquelle ambito e ruminar a sua gloria, como a sua prisão, uma féra na sua jaula.

O Romance tem mais algumas concessões do que a Historia; sendo elle mesmo uma historia da Comedia Humana, como a outra é do Drama. Como uma téla da escola moderna, deve ter perspectiva, desenho correcto, gradação de côres, e sobretudo, minuciosidade e realidade nos accessorios. Mas só o Conto, o vagabundo Conto, sabe ter aquelles vastos feudos nublados, longinquos e heroicos, que fazem scismar. Só elle sabe ser verdadeiro, sem ter a preoccupação balofa, a pretensão burgueza de ser *real*.

Ora o Ideal é tambem a Verdade. A Arte tem estes dous modos de ser: o ideal e o real, como todo o animal é constituído d'alma e corpo. O Corpo tem musculos, nervos, vertebrae, tendões e ossos. A Alma tem affectos, paixões, sentimentos e idealidades. Neste mutuo equilibrio está a Vida, como está a Arte. Ocupar-se só duma destas cousas na Arte é uma imperfeição, um defeito, um aleijão, um absurdo. É vêr mal, faltar-lhe um sentido, ter uma belida na vista, ser um artista réles. Póde-se descrever bem uma porta, uma scena de chá burguez (que se obser-

vou mil vezes), a crosta esverdeada duma pustula, um cetaceo, um coleoptero, uma *fushxia*, uma scabiosa, um heliotropo, uma mitra dum bispo, um bronze florentino, uma estatua nua, uma rosacea, uma ogiva, os arrendados tenuissimos da sobrepele dum arcipreste, e ser-se um artista incompleto, miope como um morcego, debatendo-se numa ermida alumiada, numa clareira de luz.

O que fazem hoje os realistas descarados, da vasta escola de Bellot, é a contradictoria apothese do leque e do chinello, do diamante e da escrofula; é exhibirem-nos, manifestarem-nos, em toda a sua hediondez a Besta.

No Apocalypse a Mulher cavalga, como se sabe, a Besta, suberba e olimpicamente.

Nos romances destes cinicos especialistas, a Mulher toma posições menos equestres e gloriosas, e a Besta nem sempre vae, como subjugado ginete, levando-a por todos os mundos do sonho, do irrealisavel, do desconhecido e das abominações.

Estes romances são a escoria, a peçonha, as feses da fermentação malfesada dum filho, cheio de ingredientes deleterios. São a dinamite, o acido prussico, a serpente de cascavel, o afrodisíaco moderno, para que não ha triaga possivel. São a fructa combalida, e já caida no chão, ainda do segundo Imperio. Mas não são nem o Ideal nem a Arte. São incompletos.

Da Arte só nos dão o Corpo, e do Corpo só nos dão a Besta: e portanto não chegam a dar a nota, falseiam o principio.

Descriminado isto, passemos a explicar por que escrevemos um livro de contos. Ah! por que o escrevemos! Pela nossa vaidade, pelo nosso abominavel orgulho, pelo nosso tedio de tanto realismo incolor e canalha. Por que julgamos, e seja-nos desculpa a boa vontade! poder conciliar o real e o ideal, os soluços dos desejos e as palpitações das almas ao Indefinido, as vergonhas da Carne e as elevações transcendentaes do Espirito. Seja-nos perdoada a aspiração, a chimera, a curva da fantasia, o archanjo, o dragão, o *mammouth!* Que se nos releve o sonho num paiz em que todos dormem, que se nos desculpem a nevrose, se a ha, numa terra em que o Bom Senso se alimenta de solida orelha suina e se inflamma pelo real d'agua!

Lugar á Chimera. Tenha a palavra a Fantasia. Consintam que viagem as nuvens esfarrapadas, soltas, desmanchadas, da minha imaginação, como archipelagos inflammados! Deixem passar o Sonho, o Vago, o Incoercivel, a Imaginação, a Ogiva, a Camelia azul, o Mandarim, o Bonzo, o Fakir, o Satripa, a Mascara, o Leque, o Farrapo, o Chinello e a Nevrose!

Deixem passar a mascarada do Real, com as

suas lagrymas, o seu sangue, o seu suor e os seus farrapos, e o Ideal com todas as suas palmas e os seus raios! Deixem que se faça o religioso e barbaro noivado. Deixem que se entorne vinho, nas bodas, até que salpique as estatuas e os seios que não teem vida. Só com vinho córarão as estatuas, e certas mulheres como ellas, de rictus de marmore. Alumiem senhores localistas! com os seus candelabros, e apresentem armas, senhores realistas com os seus bisturis. Logar á Verdade, façam-se alas ao Real, ainda que não é um monarcha! Saudem com *hurrahs* o fantastico noivado, ainda que não vão de carruagem!

Eis a razão por que escrevemos este livro. Tudo isto nos segredou o nosso demonio familiar, tudo isto quiz conciliar e architectar a nossa fantasia selvagem, como um rugido de tigre real.

Conseguimos o nosso fim? Não sabemos. No entanto consignamos o nosso processo. É um facto. Lavramos o nosso protesto. É uma these. O nosso metodo é bifronte como Jano. É o Real e o Ideal. Se fosse uma estatua, dum lado ver-se-hia o Real, com um rosto amargamente humano, exhibindo numa face o riso, na outra as lagrymas. Da outra parte, outro rosto, o Ideal, exprimindo numa face o extases, com todas as suas convulsões, os seus estremecimentos nevrálgicos; da outra face a suprema ventura, a alegria serena, a sublime impassibilidade — a impassibilidade dos heroes, dos santos, dos monstros e das esfinges.

Gomes Leal.

NO CEMITERIO

(IMITAÇÃO DE J. N. VOGL)

Uma voz apressada e clamorosa
Arranca ao sôno o invalido coveiro,
Que ao abrir do portão vê majestosa
A luzente armadura dum guerreiro.

— Ensina-me onde jaz inanimada
A mulher, a quem eu nunca verei mais,
E que dorme num tumulo gelada,
Sem ouvir o concento de meus ais.

E foram percorrendo a passo lento
Do cimiterio a misteriosa rua...
Entre os ciprestes soluçava o vento,
No ceu errava solitaria a lua.

E o guerreiro da campa silenciosa,
Que se avista nas sombras do caminho,
Ajoelha immovel sobre a fria lousa,
Como uma ave protegendo o ninho.

E apoz murmúra, trémulo, anciado:
— Nesta campa tristissima, ninguem
Dirá que mesmo inerte e inanimado
Póde caber um coração de mãe...

1879, maio.

Joaquim d'Araujo.

O MISTICISMO

PRINCIPIO DA ENERGIA DO CHARACTER PENINSULAR

Fragmento (1)



Um traço mais vem confirmar o que anteriormente dissemos ácerca das provaveis origens ethnologicas do genio da Hespanha: é o character especial do seu misticismo, que não é metaphisico, nem erudito, mas sim pessoal e espontaneo.

Santa Thereza ou Santo Ignacio não chegam ao estado de visão transcendente pelo caminho das especulações filosoficas que ahi levou os alexandrinicos. Nada ha de intimamente commum entre os discipulos de Plotino e os de Santo Ignacio. A Hespanha tem horror á filosofia, e nem as investigações da sciencia nem as elocubrações da metaphisica enchem as paginas da sua historia.

Os misticos não formam uma escola, nascem do solo, espontaneamente, conforme observou um critico moderno; são a manifestação do quer que é de constitucional no organismo da nação, e de balde se lhes buscaria uma filiação erudita ou de escola. Mas nem por ser este o character geral, se segue que não tivesse concorrido, para o pleno desenvolvimento do phenomeno, a influencia das escolas judias, herdeiras do avherroismo, influencia que é manifesta principalmente nos escritos de Fr. Luiz de Leão.

O facto da origem espontanea do misticismo hespanhol é a causa dos caracteres novos e eminentemente distinctos que elle apresenta. Este phenomeno moral que é o primeiro em importancia para a determinação da fisionomia collectiva da nação, é tambem a origem e a base da sua extraordinaria energia no xvi seculo.

Psychologico, isto é, nascido da intima observação e de um trabalhar da imaginação e do sentimento sobre si proprios; formado com os elementos moraes que a alma hespanhola encontrava no fundo do temperamento nacional; o misticismo havia de por força ir encontrar-se de frente com o heroismo, esse genio de independencia pessoal, fibra intima, traço distinctivo e alicerce primordial do edificio do character peninsular. Ora nós sabemos, pelo que nos dizem as escolas misticas, e sobre todas os néo-platonicos, quanto é racionalmente inconciliavel a absorpção em Deus, — essencia do misticismo, — com a affirmação da independencia do homem. Sabemos que todos os misticismos, partindo de um

(1) Da *Historia da Civilização Iberica*, primeiro volume da *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*, publicação da casa Bertrand, succ. Carvalho & C.ª, editores, Lisboa.

sistema de definições do mundo e de Deus, do real e do transcendente, do contingente e do absoluto, subordinam e afinal aniquilam tudo na unidade. Como resolveria o genio hespanhol este problema?

Ahi se viu o privilegio da ignorancia, e a consequencia de não serem filosofos os mysticos hespanhoes: a força creadora da natureza produziu espontaneamente um phenomeno, irracional sim e portanto efêmero, mas unico, e extraordinario nas suas consequencias. O hespanhol descobriu no proprio misticismo um argumento em favor do heroismo, e fez de Deus o montante com que armou o seu braço. Em vez de se deixar absorver pelo Ceo, trouxe para dentro de si a divindade e ganhou com isso uma força quasi sobrenatural, porque a energia da sua vontade não era já humana apenas: era a vontade absoluta, e a propria essencia de Deus encarnada no seu coração entusiasta.

O misticismo hespanhol tem este caracter proprio, unico, e verdadeiramente novo: é a divinisação da vontade humana.

Combinar num equilibrio mais ou menos estavel a liberdade e a predestinação, a razão e a graça, era empreza que toda a escholastica buscara em vão realisar. O hespanhol, na ingenua ignorancia dessas tentativas, illuminado pela tradição religiosa e ao mesmo tempo impellido por um ardor de acção e independencia ingenuas; o hespanhol que não conhece os sistemas, nem obedece ás escolas, nem caminha na esteira de uma tradição erudita; não pode resolver o problema por via das combinações subtis, sem poder ao mesmo tempo negar-se a si proprio e á sua alma heroica, suicidando-se em Deus. Recolhe-se, pois, medita, contempla, e no fundo mais intimo do seu coração encontra uma solução paradoxal que espanta os doutores, e ao mesmo tempo o mundo ao qual vae impôr-se.

Tudo leva a crer que, a não serem os jesuitas, a revolução da theologia consummada no concilio de Trento se não teria feito; e que, nessa lucha dos protestantes, a victoria teria ficado aos partidarios da conciliação: Carlos v como politico, Contarini como theologo.

Vejamos porém rapidamente o processo psicologico do misticismo hespanhol. Como se conciliam afinal a Vontade e a Graça? como é que o amor de Deus, absoluto e dominante, deixa de sacrificar o querer do homem e de destruir assim o livre alvedrio? O amor de Deus, diz Santa Thereza, conduz e move sim a vontade, mas o amor em si é livre: as almas não valem senão pela escolha que fazem do objecto amado, e não podem portanto deixar de conservar a liberdade dessa escolha. Assim o homem distingue-se das cousas no bello privilegio que Deus lhe dá de determinar livremente o seu destino,

ao passo que as cousas obedecem cegamente ás leis fataes da sua existencia.

Nós não nos propomos estudar aqui *ex-professo* o misticismo hespanhol, e por isso nos não demoraremos a demonstral-o, nem a julgal-o nas suas definições; não poderíamos, comtudo, deixar de expor os traços principaes da sua phisionomia, porque sem isso a historia continuaria a ser para nós um enigma, uma vez que o misticismo é a origem primordial dessa extraordinaria força, dessa omnimoda e universal acção que a Hespanha exerceu no mundo durante o xvi seculo. Se nos limitassemos a definir o caso como um milagre, iriamos substituir a sciencia, que observa e descreve, pela eloquencia que apenas sabe extasiar-se; pois que a ninguém é licito já acreditar em milagres, para usarmos de uma locução popular. Se por outro lado deixassemos na sombra o caracter verdadeiramente excepcional da historia da Hespanha no xvi seculo, demonstrariamos, ou acanhamento de vistas, ou ignorancia do assumpto.

Essa historia é com effeito um milagre, mas de energia humana, apenas. O misticismo é o foco onde toda a luz vae concentrar-se, ou a fonte donde partem toda a acção, toda a força, toda a extraordinaria fé na invencivel vontade dos homens. Por seculos se foi formando a chamma que agora rutila, como incendio que obscuramente lavrara até que num instante rebenta em lampejos deslumbradores. A lenha com que o incendio mystico se alimentou durante a Edade-media hespanhola foi a guerra contra os sarracenos e a literatura sagrada e cavalleiresca: por este motivo o misticismo começa por nos apparecer como uma transformação da cavallaria, *Caballeria à lo divino*, em Santa Thereza, na biografia de Santo Ignacio e em S. João da Cruz. *El caballero celeste, cristiano, de la estrella brillante*, etc., são titulos de obras que, sem mais commentarios, demonstram este facto, de resto geralmente sabido.

Ainda por outra fôrma o genio hespanhol se trata no seu misticismo, quando o vemos reproduzir o lado tragico e o lado lirico da alma peninsular. Ha mysticos terriveis e mysticos ethereos, especies que a pintura nos reproduz nos quadros de Ribera, de Zurbaran, de Herrera de um lado, triviaes, grosseiros, violentos, doidos: monges esqualidos, visões pavorosas, prometheus dilacerados, monstros humanos rebentando dores e força, estendidos sobre uns fundos negros a espaços cortados por clarões deslumbrantes; — e, do outro, nas telas de Murillo, inundadas de luz e azul onde brincam entre flores e palmas, os cachos de anjos louros que coroam a frente ou entretecem o throno da Virgem.

As pinturas de Murillo traduzem com tintas os

canticos de Santa Thereza ao seu *dulcissimo amado*, da mesma fórma que os quadros de Ribera traduzem as visões e pavorosos terrores de Santo Ignacio antes da sua viagem á Italia. Mas, nos pintores e nos santos, o misticismo hespanhol tem ainda um caracter proprio que evidentemente provém do modo porque se formou: é o realismo. Muitas vezes os criticos tem notado a diferença entre as virgens de Murilo e as de Rafael. Falta ao hespanhol o indefinido sentimento de uma idealidade vaga que anima as madonas italianas: as virgens de Murilo são formosas raparigas sevillhanas. Tambem o amor de Santa Thereza é um verdadeiro amor, e não uma absorção idealista. Os misticos vêm com os sentidos o objecto amado, sentem-no realmente: a impressão religiosa traduz-se por verdadeiras sensações, e dá de si emoções, e não estados da razão especulativa.

Daf provém um caracter, só aparentemente contraditorio, que tem sido notado aos misticos hespanhoes e com maioria de razão aos jesuitas que, reduzindo-o a regras, o tornaram tão paradoxal que veio a ser repugnante. O lado positivo e pratico, os modos de provocar e os sintomas que diagnosticam o extasis, veem-se nas *Instrucções* de Santo Ignacio, viam-se já nas obras de Santa Thereza que localisava assim o seu amor: *Pasa esta secreta union en el centro interior del alma que debe ser adonde está el mismo Dios*. Que admira pois, ou que ha para extranhar quando, nesse caminho, se chegam a prescrever os processos e a fixar minuciosa e escolasticamente os meios de obter a communhão com Deus? Este fenomeno, mesmo e principalmente nas suas mais paradoxais aberrações, (é aí que o observador pôde nitidamente ferir o principio intimo dos fenomenos), nos está mostrando o caracter proprio e original do misticismo hespanhol. Foi o homem que obrigou Deus a descer dentro da alma, em vez de ser a alma que, fugindo ao mundo e negando-o, se consumiu na labareda de um Deus ideal, como succedera no neo-platonismo. O misticismo hespanhol é realista, o alexandrino idealista; um divinisa o mundo, enquanto o outro o negara em nome de Deus absoluto. Podemos, pois, concluir dizendo que os hespanhoes fizeram uma religião do individualismo, sublimando até o divinisar esse ingenuo sentimento da personalidade, base primordial do seu genio. Os perigos e males, as funestas consequencias desta divinisação do homem e desta perversão da natureza de Deus não se farão esperar, mas é fóra de duvida que sem essa louca embriaguez jámais uma nação poderia ter feito o que a Hespanha fez no xvi seculo. Póde dizer-se que um momento fômos como deuses, porque tivemos a omnipotencia.

Oliveira Martins.

EÇA DE QUEIROZ



A escritores que fazem a sua aprendizagem diante do publico, e que dia a dia vão deixando os documentos da sua elaboração psicologica, por onde se pôde acompanhar o desenvolvimento de uma intelligencia desde a prosa acanhada, desde a ideia abstracta ainda ligada á imagem concreta, desde a noção metaphisica envolvida em arrebiques de linguagem poetica até á franqueza rasgada do estilo e até á confessada reorganisação mental pela participação das descobertas scientificas modernas. Estes escritores são os mais sujeitos a serem julgados com má fé, porque ha sempre uma frase sua, com que se pôde contradictar o homem de hoje; mas em compensação são elles os que mais instruem pela espontaneidade do seu processo psicologico. A critica moderna procurando hoje revisar os textos dos grandes escritores francezes do seculo xvii, procura os cadernos dos manuscritos saídos do proprio punho, e sobre esses autographos recompõe as phases da concepção racional, em um retoque de um retrato de Saint Simon, em uma malicia da Seigné. As emendas typographicas de Balzac instruem mais sobre o processo do grande sociologista experimental, do que todos os preceitos da critica theorica, ainda mesmo que elles sejam formulados por um Taine. Ha outra classe de escritores que apparecem feitos diante do publico; a sua elaboração mental fez-se no silencio e no recolhimento do estudo, e só depois que a sua obra attingiu a solidez de uma forte construcção, a atiram á luz, dominando pelo deslumbramento. É assim que procede Flaubert; em geral são naturezas artisticas, e o esmero de trabalho provém em parte de uma hesitação de caracter, de uma timidez que vae adiando a hora de comparecer diante do julgamento implacavel das emoções dos outros. Eça de Queiroz pertence a esta ultima cathegoria dos escritores artistas; elle transforma centos de vezes o seu pensamento, procura defini-lo, dar-lhe fórma pitoresca, inutilisa-o, toma-o de novo, dá-lhe mais nitidez, confronta-o com o natural, até que o deixa, satisfeito e certo de que ha de conseguir a impressão do deslumbramento. Quem visse as diferentes cópias do *Crime do Padre Amaro*, a sua primeira redacção na Revista Occidental, as provas illegiveis com inumeras intercalações que serviram para a edição definitiva de 1876, palparia as mil trepidações daquelle espirito hesitante, que vae tateando incerto até achar a fórma ideal que não pôde fixar de um jacto. O escritor appareceu feito diante do publico, e fez-se conhecido por uma obra prima. Mas o escritor é uma resultante do homem. Eça de Queiroz é uma natureza debil, nervosa, impressionavel, mas forte pela concentração dos desejos, dos processos de observação tacita e dos protestos de linguagem. Parece uma alma que se achou desde muito cedo hostilizada, e que se refugiou em si mesma, como estas flores que fecham o calix quando se sentem tocadas. Foi assim que Eça de Queiroz começou a escrever, sem que ninguem suspeitasse da sua veleidade literaria; da sua geração academica ninguem foi capaz de adivinhar que elle rabiscava papel, e quando appareceu na imprensa jornalistica apresentou-se com um estilo feito, como quem estava adestrado nesse torneio de todos os dias, tinha o poder da linguagem. Eça de Queiroz pertence a esta camada de escritores que os follicularios de 1865 chamaram a *Eschola de Coimbra*, e que Ramalho Ortigão com mais propriedade chamou os *Dissidentes*, porque comprehende todos aquelles que, embora tivessem

vindo mais tarde, ou mesmo de outros centros, insurgiram-se contra essa pedantocracia banal do *Elogio mutuo*, que chancellava reputações, que estacára extasiada diante do estilo conceituoso de Frei Luiz de Sousa, e que contra a participação scientifica do nosso seculo oppunha uma cousa invencivel, que elevava os mediocres á apothese das academias e dos ministerios — a admiração supersticiosa e inconsciente dos classicos! A revolução começou pelo estilo, quebrando esses moldes postigos tomados de Vieira ou Bernardes, e deixando esse tom pedinte da linguagem de convenção pelas fórmulas categoricas de uma arrojada indisciplina metaphisica.

Antes porém de descrevermos este movimento, a que o tempo vae restituindo a importancia, filiemos Eça de Queiroz no seu meio; José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1843, nessa terrivel epoca de represalias politicas entre Setembristas e Cabralistas. A sua primeira educação fez-se nos collegios da cidade do Porto, onde seu pae exercia a magistratura judicial e onde firmou a reputação da mais inabalavel integridade no processo de moeda falsa que instaurou ao Conde do Bulhão, não obstante as pressões daquella sociedade mercantil e as relações do argentario com o Duque de Saldanha. A crassa atmosféra dinheirosa do Porto, e a violencia pedagogica dos collegios de exploração não destruíram na alma de Queiroz essa orientação contemplativa da criança nascida e criada á beira-mar, nessa encantadora terra da Povoia de Varzim. Em outra qualquer epoca, Eça de Queiroz, com a sua organização ardente e passiva, teria sido um místico; e porventura os seus primeiros annos se passariam nessa preocupação religiosa, como se póde suspeitar pelas situações de erotismo místico tão admiravelmente descritas no *Crime do Padre Amaro*.

Filho de um magistrado, Eça de Queiroz foi educado para a magistratura, indo frequentar a faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1861 para 1862; pela relação dos estudantes do curso juridico sabe-se que elle era o n.º 124, o penultimo do curso. Não é isto uma circumstancia indifferente; os estudantes das ultimas bancadas constituíam quasi sempre uma liga de cabulas e de trocistas chamada a *Coelheira*. Longe da inspecção superciliosa dos lentes, os estudantes da *Coelheira* viviam em uma certa impunidade, *jogavam de porta*, isto é, só entravam depois de ser alguém chamado á lição, e *mergulhavam*, isto é, metiam-se debaixo do banco em quanto o lente percorria com os olhos a pauta para fazer a chamada daquelle a quem competia a dura sorte de *vomitara a sebenta*; os mais pacatos liam algum romance em quanto o lente explicava os paragrafos de Waldeck com um tom ronco e dormente como um asno de nóra, outros jogavam as damas em um taboleiro pintado nas capas do compendio, outros estavam de vigia, para acudir a quem fosse chamado de repente, fornecendo-lhe assim o paragrafo em que ia a lição, passando-lhe para a mão o compendio aberto e com a sebenta intercalada, de modo que não fosse vista. Na *Coelheira* havia dedicações sublimes, como a dos que por boa confraternidade *sopravam*, isto é, serviam de ponto ao desgraçado que tinha de dar lição sem saber de que se tratava; nas bancadas da frente estavam quasi sempre os *ursos*, aquelles que se pavoneavam para premio, e aí existiam fundas emulações, e não raro era revelar-se de vez em quando um *musico*, ou estudante mediocre, com pretenções a *urso*. A *Coelheira* estava acima destas cousas, e era aí que o estudante aprendia a julgar a sangue frio a imbecilidade dos lentes; a circumstancia de Eça de Queiroz ter começado a sua carreira universitaria pela *Coelheira*, costumando-o a seguir os *sopradores*, fez com que entrasse no Theatro academico, onde representou alguns annos, e onde adquiriu esse conhecimento profundo dos efeitos do dialogo, que é o lado superior e

quasi shakespeareano dos seus romances, e os lances scenicos, que lhe ensinaram a produzir as situações e o modo de sair da collisão moral e onde revela o seu grande poder de artista. Em rigor Eça de Queiroz foi um *cábula*, e a essa indisciplina deveu a saude cerebral, com que se revelou mais tarde. O que é a *cabula*? É a reacção pela força da inercia contra a violencia de velhos methodos do tempo do humanismo jesuitico, contra as doutrinas de uma sciencia atrazada onde a superstição da letra do texto historico nunca foi vivificada por um raio de luz critica ou filosofica, em que a auctoridade do mestre se impõe pelo entono do pedantismo doutoral e pelo terror do apontamento na pauta escolar que no fim do anno se traduz em reprovações. Tremia-se diante do Neiva, quando elle no silencio sepulcral de alguns segundos, fixava o nome do infeliz que tinha de dizer-lhe a letra por letra paragrafos inteiros das *Ordenações do Reino*; tremia-se diante do Paes-Novo, que agglomerava a torto e a direito duzias de citações de leis sobre uma cousa, que uma simples frase de bom senso bastava para invalidar ou autenticar. Os que se submetiam a esta disciplina ficavam idiotas, e o paiz todos os annos se povoava de *bachareis formados*, que durante muito tempo foram simbolos da nullidade; chegou-se mesmo a dizer de quem frequentara a Universidade: *Deixou uma argola em Coimbra*; e quando algum estudante tomava o gráo de doutor: *Já pôz a albarda ás costas*. Lamentavel! Chamavam-se *cábulas* os que reagiam pela inercia contra esta mutilação das intelligencias noveis; elles inventaram para sua salvaguarda a *Cebenta*! Na vida escolar a *Cebenta* era o farol por meio do qual se podia seguir com segurança os cinco annos da formatura; com tres pintos por mez obtinha-se essa orientação artificial e postiga da sciencia doutoral e ficava-se á prova de bomba para sair incolume dos actos. A *Cebenta* é o documento mais extraordinario que existe da vida intellectual da Universidade de Coimbra; é um amalgame informe das apostillas jesuiticas com a invenção luminosa de Senefeld, é uma lição lithographada nas seguintes condições: o lente tartamudeia de cór uns apontamentos tradicionaes do tempo em que fôra Oppositor, tirados de livros ou praxistas latinos e sem nexos doutrinaris, ladeando dum apparato de erudição ôcca os paragrafos de Coelho da Rocha ou de Mello Freire; um estudante escreve a lapis, em cima do joelho e em abreviaturas as palavras sacramentaes, que saem da boca do lente, e dizemos sacramentaes, porque a intelligencia da lição depende em seguir *ipsis verbis* o que o lente disse na vespera; um copista passa immediatamente á pedra lithographica esses apontamentos assim na fórma atrapalhada como foram colligidos, com os seus breves illegiveis, com as faltas de syntaxe, emfim com os mil disparates de uma má audição, e com a impericia de um artifice aguardentario, que não sabe o que copia na pedra; por fim começa a imprimir-se a lição, e aqui sae uma linha empastada de tinta, abaixo vêm tres linhas em branco, o todo de um mesclado sujo, e tudo se suja ainda mais com a pressa porque as *serventes* accumulam-se á porta da lithographia para levarem a *cebenta* aos patrões que se assentaram á banca ao *toque da cabra*. Neste terrivel meio academico uns succumbem e adaptam-se a tudo, outros reagem com pujança, como aconteceu com Anthero de Quental e José Falcão, mas em geral adquire-se no meio dessa perversão intellectual habitos profundos de ironia, e fica-se com uma tendencia para o sarcasmo, com uma hostilidade contra tudo o que é mediocre, vulgar e chato. É esse o caracter de Eça de Queiroz, e um dos poderes do seu estilo.

Eça de Queiroz viveu durante a sua epoca academica em casa do Doutor Doria, o autor do *Compendio de Filosofica racional*, livro consagrado no ensino publico, e que mais cerebros tem inutilisado neste paiz; e um dos seus mais assi-

duos companheiros era esse tipo tradicional e simpático de José Dória, o improvisador da viola de arame, o homem que sabia de côr todo o Decameron popular portuguez. O retrato deste grande artista espontaneo pôde vêr-se tomado sobre o vivo no livro de Vasconcellos *Os musicos portuguezes*; José Dória sabia todas as nossas melodias populares, e a sua conversa cheia de anedotas era uma lanterna magica em que passavam todos os tipos mais notáveis das gerações academicas e todos os grutescos da vida provincial. Eça de Queiroz aprendeu alguma cousa neste meio; a sua preocupação era o theatro academico.

Em 1862 era reitor da Universidade o doutor jubilado Basilio Alberto de Sousa Pinto; não obstante ter pertencido ás côrtes liberaes de 1820, a idade e o pedantismo universitario haviam feito delle um despota. Pesava sobre os estudantes com toda a arbitrariedade dos seus regulamentos; deixava os lentes amesquinhaem o ensino na repetição automatica de apostillas marginaes dos compendios pombalinos, mas exigia aos estudantes mudez clausal na *via-latina*, volta clerical no pescoço, meia-preta acima do Joelho, e batina aberta pela trazeira! O bigode era-lhe desafecto. Riscava da matricula os estudantes incurso nestas pequenas cousas, e isto por dois e mais annos, com evacuação immediata de Coimbra, sem processo, nem publicidade. Vivía-se no terror, e foi o terror que fez organizar uma sociedade de resistencia, chamada o *Raio*. Não sabemos se Eça de Queiroz pertenceu ao *Raio*, mas o seu nome apparece como signatorio do Manifesto feito ao paiz em dezembro de 1862 contra o inquisitorial Reitor. A academia em pezo projectou uma monumental desfeita a Basilio Alberto; era no dia 8 de dezembro de 1862, havia clausuro pleno para a entrega dos premios conferidos no anno lectivo transacto. Estava cheia a sala dos Capellos; e quando o Reitor se ergueu para lêr um discurso, ao dizer as palavras: Mocidade academica! todos os estudantes lhe voltaram as costas despejando de repente e em silencio a sala. O Reitor ficou como fulminado; perdeu a força moral e passados dias era demittido dando-se-lhe para compensação o titulo de Visconde de S. Jeronimo. Era neste meio que se desenvolviam Eça de Queiroz, Anthero, Alselmo de Andrade, e tantos outros que se esgotaram numa van especulação metaphisica.

Quando vim á fala com Eça de Queiroz andava elle no quarto anno, era *pé de banco*, como se dizia em gíria academica; começou por uma palavra agradável, dizendo-me que em Lisboa cortavam os folhetins do *Jornal do Commercio* para guardarem os *Contos fantasticos*, que eu ali publicava semanalmente. Ainda se não havia dado o reviramento da opinião, que me trouxe debaixo do pezo da hostilidade geral até 1872, promovida por Castilho; era preciso um drama para o theatro academico e escrevi-o. O drama chamava-se *Resignação*, e hoje está publicado com o titulo *Poeta por desgraça*; (1) versava sobre a perseguição do Marquez de Pombal contra o infeliz árcaide Garção, e rematava com o desfecho da infame ordem de soltura passada pelo ministro quando soube que a sua victima succumbira. Eça de Queiroz fez o papel de protagonista, desempenhou o tipo de Garção; foi na noite de 29 de abril de 1865, por occasião do anniversario da Carta constitucional e como pretexto de um feriado no dia seguinte. Guerra Junqueiro fez para essa noute umas quadras que se lançaram dos camarotes, mas máo grado as ovações, o theatro demanda uma actividade exclusiva, e eu tinha muito caminho ainda a percorrer. Hoje que me lembro do grande talento dramatico de Eça de Queiroz, é que sei explicar como os seus romances são tão bem tecidos, como as situações são tão logicamente conduzidas, como o seu dialogo é tão vivo.

(1) Nas *Torrentes*, p. 127.

Em 1865 rebentou a dissidencia dos rapazes de Coimbra contra o dogmatismo com que Castilho depois da morte de Garrett, se apoderara da direcção da literatura portugueza; foi por novembro que Anthero de Quental fulminou o celebre libello critico *Bom Senso e Bom Gosto*. Os estudantes apoiaram essa revolta intellectual, e Guimarães Fonseca e Severino de Azevedo entraram na questão com os seus versos facetos. Foi o *Strum und Drang* da literatura; havia uma parte negativa bastante vigorosa, mas eramos todos muito novos, e nada haviamos ainda feito para substituir aquillo que desauthoravamos. Em vez de progredir Anthero de Quental calou-se, mas o movimento intellectual propagou-se ao Porto em 1868, sob a fórma de Critica e de Historia, e a Lisboa, sob a fórma democratica e filosofica. Eça de Queiroz não se manifestou no movimento literario de 1865; elle não tinha admirações pelos escriptores do romantismo, porque estava em dia com a literatura franceza e ingleza, mas a sua abstenção é explicavel, porque ainda não havia determinado a sua vocação literaria. Porém no movimento intellectual propagado a Lisboa, achamol-o inscrito nas Conferencias do Casino, o que prova que estava com os Dissidentes.

O movimento intellectual da Eschola de Coimbra não passou desaperecebido para Eça de Queiroz; na sua biografia de Ramalho (1) allude a essa epoca, que não deve ficar sem historia: «Ha quasi doze annos appareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte dacolá, uma extraordinaria geração; educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução.» Está bem caracterizado o movimento; e quando Eça de Queiroz, pergunta, ao cabo de doze annos de silencio: «Que tem feito ella?» já tinha a explicação na sua frase: estava nesse estado de indisciplina mental de um fantastico metaphisicismo, e por isso em vez de progredir e ser fecunda, exauria-se na dissolução da phase revolucionaria extemporanea: Anthero de Quental considerando o Christianismo como uma phase anterior da Revolução, é a synthese deste estado mental apathico e infecundo; os que saíram delle trabalharam e tornaram-se fortes.

Antes de entrar neste periodo da sua vida, sigamos os ultimos accidentes da formatura em direito. O anno de 1866 foi o mais terrivel para os quintanistas de todas as epocas universitarias: nunca se reprovava no quinto anno, e só muito extraordinariamente é que apparecia uma classificação de *simplíciter*; em 1866 *choveram rapoças*, no quinto anno. O Paes-Novo, com um cabeçudismo de quem não vê mais mundo fóra da legislação, encostado a um logico tartamudo que introduzira na faculdade, reprovava sem piedade, e isto depois de haver escapado um filho do Doutor Forjaz. No meio dessa carnificina saiu estropiado com um R, Eça de Queiroz! Como a justiça de hontem se torna hoje uma vergonha!

Eça de Queiroz tirou as cartas e veiu para Lisboa, incapaz de seguir a magistratura judicial, e incapaz de bestificar a intelligencia na rotina quotidiana do fóro. A literatura foi para elle um consolo, e talvez que em si mesmo a julgasse uma rehabilitação. Entrou na parte literaria da redacção da *Gazeta de Portugal*; aí publicou os seus primeiros artigos em prosa, cheios de elegancia, de humorismo, de vigor de bom senso, de contrastes, um mixto de João Paulo, de Carlyle, de Michelet, em contradição com as fórmas engomadas do estilo dos classicos. Quando publicou o bello conto das *Singularidades de uma mulher loura*, Herculano não viu naquelle talento deslumbrante senão um erro de corografia, como não viu no *Fiat Lux* de Anthero de Quental a repugnante imagem do sapo em seio de virgem. Eça de Queiroz

(1) *Renascença*, fasc. 11, p. 17-22.

como artista e como malleado pelos cinco annos da ociosidade de Coimbra, caiu na vida da *Bohemia*, nessa innanidade de quem se dispense na especulação ideal; Anthero de Quental agrupara pela seducção do *cavaco* alguns rapazes em volta de si, taes como Eça de Queiroz, Batalha Reis, Oliveira Martins. Mas a companhia de Anthero esterilisa pelo estado mental de um misticismo metaphisico, que o torna dominante como illuminado; alheio a toda a educação scientifica, não tem o impulso suggestivo, que faz com que uma intelligencia determine e fortaleça. A este pequeno grupo de rapazes intelligentes chamava-se o Cenaculo; era preciso ter *verve* para entrar nelle. Eça de Queiroz viveu desta vida mental ficticia. No meio delle vivia um empregado da Livraria Bertrand, o suizo José Fontana, espirito taciturno e organisador, o que introduziu no nosso paiz a disciplina do Socialismo pratico; conhecendo o poder absorvente de Anthero de Quental, suggeriu-lhe a ideia de se aproveitarem aquelles talentos entusiastas em umas Conferencias Democraticas. Aceitou-se o pensamento e alugou-se o Salão do Casino; correu um prospecto, que aqui consignamos:

• Ninguém desconhece que se está dando em volta de nós uma transformação politica, e todos presentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organização social.

• Sob cada um dos partidos que lutam na Europa, como em cada um dos grupos que constituem a sociedade de hoje, ha uma ideia e um interesse que são a causa e o porque dos movimentos.

• Pareceu que cumpria, enquanto os povos lutam nas revoluções, e antes que nós mesmos tomemos nellas o nosso lugar, estudar serenamente a significação dessas ideias e a legitimidade desses interesses; investigar como a sociedade é, e como ella deve ser; como as Nações têm sido, e como as póde hoje fazer a liberdade; e, por serem ellas as formadoras do homem, estudar todas as ideias e todas as correntes do seculo.

• Não póde viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preocupações intellectuaes do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vae trabalhando, deve tambem ser o assumpto das nossas constantes meditações.

• Abrir uma tribuna, aonde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterisam este momento do seculo, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e politica dos povos;

• Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitales de que vive a humanidade civilisada;

• Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa;

• Agitar na opinião publica as grandes questões da Philosophia e da sciencia moderna;

• Estudar as condições da transformação politica, economica e religiosa da sociedade portugueza;

• Tal é o fim das Conferencias democraticas.

• Tem ellas uma immensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar: preoccupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ella a consciencia publica se prepare e illumine, é dar não só uma segura base á constituição futura, mas tambem, em todas as occasiões, uma solida garantia á ordem.

• Posto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escholas, de todas aquellas pessoas que, ainda que não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua atenção aos que pretendem ter uma acção — embora minima — nos destinos do seu paiz, expondo publica mas serenamente as suas convicções e o resultado dos seus estudos e trabalhos.

• Lisboa, 16 de Maio de 1871. — Adolpho Coelho — Anthero de Quental — Augusto Soromenho — Augusto Fuschini — Eça de Queiroz — Germano Vieira Meyrelles — Guilherme de Azevedo — Jayme Batalha Reis — J. P. Oliveira Martins — Manuel de Arriaga — Salomão Saraga — Theophilo Braga.

As Conferencias começaram no dia 22 de maio ás nove horas da noute no salão do Casino (largo da Abegoaria), abertas por Anthero de Quental com quatro palavras; a primeira Conferencia foi celebrada a 27 de maio com o discurso de Anthero de Quental sobre as *Causas da decadencia dos Povos peninsulares*. Para julgar este trabalho basta saber-se que Anthero de Quental não conhecia a obra de Buckle. Soromenho fez uma conferencia sobre a Litteratura moderna, dando a palma a Chateaubriand! Seguiu-se-lhe Eça de Queiroz expondo a theoria da Arte segundo Proudhon, e por ul-

timo Adolpho Coelho com a analyse do estado do ensino publico. Quando se annunciava a conferencia de Salomão Saraga sobre a divindade de Jesus, o Marquez de Avila então presidente de ministros, e com consulta de Martens Ferrão, mandou por uma Portaria fechar as Conferencias do Casino. Coelho, Anthero e Batalha Reis publicaram cartas e protestos contra o acto praticado pelo ministro, mas em rigor o effeito moral das Conferencias proveiu dessa repressão. Pela apathia de Anthero, e pela falta de disciplina mental dos outros conferentes, as Conferencias democraticas extinguiram-se por si mesmo; não havia coherencia filosofica, estava-se nessa inconsciencia da aspiração revolucionaria, e não havia uma base scientifica para interessar o publico em um movimento democratico.

Fez-se um protesto contra o acto do ministro, e apenas assignaram tres dos conferentes e mais *cincoenta pessoas*, diante da brutalidade da policia que fez evacuar as salas do Casino; os jovens conferentes, estando o parlamento fechado, olharam para o homem em cuja consciencia esperavam achar um protesto que ecoaria em todo o paiz: olharam para Alexandre Herculano! O silencio sellou a bocca do propheta; elle não queria nada com os rapazes, não os entendia. José Fontana escreveu-lhe uma carta, relatando-lhe o caso e pedindo-lhe o seu juizo; foi então que Herculano escreveu essa lamentavel carta hoje publicada no primeiro volume dos Opusculos com as iniciaes a J. F. Nessa carta queixa-se do infalibilismo e do marianismo, com uma tradicional orientação theologica do seu espirito, e confessa que para elle a democracia é a gente miguelina armada de sacos á espera de entrar no Porto quando se rompesse o Cêrco. Elle diz que vira ali a Democracia com esse aspecto. Depois disto a geração nova nada mais devia a Herculano, e em rigor só tinha a fazer-lhe o processo.

A prohibição das Conferencias democraticas, deu mais energia de resistencia a Eça de Queiroz; o romance appareceu-lhe como o meio de pôr em relevo a sociedade portugueza, mas antes do romance tentou o esboço, projectou uma revista de costumes. Ramalho Ortigão viera fixar a residencia em Lisboa, e naturalmente se achou ligado com Eça de Queiroz; o que Anthero não soube fazer, fel-o Ramalho com a sua energia de trabalhador, impulsionou Queiroz, e ambos em dissidencia com este meio apathico e miseravel do mundo official, emprehenderam em commum essa púa terrivel *As Farpas*. Nunca dois espiritos se acharam tão bem harmonisados, e isso proveiu em parte que ambos eram do Porto, ambos tinham os mesmos chistes tradicionaes, ambos possuiam os mesmos poderes de linguagem. A liga com Ramalho Ortigão foi o estimulo que salvou Eça de Queiroz da esterilidade especulativa; atiraram-se a escrever á ventura, ao capricho da imaginação e aos accidentes do estilo, e saiu esse interessantissimo romance *Misterio da estrada de Cintra*. Eça de Queiroz ganhou dinheiro, e ficou com respeito pelo trabalho. Meteram mãos ás *Farpas*; foi um successo estupendo, acharam a nota para se fazerem ouvidos; a critica era dissolvente, aggressiva, e sem intuito acima do effeito do contraste e da felicidade da frase. Admiravam-se os paradoxos das *Farpas* porque eram bem escritos. Eça de Queiroz, que redigira um jornal politico em Evora e fôra administrador para Leiria, fez concurso para um Consulado, e quando menos o esperava foi despachado para Havana. Foi então que teve de deixar as *Farpas*, e longe do convivio dos amigos lançou-se na composição do romance como um meio de supprir a sociabilidade. No entanto dava-se uma revolução no espirito de Ramalho Ortigão; as *Farpas*, deixaram de ter uma acção negativa, atacavam o abuso mas indicavam o remedio. Eça de Queiroz desconheceu o antigo espirito ironico e foi o pri-



EÇA DE QUEIROZ

(De uma photographia ingleza)

meiro a afirmar que se dera em Ramalho uma profunda reorganisação mental: «Se elle ha sete annos dá ás *Farpas* tempo, cuidados, estudo—*as Farpas* têm-lhe pago regimento; têm-no *feito*. Tem-lhe dado a disciplina do raciocínio, a observação, a exclusiva fé na sciencia, a critica, uma bella elevação moral, uma fórma magistral.» Esta phase esplendida do espirito de Ramalho Ortigão foi considerada como um sistema errado no seu processo de ironia; o proprio Eça de Queiroz o julgava tambem: «Alguns amigos nossos achavam então (e diziam-lho), que as *Farpas* tinham um *excessivo apparatus scientifico*, e que elle, como acontece aos pobres que herdram grandes fortunas, não podia quasi tirar o lenço sem mostrar massos de notas de banco. Eu mesmo, creio, o censurei; parecia-me que elle estava torcendo a vocação ás *Farpas*; ellas eram uma satira — não um curso... Mas no fundo elle tinha razão; não espalhava erudição por vaidade mas por filantropia. Via o paiz numa ignorancia crassa, fradesca...»

No esboço biografico de Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz justifica e descreve a fase nova que se dera no espirito do auctor das *Farpas*: «Para ensinar ha uma formalidadesinha a cumprir — saber. E Ramalho, havia tempos, andava-a cumprindo com ardor: entrava na sciencia com a exaltação de um convertido. Reconhecera que o moderno homem de letras deve possuir em uma generalidade sufficiente os principios do movimento scientifico contemporaneo; — e como um guerreiro que num arsenal se arma rapidamente para uma batalha urgente, começou a prover-se dos elementos essenciaes da *Filosofia*, da economia, da moral, da politica, da historia, das bellas-artes, da sciencia, da industria. Foi um periodo da sua vida muito grave, de grande elevação moral, quasi religioso.»

Isto é profundamente verdade; assistimos a esta transfiguração, e Ramalho Ortigão deve-a á forte disciplina mental recebida no *Curso de Filosofia positiva* de Augusto Com-

te; foi por essa filosofia que elle coordenou os seus conhecimentos e que soube o que lhe faltava para uma educação enciclopédica tão necessaria na especialização das sciencias modernas. Eça de Queiroz, que ficou naquelle estado mental vago das entidades metafísicas do seu tempo de Coimbra, se conhecesse a filosofia positiva explicaria melhor a esterilidade da maior parte das intelligencias que se insurgiram contra a pedantocracia portugueza na Escola de Coimbra. Justificando a actividade filosofica de Ramalho, Eça de Queiroz retrata com traços vivos a situação da *Escola de Coimbra*: «E depois, tinha outra razão: é que os da sua geração, que com grande sciencia e grande auctoridade podiam ensinar, persistiam num silencio impassivel. Realmente, a não ser o silencio de Anthero de Quental, — o maior de todos, a mais poderosa organização filosofica e critica da península neste seculo — silencio imposto até aqui pela doença, como explicar a mudez marmorea dos outros?» Basta este periodo para definir o fundo atrazo mental de Eça de Queiroz, e para explicarmos a superioridade da sua obra unicamente pela intuição do seu genio de artista. Chamar a Anthero de Quental, que apenas leu Michelet e Quinet, e que em filosofia amalgama Vacherot e Renan, Taine e Augusto Comte em improvisos de café, a *mais poderosa organização filosofica e critica da península neste seculo* é uma monstruosidade de grosso calibre; e a simpatia pessoal prejudica o amigo, expondo-o a ser julgado em todo o tempo diante duma affirmacão tão gratuita como absoluta.

O que levou Eça de Queiroz a persistir neste juizo apoiado em antigas emoções, é o que fez com que essa geração cheia de ambições e vazia de doutrina se obstinasse no silencio: era ignorante, não tinha disciplina scientifica, nem intuito filosofico: ficou numa vaga aspiração revolucionaria: «Esta geração, como diz Queiroz, tem o aspecto de ter *falhado*.» O proprio autor do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Babilio*, se vivesse na autolabia do Cenaculo ficaria esteril; como se achou envolvido no conflicto social, fóra deste paiz atrazado pela apathia mental, é que obedeceu aos fortes estímulos do meio estrangeiro. Senão tivesse assistido aos grandes crimes do governo hespanhol em Cuba, senão conhecesse o tedio do domingo inglez em New-Castle, passaria na Havaneza do Chiado consumindo «*esta cansada e esteril mocidade*».

O juizo tão seguro sobre a reorganização mental de Ramalho Ortigão, e a caracterização tão bem achada da geração da Escola de Coimbra, estão por si indicando a Eça de Queiroz, que uma cousa lhe falta para ser um grande artista. Falta-lhe uma renovação mental, uma visão de Damasco. Não basta observar bem, e pôr em conflicto os diferentes factores do meio social, é necessario tirar conclusões; o romancista já não é o homem que diverte os outros com peripecias imaginadas, é um naturalista, é o collector do *documento humano*, como diz Zola, é um experimentador no campo dos phenomenos sociológicos. Para chegar a esta altura não basta seguir o processo dos grandes realistas contemporaneos, estudar Flaubert, Zola e Daudet, e levantar pelo talento theses banaes sem acção sobre a consciencia dos que lêem; é preciso estudar scientificamente a sociedade, e esse estudo scientifico tem um methodo que só pôde ser comprehendido por quem se disciplina na Filosofia que primeiro conseguiu sistematizar em corpo de doutrina a complexidade dos phenomenos sociaes, tornando applicavel a esses phenomenos o criterio das sciencias cosmologicas e biologicas, que precedem hierarchicamente a psicologia. Foi isto o que fez Ramalho Ortigão provendo-se «*dos elementos essenciaes da filosofia, da economia, da moral, da historia, das bellas-artes, da sciencia, da industria.*»

Este complexo de sciencias concretas é que o prepara para a comprehensão da sciencia fundamental da Socio-

logia; e por esta via chegou a ser lido com interesse, e algumas das suas sugestões, como a da reforma da instrucção publica citada no parlamento portuguez, a serem recebidas como soluções positivas. Terá Eça de Queiroz a coragem de renegar em si o antigo homem, e de nesse meio inglez em que vive, abrir a sua intelligencia tão receptiva, á espantosa elaboração scientifica do seculo? A docilidade do seu caracter leva-nos a crêr que sim. Quando elle comprehender, que a consciencia humana rompe com o supernaturalismo tradicional, com as fórmimas immobilizadas da autoridade, que procura tornar o facto natural e espontaneo da sociedade no producto consciente da associação; quando elle souber explicar as guerras como phenomenos de recorrencia do canibalismo do homem-alimaria, e reduzir o lirismo do amor ao estímulo da selecção na especie; quando elle comparar as luctas do homem das cavernas com os grandes monstros, e mal armado com facas de sillex, como menos perigosa do que a nossa lucta moral de hoje com as creações seculares das superstições e dos dogmas; quando explicar o crime como uma consequencia de deformação do cerebro, que elementos positivos de concepção não achará para as suas realisações artisticas? O campo é vasto e difficil de apontar-lhe todas as perspectivas; mas o genio do artista é bastante intuitivo para presentir o novo horisonte.

Theophilo Braga.

REVELAÇÃO

Contaram-me que tu, doce criança,
Que tens no vago olhar intelligente
Toda a alegria duma pomba mansa,
Que vóa docemente,

Lendo não sei que linhas que eu rimára,
— Pobres versos, simpllissimos, banaes,
Onde puz toda a ingenuidade rara
Dos vélhos madrigais, —

Balbuciando as silabas a mêdo,
Disseste: — Quem me dera a mim saber
O fio conductor deste segredo,
Um nome de mulher...

E *alguem* disse do lado: — Isso poetas
São todos hoje em dia prosa; Deus
Deixando neste mundo as Julietas
Levou-lhes os Romeus.

E tu emmudeceste de assustada,
Como, vendo uma immensa nuvem negra,
Desmaia a canção limpida, esmaltada
A doce toutinegra.

Não me disseram mais, nem me consome
A ancia de saber mais, porque emfim
Já conheço que sabes qual é o nome,
Que eu trago dentro em mim!

Lisboa, 1879 — junho.

Joaquim d'Araujo.



A IDEIA DA COMADRE MONICA

LOGO nos fins de setembro, quando tinham cahido as primeiras gotas de chuva, o Canellas tractou de encetar a sua vindima. Não era cedo já, a falar serio. Havia duas semanas que o Garrocho começára, e que muitos lavradores tinham aberto os seus lagares. A novidade prometia. O verão ia temperado; no hynverno não chovera de mais, e desta moderação de clima provinha a riqueza dos cachos e a vigorosa maturação dos frutos. Feitas as contas o Canellas devia seis moedas ao todo. O da Vanga, emprestára-lhe tres libras para comprar o jumento na feira da Vidigueira; devia quatro meias corôas ao boticario, da doença da mulher; devia ao medico; devia uns *fiados* na loja; oito mil reis, das casitas. Se fosse feliz na colheita da uva, pagava tudo e ainda guardava a sua tarefa-sita de vinho; Deus ia ajudando um homem, dizia elle para a mulher, e quando o pequeno fosse crescido melhor passariam. Assim, uma bella manhan, o Canellas com a mulher e o filho, deitaram caminho das vinhas, mais o burro. Pela estrada iam encontrando os ranchos de vindimadores; os rapazes triqueiros e musculosos da freguezia, de ceifões e polainas, os chapéus de grosseiro feltro derrubados para diante; grupos de raparigas de sangue vivo, grandes olhos ardentes de meridionaes, os cestos ao quadril; velhos trabalhadores corcovados, de barrete, alforge ao hombro, atraz dos seus jumentos vagarosos, felpudos e pacificos; pesados carros de duas rodas calçadas em chapas de ferro, luzentes do atrito, no saibro das estradas, pejados de enormes cestões de verga para o carregado das uvas. A cada volta do caminho convergiam veredas por onde os magotes derivavam, dando — bôa fortuna! — aos que se dirigiam para outro sitio. O campo naquelle tempo, começava a perder o viço. Entre vinhedos de um verde carregado, emmaranhado, pintorescamente confuso, alastravam-se a perder de vista os ferragias amarellas, sêcos de raizes do trigo ceifado, onde as ovelhas mansissimas, sonoras de chocalhos, pasciam destroços, as hervagens finas dos barrancos, os fenos fibrosos dos corregos, as gramineas deixadas nos vallados. A região, sem grandes depressões atrevidas, sem cordilheiras de arestas a prumo, oferecia á contemplação um aspecto sereno de ondulações graduas, moldadas quasi na mesma curva regularissima; toda a zona abrangida num olhar, sofria o cultivo solícito, amigo, da aldeia proxima, branca aglomeração de casinholas

de taipa, sem estrutura regular, desenhada entre o cinzento metallico e um pouco triste das grandes oliveiras de troncos fendidos. A leste, no esfumado anil da massa de ar, linhas quebradas de vales distantes esboçavam-se risonhamente na luz da manhan. Nos limites da freguezia, no *termo*, a herdade assignalava-se com azinheiras gigantes, sombrias, de grandes braços, pelludos de musgos, alongados como numa desesperação sem remedio, ao risonho ceu transparente, bordado pelo algodão das nuvens em farrapinhos tenues, como um capricho de creança. O Canellas dirigiu-se á sua vinha, que ficava distante.

— Olha se nós recolhemos este anno um potinho de vinho!... Vendido dava bem para um porco de quatro arrobas.

— O vinho hade estar barato, disse a Luiza, a esposa.

— E eu heide ter uns sapatos, gritou o garoto, saltando com os seus rijos pés immundos, na poeira da vereda. O burro, de orelha pendente, o passo reflectido, o olhar tristonho e lirico, ia caminhando, todo cuberto de moscardos. Á frente de todos, o cão *Bedelho*, corria e ladrava ás perdizes. O ar aquecia, o sol rebentava no ceu a cascata da sua luz crua e candente, enquanto nos silvados e nas faias do proximo ribeiro, os garotos dos melros, na frescura humida das folhas espalmadas, faziam troça da companhia.

A vindima durou-lhes quatro dias, e a novidade fundira-lhes bem. Foi um tempo alegre, o que passaram. Enquanto a Luiza, toda arreagaçada, de chapirão nos olhos, colhia os fructos mais o filho, cantando, o Canellas com uma vara de marmelleiro dirigia o burro carregado com dois cestões cheios, da vinha para a aldeia, e com outros dois vasiros, da aldeia para a vinha. Quando acabaram o trafego, houve jantar de carne, para que foi convidada a visinha Monica, madrinha do rapaz. E á noite, na banca da *casa de fóra*, jogaram as cartas, a Padre Nossos.

— Quando fôr tempo, disse a Luiza á comadre, hade provar um copinho do nosso. A Monica arrebitou a penca, um riso guloso.

— Agora para o hynverno que é para aquecer. E vieram as confidencias, os orgulhos do bom governo de casa, a feliz plenitude de não deverem nada a ninguem — senão obrigações. Tinham pago ao medico, o Justino; tinham pago á botica; ao da Vanga; os oito mil reis das casas. E ainda, na dispensa, ao canto, fervia a talhita de mosto, objecto das mais câras esperanças e base de uma abundancia de chouriços excepcional em casa pobre, no hynverno que ia entrar.

A Monica, sêca figura de viuva pobre, os seios

chatos e estereis, um grande lenço de chita preta no pescoço, as contas de louça, desfiadas a *gloria* e a *Salve-Rainhas*, durante a monotonia dos serões, roia-se de inveja, mostrava o seu riso amarello de comilona e de desamparada, formulando bons desejos que não sentia, pedindo a Deus dêsse aos comadres, tanta fortuna como desejava para ella propria. O casal agradecia. O Canellas, a espaços, esfregando as grossas mãos de cavador, observava:

— *Estemos pagos e sastifeitos! Cinco senhoras!*

— *Estemos pagos e sastifeitos!* E em côro, todos formulavam planos de futura prosperidade; a compra de uma courella á Barrada, a aquisição de uma adega, a postura de bacello, nas terras da Pichaleira. A Luiza tinha precisão de um capote de panno para ir á missa; indagava da comadre qual era o preço: queria do bom!

— O meu, dizia a Monica, custou-me quatro sobranos. Ainda foi no tempo do meu homem, que Deus tenha. Que hoje!... Quero um trapo de uma saia e tenho de o ganhar.

Desde aquella festança, a Monica cresceu de disvelos para o afilhado, vinha todas as manhãs saber como tinha passado a comadre, e como estava o pote do vinho.

— Nada para sustancia como dois dedos de sumo. Logo pela manhãzinha: que regalo!...

E armavam grandes palestras, a respeito do tempo, das lavoiras, dos casamentos, dos escandalos. A filha do Cardoso estava maluca pelo Francisco da Balsa. Contavam-se coisas bonitas. O mundo ia por agua abaixo. E por transições subtis, alludiam ao pote dá dispensa. Um domingo provaram. Era todo vermelho, transparente, fluido, de um aroma delicado de roupeiro e de moscatel. Bôa gota, comadre! Sim senhoras. Bôa gota! dizia a Monica, beberricando. E com um estalo de lingua: é de rachar pedras, caramba! De tarde sentiram a cabeça pesada, foram-se deitar, muito vermelhas. No outro dia, outra. Cada vez sabia melhor. O rapasito estava na escôla, a tractos com o *Monteverde*. Á noite, depois da ceia, o Canellas ia logo para a cama, cançado de cavar desde o romper do sol, nas fazendas dos senhores proprietarios da terra, e não dava pela falta. Ellas, as duas, em se apanhando sós, era aos quartilhos. E dilatadas em narrativas de frades, de estudantes, de mulheres infieis á honra conjugal, passavam as tardes juntas e os serões, com grandes risadas, uma profusão de gestos e de palavras, certa licença de epithetos, reparavel.

Finalmente pelo natal, o Canellas foi *emechar* o seu vinho, segundo o uso. Destapou o potito: que diabo!... Estava quasi meio. Chamou a Luiza todo desconsolado.

— Ó mulher, não sabes? Temos o pote em

meio. Quem tirou daqui o vinho? A Luiza debruçou-se, muito admirada.

— Santo nome de Deus! exclamou. E com um accento choroso: ora vejam a nossa desgraça!...

— Tu bebestel-o, mulher! afirmou o Canellas. Ella encarou-o duramente, sem resposta. O Canellas apumou-se colerico.

— Tu vendestel-o, mulher! A Luiza voltou-lhe as costas, desdenhosa. Á tardinha depois duma scena violenta, o Canellas sahio. A mulher foi logo a casa da comadre, contar tudo, pedir conselho. A Monica depoz a meia, tirou os oculos gravemente.

— Ai, não tenha receio. Esta noite, arranja-se.

— Mas como, comadre; como? Se elle sabe de tudo, ai espinhella! Foi para casa cheia de medo. O Canellas voltou para cear, taciturno, abatido, sem dar palavra. Bateu no pequeno, mal achou pretexto, atirou o chapéu com mau modo. Ao entrar no quarto da cama, resmungava:

— Estas bebedas, senhores!... Não dormiu toda a noite, a pensar no seu vinho, a amaldiçoar a hora em que casára. Mas não vira nunca a Luiza *alegre*, não tinha motivos de suspeita. Havia bons annos que não guardava vinho. O pote, de barro, estava talvez secco; era poroso, tinha seis gatos no bojo: podia ser que absorvesse, que deixasse sahir o mosto. Mas tanto!... Deram dez, deram onze, deu meia noite, e elle ás voltas na cama. De repente sentiu correr no telhado. Poz o ouvido á escuta. Ouvia rir. Uma voz gritou: Canellas! Canellas! Riam, aos pulos nas telhas. Canellas! Santo nome de Jesus! Era o diabo! Chamou a Luiza: ó mulher! Não ouves? São as bruxas. Não ouves? Canellas! Canellas! Começou a rezar o *Credo*; enganava-se no meio, começava outra vez; não sabia concluir. Diziam:

— Vamos ao vinho! E a correria continuava. Vamos ao vinho! O pobre estava em suores, varado de medo.

No outro dia mal luziu o buraco, saltou fóra da cama, vestiu-se ás apalpadellas, poz a manta ao hombro, agarrou nos alforges, desprendeu o burro e partiu para o trabalho. Tinha a cabeça em agua; não se lhe tiravam da mente os gritos e as risadas. *Canellas! Canellas!* Então, as bruxas andavam com elle? *Vamos ao vinho! Vamos ao vinho!* E sentil-as-hia correr no telhado todas as noites, aos berros, ás gargalhadas, distribuindo os seus pobres almudes pela communitade, e ainda em cima, escarnecendo-o. Durante o dia viram-no metido comsigo, acubrunhado, carrancudo, dando enchadadas na terra desesperadamente, a suar como um cavallo.

Ao cahir da noite entrou em casa; a Luiza estava ao canto da chaminé, diante do lume de azeitão, o chaile pela cabeça, aspecto adoentado e bea-

to, o roزاری entre os dois dedos. Demais, grávida de cinco mezes.

— Ora santas noites!

— Santas noites!

Reparou na postura da mulher: tão finadinha como um carapau.

— Que é isso? Estás doente?

— Deixa-me; ando morrendo, mesmo morrendo. Todo o santíssimo dia com febre, calafrios, dôres. Ai!... E nas cruzes.

— Mas o que é? Ella disse choramingando:

— Não vivo muito, não! O Canellas commoveu-se: estás doida! E sollicitamente, achegando-se:

— E a respeito de vontadinha de comer; ha?

— Nem nada, marido. Ainda hoje me não entrou migalha nesta boquinha de Deus. Tudo me sabe mal.

— Mas não apetece nada? chá e fatias; mata-se o galo.

— Ai, não! Só apeteceia uma coisa. Mas não; é melhor, não.

— Diz o que é, anda. Se fôr caro, compra-se: ora!...

Ella ficou calada, resando automaticamente.

— Então; que dizes? Que apetece? Vamos.

— Olha; o que eu comia bem agora, eram uns peixinhos da ribeira das Sormarias. Tenho mesmo vontade, mesmo de dentro. O Canellas foi logo albardar o burro, agarrou num cesto, e pôz-se a caminhar, sem querer ouvir mais.

— Não tenha algum desmancho! ia elle dizendo.

Apenas lhe não sentiu os passos, a Luiza correu a chamar a comadre. Entraram ambas na dispensa. Tinham metido o resto do vinho num odre; uma agarrou por um lado, outra por outro; arrastaram o couro turgido até á porta. Era noite fechada e ninguem passava na rua. Das chaminés isolava-se o fumo dos lares; ouvia-se rir nas habitações das famílias; um cão latia no campo, sem eco; creanças choravam, acalentadas no berço. Dali a pouco as duas, viram chegar o Coxo, taberneiro, pesada figura de velhaco, apoplectico, de gorro sebento, um riso desdentado de patife, ironias bestiaes, navalha.

— Venha o bago! disse a Monica. O Coxo quiz roubar-lhe um beijo. A Luiza ocultara-se atraz da porta.

— Podias ter vindo mais cedo, disse a velha. Estendia as mãos ao preço do odre, dizendo:

— São tres almudes, tinto; a quartinho; tres mil e seiscentos. Sete meias corôas e mais um tostão. Barato como pouco. O Coxo deu o dinheiro, pegou no odre, e foi-se, depois de ter cingido amorosamente o estafermo.

— Agora, tornou a Monica, venha a minha comissão e aqui tem o dinheiro.

A Luiza deu-lhe seis tostões.

— Vamos á ribeira, disse ainda a velha. Embrulharam-se nos chales, fecharam a porta; á socapa sahiram para o campo, e apenas na estrada, deitaram a correr. Era quem mais podia, por aquellas ladeiras acima, em direitura á ribeira.

— Ai que arrebento! dizia a viuva, arquejante a espaços. A final chegaram ao sitio. Pararam, em conferencia.

— Tu vaes para o outeirinho de lá. Eu fico, mesmo defronte, agachada na rocha. Assim foi. Não viam nada á roda. O ceu pesava, de grossas nuvens caliginosas e tragicas. Esbarravam com as azinheiras seculares, cahiam sobre carrascaes e tejeiros. Nas trevas, as ramas torcidas pelo nordeste, tinham gestos aggressivos, de reprobos. Por todo o campo, quando passava a rajada, sentiam-se risos abafados, segredos de feiticéiras: a sombra mechia-se, ondulava, tinha transmutações sinistras. O Canellas, no entanto, estava metido á agua, com o cesto no braço, puxando a linha da isca. Inda não conseguira apanhar peixe; o medo agoniava-o. Se as bruxas soubessem que elle estava ali!... De repente, cahiu uma pedra na ribeira, e esboroamentos de terra foram descendo, como deslocados por um pé em falso.

— Mau! E o anzol não prendia. Diabo!...

Pareceu-lhe que diziam segredinhos, nas barrancéiras, acima da sua cabeça. Andava gente em cima; viu um vulto acocorar-se.

— Ó camarada! gritou elle, em tremuras. Tudo calado. Puchou a linha; nada! De repente, uma voz moribunda chamou:

— Berrabaz!

Outra respondeu:

— Satanaz! O Canellas não sabia de que terra era. O que faria á sua vida? Ali acabava, naquella noite. Benzeu-se. Iam dar cabo delle, espetar-lhe agulhas, com um sapo nos dentes. Tornou a voz:

— Vamos affogar, o que está na ribeira?

— Não, que a mulher está rezando o roزاری á Virgem.

— Olha, se a Luiza não tivesse ficado rezando, ao lume, hein? Santa mulher! Como elle estava agradecido ás suas orações!...

— Berrabaz!

— Satanaz! Um cão uivava funebremente, no casal do Pelles. O Canellas batia os dentes; deixara cahir o cesto. O vento fazia escarneo; dançavam as azinheiras. O ceu fazia ouvidos de mercador. A voz insistiu:

— Vamos affogar o que está na ribeira?

— Não, que a mulher está rezando á Virgem.
Dali a nada:

— Berrabaz! — Satanaz!

— Vamos a beber-lhe o vinho? O Canellas pulou: com mil raios!

— Vamos.

— Vamos a partir-lhe o pote?

— Vamos.

O desgraçado ergueu as mãos desesperado e murmurou chorosamente: — Ai a minha desgraça! ai o meu rico vinho tinto!

Alta noite, a Luiza, enrolada sempre no seu chaile, rezando sempre as suas contas, ao canto do lar, viu romper pela casa dentro o Canellas esbaforido, sem peixes, sem anzoës, sem sapatos, sem chapéu, sem manta, alagado em suor, trémulo de medo e morto de cansaço. Contou tudo á Luiza:

— E vai, ouvi dizer: vamos a beber-lhe o vinho? Vamos. Partimo-lhes o pote? Partimos. Tu sentiste alguma cousa, mulher? A Luiza persignava-se, com os olhos em alvo.

— Eu nada, disse ella. Não senti nada: uma coisa assim!...

Foram vêr á dispensa. Tinham bebido o vinho, e o pote estava em pedaços. Entraram a chorar. Veio a comadre.

— Que é lá isso de prantos nesta casa? disse ella, afflicta. Contaram-lhe.

— Pois, eu lhes jurô, que as bruxas nunca mais os perseguem. Sei as orações de as afugentar.

De facto, nunca mais tornaram: nem bruxas, nem bôas vindimas, nem potes de vinho.

Tal foi a *ideia da comadre Monica*.

Fialho d'Almeida.

INDIZIUEL

O que se passa em mim quando te vejo,
Pudésse-o eu contar em lingua humana!
— Seria uma poesia soberana,
Digna de acompanhar divino harpejo.

Desde o primeiro, tímido desejo
Balbuciado em frase leviana,
Até aos estos da paixão insana,
Que o labio escalda e faz córar de pejo;

Muda contemplação, serena chamma,
O ciúme, a lucta, a duvida pungente,
Ode, epopeia, madrigal e drama,

Tudo ouvirias nesse canto ingente...
Mas que? nem mesmo em tão variada gamma
Disséra tudo o que minh'alma sente!

Lisboa.

Santos Valente.

A DESHORAS...

Era num palacio gothico.
Uma ogival transluzia,
Por entre os vidros córados,
Os raios do sol coados
Dum formosissimo dia.

O tecto, em fórma de cupula,
Sobre columnas d'onix,
Deixava vêr rendilhados,
Que mais pareciam bordados
Por habeis mãos feminis.

Nos intervalos dos porticos,
D'esguias telas pregadas,
Se destacavam, tecidos,
Heroes guerreiros vestidos
Com armaduras doiradas.

Um bufete de pau d'ébano,
Em que pousava uma urna
D'esmalte negro e de opala,
Marcava o centro da sala
Com imponencia soturna.

Um alabardeiro atletico,
De gesto e porte fatal,
Inabalavel, atento,
Fechava o quadro opulento
Deste recinto feudal.

Era o silencio do tumulo
Que tudo ali dominava!
Regelavam-se os embates
Do éco dos acicates
A cada passo que eu dava.

Cheguei-me ao guarda, que extatico
Se conservava inda ali,
E, a medo, disse ligeiro:
— É permitido, escudeiro?!
— Entrai — responde. E segui...

E ao penetrar noutra camara
No mais acceso transporte...
Vi-a prostrada no leito!
Atravessava-lhe o peito
O fero punhal da morte!

Quiz arrancar-lhe essa lamina,
Quiz dar-lhe vida, quentura,
Resuscital-a com beijos...
Mas eram futeis desejos...
Estava morta... loucura!

Morta, meu Deus! no seu thalamo!
Cahi sem forças então:
E nesse abalo medonho
Pude acordar do meu sonho...
Achei-me em pello no chão!

Porto, 1879.

David de Castro.

A UM ARTISTA

Quando soltas o oceano de harmonia,
Que nessas quatro cordas tens suspenso,
Desperta dentro em mim um mundo immenso,
Que me deslumbra a doida fantasia:

Vejo surgir olimpicos castellos
Com torres fugitivas, luminosas,
Ouço os gritos terríveis dos Othelos
E as canções das Ofélias vaporosas.

Vejo expirar cantando as Traviatas,
Vejo os Romeus na scena do balcão...
E escuto ao longe as languidas volatas
Da guitarra febril de D. João.

Passam por mim as sombras dos heroes
E o turbilhão das lívidas chiméras...
Sinto rugir as lubricas pantheras
E soluçar na brenha os rouxinoes.

Dos lírios brancos no amoroso leito
Sonham de amor as lucidas abelhas,
E a flôr do coração dentro em meu peito
Abre ao luar as petalas vermelhas.

Lisboa.

Guerra Junqueiro.

EPITHALAMIO

(A UM AMIGO)

Na viagem da vida, entre as agruras
E os precipícios deste chão hostil,
É doce no correr das aventuras
Ter o arrimo dum braço feminil.

Vós embarcaes alegres e ditosos
No wagon dos destinos conjugaes;
Surriem-vos dos plainos luminosos
Os perfumados sonhos que sonhaes.

Boa viagem e — partir, amigos!
Que a mocidade é fumo que se esvae...
Covarde aquelle que só teme os perigos!
Feliz quem delles triunfante sáe!

Parti! que os ventos vos darão tercetos,
Canções a lua, odes a selva e o mar;
E, se a Dédita vos mandar sonetos,
Em discordantes conjugaes duetos
O Desespero podereis cantar!

Porto.

M. Duarte d'Almeida.



CUSTODIO JOSÉ DUARTE



A renovação literaria iniciada por 1862 com o apparecimento, em alguns jornaes de Coimbra, dos admiraveis versos de João de Deus e com a publicação dos primeiros trabalhos de Theophilo Braga, renovação para a qual o notavel panfleto de Anthero de Quental — *Bom senso e bom gosto* — foi como a *proclamação dos seus direitos*, ha umas figuras, que circumstancias complexas tornaram obscuras e mesmo ignoradas da maior parte do publico que lê, mas que apezar disso exerceram uma acção poderosa e decisiva na direcção e intensidade desse movimento de regeneração intellectual, que, em deseis annos de combate, tem dado menos fructos do que havia a esperar do alto enthusiasmo revolucionario das suas primeiras explosões. É que a esse movimento faltou, logo depois do seu começo, a cohesão indispensavel a toda a acção revolucionaria: a direcção superior de um chefe, que, pela elevação do talento e pela auctoridade moral, fizesse convergir para si, como para um grande foco intellectual, as simpatias e os votos de todos os combatentes.

Anthero de Quental, que todas as circumstancias apontavam para o commando, e que com effeito reunia em si em elevadissimo grau as altas qualidades de um revolucionario e de um iniciador, era, logo depois das primeiras escaramuças, roubado a esta lucta fecunda e prometedora por uma doença cruel e entrava numa obscuridade forçada, onde apezar disso o seguiram as simpatias e as saudades de todos os que a esse tempo se alistaram na falange dos insurgidos. Por isso esse movimento, que se apresentára com uma grande comprehensão dos destinos superiores da literatura moderna, protestando contra a banalidade do falso sentimentalismo e contra o compadrio desaforado das *coteries* idiotas, dispersou-se e transformou-se numa lucta de guerrilhas, dos quaes uns se bandearam com o inimigo, que lhes conservou todas as honras da vaidade e os acrecentou em parvoice, e outros combateram dignamente até cahirem na obscuridade ou conquistarem um logar áparte neste pequeno mundo da literatura portugueza, como aconteceu a Theophilo Braga.

A essa revolução, porém, se deve mais ou menos directamente a orientação perfeitamente moderna dos versos de Guerra Junqueiro e de Guilherme de Azevedo, dos romances de Eça de Queiroz e de Bento Moreno e da critica das *Farpas*. Falta que essa revolução se affirme no drama nacional, que parece petrificado na velha metafisica declamadora e catholica e na *sensiblerie* espiritualista e incoercivel.

Não tentamos esboçar as origens desse movimento nem assignalar-lhe as consequencias. Queremos hoje apenas falar dum dos mais intelligentes iniciadores dessa brilhante revolução literaria, de Custodio José Duarte.

Numa das ruas de aspecto mais commercial e burguez do Porto, na rua das Flores, havia, em 1862, uma pequena loja de ourives, modesta e açada, com o seu papel vermelho adamascado e as suas *montres* envernizadas, que era mais um centro literario do que um estabelecimento de commercio. Do que menos ali se tratava era de ouro: do que mais se curava era de versos. Era daquella loja que sahia todos os mezes o jornal poetico *A Grinalda*, de que era proprietario e director João Marques Nogueira Lima, um grande coração e um grande character de homem. Foi ali, nesse pequeno centro de cavacos matutinos, que eu conheci Gomes Coelho, o

feminino Julio Diniz das *Pupillas do sr. Reitor*, Guilherme Braga, a mais impetuosa e viva organização poetica do nosso tempo, Ernesto Pinto de Almeida, o erudito autor das *Narrativas poeticas*, Eduardo Augusto Salgado, um infeliz cheio de talento, Pedro de Lima, o nervoso cantor dos *Occasos*, Custodio José Duarte, e mais tarde Manuel Duarte de Almeida, irmão de Custodio, e o meu antigo condiscipulo Sousa Viterbo, uma grande imaginação de poeta e um grande talento, hoje aproveitado para a sciencia pelo estudo da medicina, que cursou brilhantemente. Custodio José Duarte, por cujo caracter Nogueira Lima — difficil de contentar em assumptos de inteireza moral — tinha a dedicação de um pae, exercia sobre nós o ascendente da sua poderosa e distinctissima individualidade. Era elle que decidia em ultima instancia dos merecimentos ou dos defeitos literarios de qualquer composição, era elle que nos estimulava pela recitação dos seus versos sempre originaes, sempre novos e sempre imprevisos. Á nossa admiração recommendava-se pela novidade e pela elevação do seu talento de artista, á nossa amizade impunha-se pela austeridade afectuosa do seu character, em que havia as delicadezas femininas de uma mulher e as severidades viris dum spartano.

A feição dominante e characteristic da talento poetico de Custodio José Duarte, é a uncção profética e severa da sua inspiração, ampla e robusta como a dos cantos heroicos das velhas epopéas arianas. O verso, exclusivamente alexandrino, tem o largo fôlego das constituições fortes e bem equilibradas. Aos moços academicos que em 1863 foram de Coimbra ao Porto dar algumas récitas em favor dos patriotas polacos, dizia Custodio José Duarte:

Emfim! Eil-a que veiu a era dos prodigios!
Um mundo se sumiu e nem leves vestigios
Deixou de si apoz...
Colombos do Ideal, podeis sorrir agora...
Vossa prevista nau carregada de aurora
Está quasi entre nós.

Nos plainos do infinito, além dos horizontes,
Sobre as cristas azues dos mais remotos montes
Vê-se um rubro clarão...
Augmenta, corre, vâ, inunda os firmamentos,
É um novo arrebol, é um dia de portentos,
De sol, de redempção.

Suspeitava-se ha muito o enredo de outro drama,
Já se via brilhar uma lucida chamma
Do palco em derredor,
Alguem movia os soes e os transformava em scenas,
Rasgara-se a cortina... esperava-se apenas
A presença do actor.

Dobrar em pleno oceano o Tormentorio irado,
Luctando co' o tufão... só cabe a um Gama ousado,
A algum filho dos soes...
Para sustener um mundo um Atlas se carece...
Combater co' o porvir e conquistar-lhe a messe,
Só uma raça de heroes...

Então ignoto mar lançou em novas plagas
Confusos turbilhões, envolvidos em vagas,
De fantasmas em pé;
Obreiros do Progresso olhavam os espaços...
Marchavam a sorrir sustentando nos braços
Os alviões da fé.

Abria-lhes o infinito o livro dos destinos...
Curvaram-se sobre elle e ao som duns santos himnos
Entraram a escrever...
E viu-se, pouco a pouco, algum nome gigante:
— Grecia — a mãe de Platão; — Italia — a mãe do Dante
Polonia — apparecer. —

Que jubilo! que luz! Foi um dia de gloria;
Na cupula do Céu as aguias da victoria
Andavam a cantar...
Como uns labios de Mãe surria a immensidade,
Da frente do Senhor a luz da liberdade
Começava a abrasar.

Que seculo! seu ar lenta e vivifica!
Em cada tronco murcho uma seiva mais rica
O abriga a refflor...
Levantam-se as nações nas campas sepultadas;
E pôde em cada cruz das vencidas espadas
Soletrar-se: Porvir.

Já se sabe o que é Lei, o que é Virtude e Crime,
Que o Povo que é o heroe, que o Monarcha que é o vime,
Que o sceptro envelheceu...
Não sei que vento audaz varre a noite passada,
Como as vestes de pó das arvores da estrada,
Ou as nuvens do Céu.

Findae o vosso dia, essa tarefa augusta!
Ás luctas que venceis em vossa causa justa
— Alguem — comvosco vae...
Os negros vendilhões mancharam vosso templo?!...
Podia-vos contar um espantoso exemplo...
Esperae, esperae...

Não penseis que, ao morrer, se descahiu ao Christo
A fronte sobre o peito é que havia previsto
Que se immolára em vão,
E teve de vergar ao peso da desgraça,
Como a pomba de Deus, que no espaço esvoaça
Ao peso do falcão...

Vós tendes o Direito — um thesouro sagrado,
A herança que o Senhor aos homens ha legado,
Quando o mundo creou,
Se algum abutire negro em sua garra o prende,
— É Deus o accommetido, é Deus que se defende,
Em cinza lhe ficou.

Em todo o vosso chão pollua a vossa crença;
A abobada do Céu é a vossa tenda immensa,
O vosso timbre o sol —
A vara do pendão da etherea Liberdade
É a cruz do Redemptor brilhante de verdade,
E o panno o seu Lençol.

As almas dos Catões, dos Byrons, dos Ríbeiros,
Buscaram entre vós uns beirae hospedeiros,
Um ninho em cada obuz —
E quando o fogo brilha e se incendia a briga,
Estranho projectil a falange inimiga
A poeira reduz.

Eu vejo-o bem daqui; vossa victoria é certa,
Vossa espada de luz deixa uma epocha aberta
A outra geração,
O espirito de Deus corôa-vos de louros,
Das portas do porvir os seculos vindouros
Apertam-vos a mão.

São sadias e alegres aquellas imagens, mesmo quando as envolve a nevoa da tristeza, mesmo quando as empalidece um raio fugitivo de melancolia:

Ó virgens, que passaes baixando os olhos castos,
Frontes que andaes scismando em uma aurora nova,
Vêde se procuraes, inda que andeis de rastos,
O ouro fino de lei, perdido nesta cova.

E tu, poeta, e tu, que vaes na hora extrema
Do ocaso meditar das florestas na calma,
Detem-te aqui um pouco e estuda este poema:
— Se em flôr se torna o corpo, em que se torna a alma? —



CUSTODIO JOSÉ DUARTE

(De uma antiga photographia)

Vós, que um anjo acompanha ao lado noite e dia,
Tu, que ao bello sómente o canto has consagrado,
Ó eleitos do Senhor! ó innocencia! ó poesia!
Elle era vosso irmão... beijai-lhe o pó sagrado.

escrevia Custodio José Duarte no tumulto dum amigo e contemporaneo, que se finára na plena efflorescencia duns vinte annos cheios de talento.

Ha sobretudo nos versos de Custodio José Duarte a sinceridade espontanea, a ingenuidade nativa duma organisação fortemente e invencivelmente artistica. Não é poeta vadio, não é artista por malandrice, como por ahi ha muitos, que são poetas por preguiça intellectual, e literatos por incapacidade organica para quaesquer outras occupações mais uteis e prestadias, ou por falta de palmatoria.

Custodio José Duarte, ao tempo que escrevia os seus melhores versos, dava as suas melhores lições de patologia interna na escola medica do Porto, onde foi um distincto alumno, contemporaneo e amigo de Gomes Coelho, o creador da *Morgadinha dos Cannaviaes*. Ha por ahi uns architectos de theorias literario-philosophicas que declaram a sciencia

incompativel com a aptidão poetica, como se isto de fazer versos fosse vicio secreto de malandrins.

A forte educação scientifica de Custodio José Duarte faz-se sentir perfeitamente em todos os seus versos pela ausencia completa de banalidade, pela novidade dos confrontos, pela originalidade das imagens, pela riqueza das ideias, pela abundancia dos conceitos, pela fórma synthetica das expressões, pela elevada concepção dos assumptos. Em 1862 offercia elle a Emilia das Neves os seguintes magnificos versos:

Na fronte mais humilde ha uma cousa infinita!
Póde um peito conter oceanos de luz!
Ha um qué no coração, que, se um dia palpita,
Como o braço de Deus, cria mundos a flux...

Feliz o que no berço abraça em sonhos vagos
Um fantasma de fogo e acorda pensativo!
Ao tecto do casal vem-lhe a estrella dos Magos,
E sempre estrada immensa aponta o lume vivo...

E então é tanto o ardor a incendiar-lhe a mente
Que se crê que lá dentro estalam mil vulcões;
Um descobre um Princípio, um outro um Continente,
O Talma encontra um palco e uma lira Camões!

Assim brotou em ti a ideia da grandeza;
Lançaste em redor o teu olhar profundo,
E vendo a sombra aqui, em santo fogo accessa,
Traçaste um vóo audaz dum mundo a outro mundo.

Que bello que será pairar na imensidade:
Sentir su' aza arder nas estrelas dos ceus,
Nadar em mar de soes, medir a eternidade,
E entrar como um conviva o proprio lar de Deus!

Mas que força é precisa a quem ousar a briga!
É nobre e varonil soltar um arremesso;
Mas vive em cada mar uma vaga inimiga,
Que oppõe os hombros nús á quilha do Progresso.

Ai! eu tambem suppuz que havia em minha fronte
O mystico signal que o genio mostra ali;
E vendo o ceu em fogo um dia no horizonte,
Eu, passaro da noite, á alvorada corri...

A louca e pobre da ave ignorava que o raio
Esperava Franklin e andou por lá perdida...
Ousou fitar o sol, mas foi fatal o ensaio,
A luz era de mais, cahiu ao chão sem vida...

Mas tu não te enganaste. Uma mão poderosa
O luzeiro polar nos ares te accendeu;
Tiraste a cada estrêla a coma luminosa,
Cantaram-te um hossana os furacões do ceu.

Chegaste e do passado a sombra cruza os braços;
O archanjo do presente ao vêr-te se comprime,
E um homem pensa e crê que o vento dos espaços
Fizera para ti a palavra: sublime!

Na lucta aonde vais saúda-te a victoria;
Agora o que te resta é marchar a sorrir;
Espera-te lá embaixo uma chamma de gloria
Pousada sobre o humbral do templo do porvir.

Não digam que depois da palpebra cerrada
A luz que em nós brilhou não dura um só instante,
Que a sombra é sempre sombra, e o nada é sempre nada...
O carvão em cristal é um puro diamante!

Pois que! sentir na frente a santa intelligencia,
No peito o espaço infindo, e na pupilla os ceus,
E dizer: morta a flôr, lá vae a sua essencia!
E o porvir!? e o porvir!? O genio é o proprio Deus.

Vê-se que todas as suas composições são aferidas pelas exigencias duma critica severa e conscienciosa.

Custodio José Duarte fazia versos, como se fazem todas as cousas bellas e duradouras: meditava-os, coordenava as suas ideias, buscava-lhes o relevo, estudava-lhes o colorido, reduzia-as a apontamentos escritos, que eram como os seus esboços e depois enquadrava-as em riquissimos alexandrinos. Guilherme Braga, que tinha pelo talento de Custodio José Duarte a idolatria dum discipulo, espantava-se e não comprehendia este processo de fazer versos, porque a sua organisação impetuosa e exclusivamente sentimental de trovador antigo era perfeitamente avessa a todo o trabalho aturado, a todos os metodos criticos de produção artistica. Guilherme Braga, na ingenuidade adoravel da sua metafisica espirituallista, acreditava na realidade da Inspiração, como na exist

tencia do sr. Chaves do *Portuense*, que elle invejava por se parecer com Victor Hugo. Guilherme Braga tinha mesmo um ligeiro strabismo, que parecia provir-lhe de olhar para a Inspiração, por que quando nos recitava versos — e isso acontecia todas as tardes — não olhava para nós, apesar de nos encarar de frente.

Em Custodio José Duarte ha, porém, uma cousa superior talvez ao seu talento poetico: — é a sua grandeza moral, é a austeridade intransigente do seu caracter, é a elevação daquella alma inexgotavel em dedicações. A sua vida, dos 18 annos até hoje, que conta 36 feitos, é um heroismo constante, destes heroismos obscuros e silenciosos, que são tanto maiores quanto despercebidos.

Quem, por 1860 a 1864, entrasse na convivencia de uma certa mocidade de *elite* que se assentava nos bancos das nossas escolas superiores e observasse a grande corrente de renovação intellectual e moral em que se achavam envolvidos esses formosos espiritos, cheios de vigor e de talento, havia de dar para muito breve a regeneração pela sciencia e pela moralidade da nossa velha sociedade portugueza. A onda triunfante da banalissima politica nacional abafou ou corrompeu esses germens de regeneração, trazendo á superficie e elevando ás alturas da reputação e da direcção dos negocios publicos, os que, áquelle tempo, só tinham a celebridade da inepecia ou da devassidão. Observa-se por isso hoje o seguinte curioso factio, e é, que pôde encontrar-se um homem superior no talento e no caracter obscuramente perdido na papelada dum emprego miseravel e trabalhoso; nos altos cargos do estado é certo encontrar a inepecia e a banalidade trovejando tolices.

Custodio José Duarte, aos 18 annos, assentava praça como cirurgião aspirante do ultramar para aliviar sua familia, ferida por uma irreparavel desgraça domestica, dos encargos da sua formatura em medicina. Concluida essa formatura marchava para Cabo Verde e de lá mandava todo o seu dinheiro a sua mãe e a seus irmãos, dos quaes um, Manuel Duarte de Almeida, é seu digno emulo no talento, e ambos na elevação do caracter. Ali, naquella clima mortífero, aquella organisação delicada e nervosa como a de uma mulher, amolda-se ás exigencias do meio e consegue resistir ás causas de destruição a que os mais robustos organismos quasi sempre succumbem. E lá está e lá vive, morto ao que parece para as letras, mas vivo sempre para todas as dedicações e para todos os heroismos. No ministerio da marinha é elle conhecido como o funcionario sempre pronto a desempenhar os mais arriscados serviços publicos que pôdem ser exigidos a um medico no clima da Africa. Daqui a algum tempo, com trinta annos de menos na sua vida, voltará á patria e esta hade dar-lhe o suficiente para que elle não morra de fome nalguma obscura aldeia de Traz-os-Montes, enquanto os politicos, os especuladores da alheia e da propria consciencia, os eternos declamadores de banalidades parlamentares meditam a alicantina que lhes ha de dar a suspirada posse duma pasta de ministro.

Alexandre da Conceição.



O TEMPLO ROMANO DE EVORA

(CARTA A JOAQUIM D'ARAÚJO)

Meu caro amigo:



PRÉDE-ME V., e com instancia, um artigo sobre o templo romano de Evora; nesta occasião tenho bem pouco tempo livre, e por isto respondendo com uns simples e breves apontamentos.

O templo romano tem já uma pequena litteratura especial, é realmente uma das principaes antiguidades da península, a primeira como representante da grande arte greco-romana, e uma das relativamente melhor conservadas. De pronto posso citar dos que mais extensamente fallaram delle nos tempos modernos:

Artigo — Evora no *Panorama*, vol. 8.º, 1844, pag. 407, 408, artigo que se refere aos fins de 1839, e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann — *Erinnerungen aus Südeuropa*, Berlin, 1851, pag. 201.

Emilio Hübner. *Nol. archeol.*, trad. pag. 47.

Augusto Filippe Simões. — *Relatorio acerca da renovação do Museu Cenaculo*, Evora, 1869; e tambem, num extenso e optimo artigo publicado nas *Artes e Letras*, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

Observações de J. H. da C. Rivara, no livro intitulado — *Noção de alguns filhos distinctos da India Portuguesa*, ordenado por Miguel Vicente de Abreu, Nova Goa, 1874. pag. 160-161.

Antonio Francisco Barata. *Miscellanea historico-romantica*, Barcellos, 1878, pag. 185.

O templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e friso ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente; na primeira destas ha quatro columnas completas além da angular, na segunda duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta resta a base apenas; sobre todas as completas assenta ainda parte da arquitrave; os fustes das columnas são de granito, estriados de doze meias canas cada um; bases e capiteis de marmore branco, sendo os capiteis corinthios e bem lavrados: para effeito de perspectiva e para mais elevada e esbelta parecer a columnata, os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é não são perfeitos e regulares troncos de piramide conica.

O templo é pyknostylos, isto é, o intercolumnio

medio tem diametro e meio de columna; é o minimo intercolumnio consentido na grande arte romana. As dimensões principaes são as seguintes:

Altura de todo o envasamento.....	3 ^m ,45.
Largura do templo no sócco.....	15 ^m ,25.
Comprimento do templo no sócco..	25 ^m ,18.
Altura da columna (total).....	7 ^m ,68.
Maximo diametro do fuste.....	1 ^m .
O intercolumnio varia de 1 ^m ,35 a...	1 ^m ,68.

A altura total do edificio, ao vertice ou *fastigiund* seria proxima de 15^m.

A disposição do templo, as proporções, são do tipo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina.

O estado actual do templo é o mesmo em que se achava ha muitos seculos; porque no findar da idade media já servia de açougue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as columnas ficaram embebidas, e o muro ameiado sobre a arquitrave; não é de modo algum provavel que para um mister banal se erguessem grossas paredes ou antes muralhas com sua coroa de ameias; mais verosimil é que fizesse parte do castello ou grande fortificação que na idade media coroaava a parte superior da cidade, de que restam ainda as torres da casa Cadaval, e a torre onde está o observatorio meteorologico. A ruina deve pois ter sido rapida, muito rapida, porque devemos restringil-a á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de sueiros, vandalos e godos; os arabes não destruíam; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, que ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua, só um pedaço de base, e um dedo de uma estatua colossal. Ora se a ruina fosse produzida pelo natural desmoronamento, em roda existiriam vestigios importantes, e nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes.

Em muitos pontos do envasamento ha restos do conhecido betume romano formado de fragmentos de tijolo e argamassa de extrema rijeza, mostrando que todo o *opus incertum* era assim revestido primitivamente.

Hoje está isolado a meio de um formoso terreiro, em parte arborisado, e numa quasi completa moldura de grandes recordações dramaticas, o palacio onde João II, o Principe-perfeito, o grande vulto energico e implacavel da segunda dinastia, teve encerrado e processou o duque de Bragança, Fernando II; ao lado um paredão pesado e monotono que fecha uma face inteira do antigo edificio da in-

quisição; ao sul o paço dos arcebispos e as grandes linhas severas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto destes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

ção singular, pesada, a modo de grande cubello solitario, com suas ameias, um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente esteve colocado o sino de correr; as columnas emergiam pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na



RUINAS DO TEMPLO ROMANO DE EVORA, VISTAS DA PARTE DO NORTE

Em mil oitocentos e quarenta e tantos a Duqueza de Palmella cedeu uns casarões da inquisição velha que pegavam ao templo; derribados os casarões ficou uma rua larga e o templo isolado; uma edifica-

parede norte, sobre o friso da base (as duas columnas medias foram entalhadas para a instalação da porta); janellas de volta redonda rompiam em pontos as paredes. Era um todo esquisito, misterioso,

cheio de interrogações, com aspecto de fortaleza pelas ameias, templo christão pelo campanario pequeno, singelo, viuvo da sineta, e uma porta alta por onde se não entrava; a lenda a principio julgou-o templo mouro, ou christão muito antigo; depois os archeologos viram o templo romano mascarado nas muralhas e paredes de alvenaria de dife-

A Camara Municipal de Evora procedeu com o maior bom senso: foram consultados todos os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia, e artistas eminentes (v. art. de A. F. Barata); o presidente da Camara, dr. M. Vianna foi entusiasta desta obra de bom senso e de bom gosto que toda a gente illustrada lhe agra-



RUINAS DO TEMPLO ROMANO DE EVORA, VISTAS DA PARTE DO SUL

rentes datas (Resende chama-lhe *portico*: mui posteriormente a Resende foi que os archeologos conheceram ali um templo), e por uma serie de fantasias associadas chamaram-lhe de Diana. O edificio serviu de açougue desde o ultimo quartel do seculo XIV, pelo menos, até 1834. Ao isolamento do edificio, conseguido em 1840 e tantos, succedeu, quasi 30 annos depois, o isolamento do que era romano puro; em junho de 1870 começou a derribar-se tudo o que era medieval ou simples alvenaria moderna.

dece; ao facto do isolamento do edificio em 1840 anda ligado o grande nome de Rívara; e outro não menos illustre, o do dr. A. F. Simões, á purificação dos vestigios romanos em 1879; foi Cinatti, finalmente, quem deu a primeira martellada na gloriosa demolição.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior

grau, e em menor as perfeições, tiveram a mania de trazer para Evora, para augmento de sua gloria, memorias de Sertorio, Viriato, e outros capitães illustres: Plutarcho falla da corça branca de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio, e ha um templo romano, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Mas o ultimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim o portico. Os archeologos fincaram-se todos neste esplendido final, todos lhe chamaram de Diana; e veiu depois o largo, o passeio, as ruas de Diana. Tudo isto se baseia em hypotheses não scientificas, e todavia ainda se repete a cada passo. Mesmo a ideia inicial de que Evora fôra a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento: outra *sorites*, outra invenção de archeologos maniacos. Floro que tratou da guerra Sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não falou de Evora. Floro mencionando as cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á fé romana, falla de Osca, Termes, Valencia, Calagurris, etc., não falla de *Ebora*, que se então fosse de importancia, uma capital, os romanos procurariam sem duvida. A actividade de Sertorio passou-se toda no oriente e noroeste da peninsula; os lusitanos são apenas mencionados como os povos que o chamaram á peninsula para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escritores greco-latinos é termo geral, que se pôde considerar sinonimo de povos do occidente da peninsula. Houve aqui uma das taes ingenuas *sorites* archeologicas.

Sertorio chamado pelos lusitanos; Evora, cidade notavel da Lusitania, mas abaixo de muitas outras; em Evora muitas ruinas romanas; dos imperadores? esses beneficiaram Pax-Julia, Emerita, Scalabis, Ulisippo; dos proconsules dos exercitos republicanos? não pôde ser; então de Sertorio seguramente; e Sertorio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez templo, muralha e aqueducto; os sabedores de latinorios arranjam inscrições, e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. A ideia pegou; tem, creiu, sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitães Osca e Ebora, a trinta dias de marcha pelos menos uma da outra? Ebora quasi no extremo da peninsula, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na peninsula para outra cousa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e noroeste da peninsula. Na parede da Camara que olha á praça, num todo architectonico, estão agrupadas algumas inscrições sobre uma base granitica, que é seguramente um fragmento de arquitrave, com seus triglifus, florões circulares bem lavrados, moldurando caveiras de touro; é possivel que este frag-

mento pertencesse ao templo romano. Este monumento pertence á civilisação imperial, ao 2.º ou 3.º seculos, quando as influencias de Trajano, o imperador hespanhol, ou de Hadriano, alastraram a peninsula de obras de arte e de utilidade publica. A importancia de Ebora, Liberalitas Julia, municipio do velho direito latino, attingiu seguramente o seu maximo na paz, na prosperidade material, do dominio dos imperadores, quando a peninsula se cortou de estradas magnificas, os rios se passaram de suberbas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos como os melhores de Italia, aqueductos, theatros, e finalmente direitos e regalias eguaes: na Lusitania, provincia administrativa limitada, no tempo dos imperadores, pelo Douro, pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Ebora, Liberalitas Julia, teve de certo importancia, basta considerar a sua posição geografica, especialmente commercial; a riqueza publica, as fortunas particulares deviam desenvolver-se aqui por necessidade; da capital lusitana Emerita Augusta, passava-se por Ebora para ir aos tres grandes postos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisipo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era ponto obrigado de passagem; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos rios que obstem ao transitio; a sua posição era a mais central, na Lusitania do imperio; os mercadores, os officiaes do fisco, os magistrados nas suas repetidas inspecções, as tropas nos seus movimentos tinham esta estação forçada num vasto territorio, e situada na mais rica, variada e facil região da Lusitania. É mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de si-lhantes bem faciados.

Evora, 10 de junho de 1879.

De V. etc.,

Gabriel Pereira.

DOLORA

(DE D. RAMON DE CAMPOAMOR)

Os desposados soror Luz olhando
 Junto ao festivo altar,
 — «Que noivo tão formoso! diz anciando,
 Mas o meu não tem par!»

E nos olhos da noiva irradiava
 Um sorriso de luz,
 Emquanto melancolica chorava
 A esposa de Jesus.

Joaquim d'Araujo.

TRAÇOS



QUANDO Lopes de Mendonça entrou a carreira das letras, a tiragem das obras de Garrett era de quatrocentos e oitenta exemplares, — uma resma de papel da Abelheira; e tão grandes eram os seus triunfos, que a fama delles enchia o paiz; pouca gente lia; mas os que liam sabiam lêr.

Esperar o homem o seu bem, a alegria, a felicidade, a gloria, esperar o seu Eden, enquanto moço, é desde logo gosar-se delle; Lopes de Mendonça era moço, ardente, ambicioso: esperou.

Que lidar então! que trabalho incessante e improbo! guiado unicamente pela consciencia de si proprio, pela vontade firme, pela crença, desde os primeiros passos, que, muito depressa, começaram a ser tambem os primeiros martirios daquella vida contrariada e difficil...

Lança-se nas lucubrações quasi improvisadas do jornalismo, cria o folhetim entre nós, faz delle um poder literario, adquire a facilidade de apreciação, a abundancia no dizer, a amplidão de idéas que o tornaram apto para vulgarisar as coisas e os factos conforme o modo de sentir e de pensar desta época; torna-se o mais agradável estilista portuguez, é tudo para elle o culto da fórma, a vivacidade da sua frase ergue as idéas e atira-as por vezes como a polvora atira com as balas quando se inflamma, alcança prodigios da nossa lingua positiva e douta tornando-a leve e facil a agitar-se e a exprimir idéas graciosas; e nas suas espirituosas revistas dos acontecimentos da semana, no variado dominio das letras, da arte, e da sociedade, brilha durante annos; e brilha principalmente quando alcança a fortuna de não ter que referir, na occasião de se sentar á meza de escrita, e de se encontrar em frente papel sem poder confiar-lhe um unico acontecimento, saindo-se do apuro por milagre, tirando da penuria um banquete, do nada um trabalho encantador.

O folhetim, graças a Lopes de Mendonça, entrou então nos costumes e quasi que necessidades da nação, tornou-se moda essa maneira rapida de comunicar as apreciações, a facilidade desse methodo de escrever á historia de cada dia, critica de todas as horas, que vae e vem como um relampago, e que de todo o ponto convem a uma época, como é a nossa, tão penada em escrever, em criticar, época em que os talentos são mais enciclopedicos do que profundos, e acompanham em tudo a actividade

desta civilização impaciente. Entra por todas as questões politicas, literarias, e sociaes dos nossos dias; passa do folhetim para o romance, do romance para o theatro; depois, parecendo que ia dar-se a outra ordem de estudos, enceta um curso de economia politica.

A inveja, que nem sempre acerta, tomou essa occasião para o censurar, e perguntou com que direito ia, aquelle escritor, tocar em taes problemas.

Resentiu-se, no seu amor proprio, do acolhimento ingrato com que foram recebidos os esforços da nobre curiosidade do seu espirito, e attribuindo á reputação de futilidade a pouca atenção que se lhe prestava para novas tentativas, abandonou o genero em que se creára, o genero em que elle movia a superioridade do seu talento, e, vendo passar, ao lado delle a onda dos ambiciosos, deixou-se levar pela tentação e lançou-se na politica.

Entristeceu-o logo essa metamorfose, apagou-lhe a graça do estilo; mais tarde, passando de deputado a professor, encontrou o remate da sua ruina; mentiram-lhe os oraculos, tornou-se-lhe tudo escuro á roda de si, e as faculdades daquella rara intelligencia estaláram como as cordas dum instrumento...

Julio Cesar Machado.

AO POVO HEBREU

Que mal fizeste, ó palido semita,
Ó filho de Judá, para disperso
Viveres pela terra em luto immerso,
Ilota das nações, raça proscrita?

E para, na penumbra das edades,
Que as gerações modernas precederam,
Te vermos nas fogueiras que accenderam
Contra os protestos impios das Verdades?

E, como se temessem o contagio
De peste negra ou lepras dolorosas,
Te afastarem no *gheto*, nas famosas
E solitarias ruas de teu agio?

E põem-te sinais e distinctivos?
E chamarem-te odioso, torpe, immundo?...
Foi castigar um sonhador profundo,
Que a revolta prégava entre os cativos?

Se foi, não têm razão os exegetas,
Pois que se elle era o Deus, o que devia
Beber o amargo cális da agonía,
Tu foste o instrumento dos profetas!

Lisboa.

Teixeira Bastos.



AS NOVAS REVISTAS LITERARIAS



O movimento intelectual portuguez é muito para considerar-se o desenvolvimento apresentado nos ultimos tempos no campo das revistas literarias, escassamente cultivado em tempos relativamente modernos. Assim como o romance e a poesia seguem nos ultimos tempos entre nós uma direcção humana e positiva e a critica das *Farpas* attingiu um grau de perfeição, que tornou o seu illustre redactor um dos escritores mais distinctos e mais originaes, educados na Peninsula, o jornal literario, seguindo as pisadas das publicações mais notaveis do estrangeiro, apresenta-nos um documento luminoso para o estudo do nosso meio literario-social e para a historia do desenvolvimento das ideias e da orientação da mentalidade portugueza.

O *Repositorio* e o *Panorama* são indispensaveis a quem historiar a passagem do Romantismo em Portugal, pela simples razão de encerrarem em si o maior numero de elementos, por onde podemos vêr como Alexandre Herculano e Almeida Garrett — para não falarmos senão dos de primeira plana — comprehendiam a Renascença literaria que da velha Germania vinha gloriosa e triunfal produzir na França o assombroso prologo do *Cromwel*.

Assim como as duas revistas mencionadas são a bem dizer a mais notavel synthese do movimento romantico entre nós, inspirando-se das tradições e da vida nacional, assim as revistas que se seguiram ao apparecimento dos panfletarios da escola coimbran, mostram bem a marcha do espirito novo na literatura portugueza. A *Revista Occidental*, a *Bibliographia Critica*, a *Arqueologia Artistica* estão para muitas publicações estereis, que as precederam, como os primeiros volumes do *Panorama*, quando redigido por A. Herculano, estão para os velhos repositorios de futilidades, que divertiam com adivinhações de charadas e enigmas pitorescos o chá de familias de nossos avós.

Inventariando por agora as revistas literarias que recentemente têm apparecido no mercado portuguez, veremos pela sua rapidissima analyse o que ellas representam no nosso movimento intellectual.

O *Occidente* é uma illustração, talhada ao gosto das mais notaveis de França, Inglaterra e Allemanha, com elementos na maior parte nacionaes. Publicado com uma regularidade britannica, impossivel de ser excedida, o *Occidente*, vai no segundo anno da sua existencia, e além dos retractos de muitos homens notaveis de Portugal e do estrangeiro tem apresentado quadros e esboços dos mais distinctos artistas nacionaes taes como Soares dos Reis, Arthur Loureiro, Bordalo Pinheiro e outros por igual conhecidos e afamados. Na parte literaria, o *Occidente*, tem publicado trechos dos melhores escritores portuguezes e a sua Chronica quinzenal, devida á pena de Guilherme de Azevedo, encerra capitulos admiraveis de humor e de observação.

Parallelamente com o *Occidente*, vê a luz em Paris uma outra illustração portugueza, os *Dois Mundos*, dirigida por Salomão Saragga. Sob o ponto de vista da arte nacional esta luxuosa revista tem para nós menos importancia: as gravuras representando na sua quasi totalidade assuntos estrangeiros, são executadas pela maior parte na séde da publicação do jornal. Nos *Dois Mundos*, cuja colaboração é a muitos respeitos excellent, sobresaem Anthero de Quental, Oliveira

Martins e Ramalho Ortigão, os dois primeiros na commemoção da morte de Michelet e no estudo sobre Herculano, e o terceiro no bello conto *A vinda de França*, um conto moderno, cheio da observação e da nitidez de factura, em que Ramalho tem mostrado sêr dos primeiros do nosso tempo.

Os *Dois Mundos* têm, como dissemos, o lado pouco nacional da parte artistica, que no *Occidente* os respectivos directores Cactano Alberto e Manuel de Macedo tem levantado dum modo entre nós sem precedentes e que raro será ultrapassado para não dizer igualado.

Á literatura dramatica é consagrada actualmente a revista — *O Contemporaneo*, uma selecta e valiosa galeria de celebidades da arte e da literatura portugueza. Fundada por Salvador Marques e Gervasio Lobato e outros, tem hoje como director o dramaturgo festejado e eminentemente moderno dos *Campinos* e conta entre os seus colaboradores muitos homens illustres da nossa literatura.

No Porto o *Muzeu Illustrado*, publicado com a maior regularidade em fasciculos mensaes de 24 paginas, apresenta-nos um excellent phototipia em cada numero. No *Muzeu Illustrado* temos encontrado escritos de João de Deus, Theophilo Braga, Bruno, Fialho d'Almeida, João Penha e Anthero de Quental, escritos que nos fazem esquecer por vezes uma certa desigualdade de colaboração, que não escapa ainda aos observadores menosmeticulosos. As *Analises Critico-Literarias* publicadas trimensalmente no *Muzeu Illustrado* são dos artigos mais bem pensados que ali temos lido, e revelam a funda erudição do seu autor. Foi no *Muzeu Illustrado* que viu a luz o bello conto a *Ruiva* de Fialho de Almeida, um dos talentos mais originaes e mais prometedores que nos ultimos tempos se estreiraram na carreira das letras, uma verdadeira notabilidade da geração novissima. A *Ruiva* é das mais notaveis narrações que a escola realista tem produzido em Portugal. Publicada em livro e destruidos uns lixeirissimos *parti-pris* de escola, que o autor é o primeiro a reconhecer, a *Ruiva* alcançaria um curso mais amplo e seria discutida com o largo interesse que o publico tem mostrado pelos romances dos srs. Eça de Queiroz, Bento Moreno e José Augusto Vieira. Dialogo profundamente verdadeiro, observação nitida e precisa, e descripção minuciosa, sem cahir no monótono, taes são os predicados altamente artisticos que caracterisam o talento do autor da *Ruiva*.

Não se deixa o Porto ficar atraz dos grandes centros literarios e scientificos; nesta cidade está actualmente em publicação uma revista scientifica — o *Positivismo*, que sem hesitação podemos pôr a par da famosa revista de Emilio Littré. Orgão dos positivistas portuguezes, e publicada debaixo da direcção de Theophilo Braga, o obreiro benemerito e illustre da *Historia da Literatura Portugueza*, encerra já hoje trabalhos scientificos de primeira ordem e tem aberto diante de si um horizonte largo. Com effeito um jornal onde colaboram Theophilo, Vasconcellos Abreu, Horacio Ferrari, Julio de Mattos, um jornal que é o unico representante na Peninsula das ideias da escola positivista de Comte, Littré, Stuart Mill, Herbert Spencer é uma fonte a que temos de recorrer, todos quantos quizermos mostrar como Portugal acompanha a moderna evolução scientifica da Europa.

(Conclue.)

Joaquim d'Araujo.

